

entro  
tecer

KAISA ANDRADE

RECIFE  
2023



ENTRETECER

Kaísa Lorena Oliveira Andrade

Projeto artístico equivalente a dissertação de mestrado apresentado ao Programa de Pós graduação em Artes Visuais (PPGAV UFPE/UFPB) para obtenção do título de Mestra em Artes Visuais.

Linha 3: Processos criativos.

Orientadora: Flora Romanelli Assumpção.

Recife  
2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO



PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS

**KAÍSA LORENA OLIVEIRA ANDRADE**

**ENTRETECER**

**Catálogo na publicação  
Seção de Catalogação e Classificação**

A553e Andrade, Kaísa Lorena Oliveira.  
Entretecer / Kaísa Lorena Oliveira Andrade. -  
Recife, 2023.  
122 f. : il.

Orientação: Flora Romanelli Assumpção.  
Dissertação (Mestrado) - UFPB/UFPE/CCTA.


1. Arte contemporânea. 2. Obras híbridas. 3.  
Processo de criação em rede. 4. Dissidência. 5. Caderno  
de artista. I. Assumpção, Flora Romanelli. II. Título.

UFPB/BC


CDU 7.038.6(043)

Aprovado em: 31/08/2023


Comissão Examinadora:

Documento assinado digitalmente  
 FLORA ROMANELLI ASSUMPCAO  
Data: 12/09/2023 16:47:36-0300  
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

**Dra. Flora Romanelli Assumpção (PPGAV/UFPE)  
Orientadora/Presidente**

Documento assinado digitalmente  
 ALBERTO RICARDO PESSOA  
Data: 13/09/2023 23:46:38-0300  
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

**Dr. Alberto Ricardo Pessoa – (PPGAV/UFPB)  
Examinador Titular Interno**

Documento assinado digitalmente  
 EDUARDO ROMERO LOPES BARBOSA  
Data: 31/08/2023 23:28:56-0300  
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

**Dr. Eduardo Romero Lopes Barbosa (UFPE)  
Examinador Titular Externo à Instituição**

## AGRADECIMENTOS

Aos artistas e curadores que contribuíram com trocas essenciais para construção coletiva desta pesquisa.

A minha família e meus amigos pelo apoio nessa trajetória, especialmente Clarice Fernandes, pela revisão atenta e cuidadosa deste trabalho, e Fernando Athayde e Eduarda Freitas pelo suporte com o design.

Aos professores do Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais UFPB/UFPE.

À Pró-Reitoria de Pós-Graduação da Universidade Federal da Paraíba pela concessão do Auxílio Financeiro Por Mérito Acadêmico.

À Prefeitura do Recife, pela aprovação do projeto no Edital de Fomento à Cultura Recife Virado.

Ao Hotel Globo e ao Museu Murillo La Greca pelo acolhimento da exposição Confluências.

Ao Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães (MAMAM) e toda sua equipe pela concessão do Aquário Oiticica para realização da exposição.

*“É sempre mais difícil  
ancorar um navio no espaço”  
Ana Cristina Cesar.*

## Resumo

Esta pesquisa apresenta o processo de criação em rede proposto a dois artistas visuais dissidentes, Sumaya Nascimento e Mitsy Queiroz, com o objetivo de criar obras híbridas, em diálogo com dois curadores, Ana Gabriella Aires e Guilherme Moraes. O processo foi dividido em duas etapas: imersão para criação dos trabalhos e a produção da exposição “Isto é um roçar de mãos?”, no Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães, MAMAM, Recife-PE. O trabalho criativo foi registrado em um caderno de criação colaborativo e as reuniões foram gravadas em áudio e transcritas. Neste processo, os conceitos de autoria, artista, curador, hibridização, dissidência e rede foram explorados e borrados. Colocou-se, assim, em evidência o entrecimento das interpretações e do fazer artístico em grupo.

Palavras-chave: artes contemporâneas; processo de criação em rede; dissidência; obras híbridas; caderno de artista.

## Abstract

This research shows the network creation process proposed to two dissident visual artists, Sumaya Nascimento and Mitsy Queiroz, in order to create hybrid works, in dialogue between two curators, Ana Gabriella Aires and Guilherme Moraes. The process was divided into two stages: immersion to create the works and the production of the exhibition “Isto é um roçar de mãos?”, at the Museum of Modern Art Aloísio Magalhães, MAMAM, Recife-PE. The creative work was recorded in a collaborative creation brochure and the meetings were recorded in audio and transcribed. In this process, the concepts of authorship, artist, curator, hybridization, dissent and network were explored and blurred. Thus, the interweaving of interpretations and artistic work in groups was highlighted.

Keywords: contemporary arts; network creation process; dissent; hybrid works; artist brochure.

**Todo ponto é um  
ponto de partida:  
um relato**

Entretecer surge do meu desejo de investigar o processo de criação em rede junto a corpos dissidentes e explorar a potência criativa que nasce desse encontro. Então, entretecer é uma pesquisa teórico-prática que ressoa em encontros online e presenciais com artistas e curadores, na exposição “Isto é um roçar de mãos?”, no caderno compartilhado entre os participantes e neste livro de artista. A palavra-poética-título deste projeto:

*significa vamos tecer juntos, tecer entremeado. O uso da palavra não é aleatório, tampouco estético, mas, de fato, intencional. O ato de entretecer fundamenta uma concepção de pesquisa que pretende construir a partir de uma perspectiva crítica, questionadora, dialógica e dialética. Tecer juntos, entremeando, almeja uma produção coletiva de conhecimentos, respeitadora de múltiplas perspectivas e que contemple o ir e vir, o relativo, o temporário e o imprevisível da complexidade contemporânea” (LIPPI; NEIRA, 2012, p.612).*

Interessa-me olhar para os registros que atravessam o percurso da criação, essa caminhada que não tem um ponto final definido e está sempre em movimento. Acredito que é através deles que conseguimos encontrar vestígios para captar como eles se dão. Para Salles, os documentos de registro desempenham papéis de armazenamento, “que atuam como auxiliares no percurso de concretização da obra e que nutrem o artista e a obra em criação” (SALLES, 2017, p. 57) e experimentação,

*deixando transparecer a natureza indutiva da criação. Nesse momento de concretização, da obra hipóteses de naturezas diversas são levantadas e testadas. São possibilidades de obras. Sob essa perspectiva, são registros da experimentação sempre presentes ao longo do percurso, encontrados em rascunhos, estudos, croquis, esboços, roteiros, maquetes, copiões, projetos, ensaios teatrais e da dança, contatos fotográficos, storyboards (SALLES, 2017, p. 58).*

Certa vez, bordei a frase “todo ponto é um ponto de partida” que me surgiu durante o processo arteterapêutico em um momento de reflexão em que me encontrava ansiosa e com medo de começar. O começo é cheio de medos e ao mesmo tempo de empolgação por algo novo. Mas, por onde e como começar? Essa pergunta surgiu nas primeiras reuniões com o grupo e eu retomo neste momento enquanto penso em retrospecto.

O ponto de partida dessa trajetória aconteceu durante as disciplinas, mais especificamente nos primeiros trabalhos, que foram importantes exercícios em contribuição para a pesquisa. Pude experimentar e receber o feedback dos professores, que traziam novos olhares. Outro ponto importante foi a exposição coletiva “Confluências”, que aconteceu no Hotel Globo, em João Pessoa - na qual tive oportunidade de escrever o texto curatorial, além de exibir os trabalhos que realizei durante o primeiro ano do mestrado - e no Museu Murillo La Greca, em Recife, com a co-curadoria da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Flora Assumpção. Mais um ponto se estabelece quando crio um ateliê colaborativo com a artista Sumaya Nascimento, na zona norte do Recife, espaço de trabalho essencial para construção das obras. Além disso, para ajudar a construir e atualizar meu repertório visual, frequentei exposições de outros artistas e registrava alguns desses trabalhos.

Em 2021 fiz revisão bibliográfica sistemática na base de dados da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), do Instituto Brasileiro de Ciência e Tecnologia (IBICT), no recorte temporal de 2010 a 2020. Os descritores escolhidos para serem utilizados na pesquisa foram: processo de criação, artes visuais e redes da criação, selecionando todos os campos disponíveis, na busca avançada. A escolha se deu pelo fato do projeto de mestrado ser voltado para uma investigação de poéticas de criação de forma colaborativa dentro da área de artes visuais.

Buscando apenas processo de criação na busca simples, encontrei 13167 resultados, cruzando processo de criação e Artes Visuais o número caiu para 437 resultados. Adicionando o terceiro descritor redes da criação o resultado cai para 50 resultados, na busca avançada. Foram obtidos no total com o cruzamento dos três descritores escolhidos cinquenta resultados. Destes, a partir da leitura do título, das palavras-chave e resumos, descartei os trabalhos voltados para o do ensino de artes visuais em sala de aula, sendo percebido um volume expressivo nesse campo. Nos voltamos para aqueles que tratam de processos poéticos de criação artística, não apenas se restringindo a esse aspecto, mas sim, aqueles que se relacionam com práticas colaborativas e/ou voltados para investigação ou produção de obras híbridas. Reduzi então para análise para um total de seis teses e dissertações. Destes, duas eram teses de doutorado e quatro eram dissertações de mestrado: a tese “Redes comunicacionais e procedimentos de criação: poéticas intermédias na experimentação contemporânea” de Eliane Cristina Testa, na PUC-SP, em 2015; a dissertação “Da casa expandida ao deslocamento como instrumento de criação” de Bianca Panigass Zechinato na UNESP em 2016; a dissertação “Ficções e suas incursões entre a vida e a arte: uma produção em arte e tecnologia” de Cíntia Medianeira Bitencourt de Lima em 2017; a tese “A joia de artista = caminhos e processos de artistas surrealistas” de Raquel Carneiron Amin na UNICAMP em 2017; a dissertação “DNA afetivo Kamê e Kanhru: prática artística colaborativa em comunidade Kaingáng” de Kalinka Lorenc Mallmann na UFSM em 2018 e a dissertação “Os deslocamentos de Ana Mendieta: rastros, intervalos e fronteiras” de Isabela Tozini Silva na UNESP em 2018.

O projeto começa a tomar forma quando o inscrevo no Edital de Fomento à Cultura Recife Virado, promovido pela Prefeitura do Recife e



Fundação de Cultura da Cidade do Recife, em outubro de 2021, com intuito de conseguir verba para realizar a exposição proposta nesta pesquisa de dissertação e assim se formaliza com o convite aos participantes. Me coloco aqui também como produtora cultural e executiva, atuando nas questões burocráticas e na produção do evento para abertura da exposição. Agora, um ano após, o projeto começa a tomar outra forma, nesta, de livro, numa tradução de linguagens. As reuniões com a equipe começaram oficialmente em janeiro de 2022. Inicialmente, o espaço expositivo para a mostra seria o Museu do Trem, no mês de julho, porém ele entrou em reforma e foi fechado. Tivemos, então, que articular outras possibilidades. Dessa forma, a exposição foi realizada no Aquário Oiticica do Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães - MAMAM, em Recife, de 2 de julho a 13 de agosto. Durante a abertura tive a oportunidade de mediar a exposição para os alunos do IFPE, que estavam visitando o museu no dia.

Nesta dissertação, a escrita irá permear as imagens produzidas durante os dois anos de pesquisa, ora como comentário sobre as obras, ora como registro do processo de criação, materializado no caderno de artista compartilhado, em anotações no google docs e na transcrição das gravações em áudio das reuniões com o grupo.

Os trabalhos apresentados aqui resultam de muitas mãos. Focada em processos de criação em rede formada por corpos dissidentes, esta pesquisa foi entrelaçada pelas vivências entre o grupo composto por Ana Gabriella Aires, Guilherme Moraes, Mitsy Queiroz, Sumaya Nascimento, Mariana Melo e Thaís Schio, sendo todos participantes da comunidade LGBT, alguns desses sendo pessoas racializadas.



Dos fluxos do encontro entre poéticas, nasce Confluências. Daqui, diante do Rio Sanhauá, ocupamos dois salões com seis diferentes narrativas. À medida que vocês nos percorrem, já chegamos em outros lugares.

“Olhar o rio que é de tempo e água  
E recordar que o tempo é outro rio,  
Saber que nos perdemos como o rio  
E que os rostos passam como a água.”

Nos lembra Borges nesse trecho de Arte Poética. Com o tempo que não cessa de passar, tomemos o que for necessário para cruzar até a outra margem, sem deixar de mergulhar no que nos toca. Celebramos, juntas, os caminhos, que continuamos a andar e experimentar. Do entremeio Paraíba-Pernambuco, pesquisas de processos de criação do mestrado em Artes Visuais da UFPE e UFPB se materializam em obras híbridas, com uma diversidade de linguagens artísticas. Até findar no Capibaribe, os cursos que decorrem da academia, desaguam aqui-agora. Andréa, Elizabeth, Kaísa, Louise, Luciene, Marina: presentes.

Texto de apresentação de autoria de Kaísa Andrade, no Hotel Globo, João Pessoa, Paraíba.



DESTITUIR DO TEMPO  
 A HISTÓRIA  
 DESTITUIR DA MEMÓRIA  
 A PRESENÇA  
 DESTITUIR DO FÍSICO  
 A EXISTÊNCIA  
 DESTITUIR DA FALA  
 A COMUNICAÇÃO  
 DESTITUIR DO REAL  
 A VERDADE  
 DESTITUIR DO VISÍVEL  
 DO INVISÍVEL  
 DO TANGÍVEL  
 DESTITUIR



**SER  
 AFLUENTE**  
  
**PERMEAR  
 TERRITÓRIOS**



ACHO PESADO  
 MAS SAI O QUE  
 DA LÍNGUA MAS  
 DE "QUANDO EU  
 TOUFA BESO ME  
 INCA TOUFA E  
 ME BRANQUEI  
 ME DO, LAMBIA  
 DE CACAO? O ME  
 DO DA O LUGAR  
 A O MAL? TEM  
 QUE SER RAZÃO  
 MAIS, ALI COMO  
 ISSO É DIFÍCIL  
 ME ESFORÇO MUITO  
 PARA MANTER  
 TRAZ A LUZ  
 QUERIA SER BEM  
 RAULI BRABA SEM  
 ESFORÇO. ESSA  
 EVANGELIA QUEM  
 TO PARA ME MANTER  
 CONSCIENTE  
 É QUE ME DEIXA  
 PENTE. MINHA  
 ESCOVADA PIGNA  
 CA MAS ESTÁ  
 IN DO BEM, TEM  
 MO OUB ELADO  
 RA-FA PARA VO  
 DEL DA CAVERA  
 LA CANSE LER





Anotações ☆ 📄 🌐

Arquivo Editar Ver Inserir Formatar Ferramentas Extensões Ajuda A última edição foi feita em 26 de agosto, 2023

100% Texto norm... Arial - 11 + B I U A

← RESUMO +

ESTRUTURA DE TÓPICOS

Os títulos que forem adicionados ao documento aparecerão aqui.

← RESUMO +

ESTRUTURA DE TÓPICOS

Os títulos que forem adicionados ao documento aparecerão aqui.

“Como lidar com o começo das coisas?  
Como é? Abre?

Um lugar tão íntimo, como o quarto, a cama,  
O dispositivo porta: eu abri o caderno  
: preciso respirar dentro dele,  
Comprar uma alfazema, incorporar

Eu roubei um pouco agora  
Entender o porquê eu me distancio delas  
Que tipo de memória alimenta essas imagens?  
Fotografar sem usar a câmera?  
Eu vou muito pra coisa do movimento  
Autorretrato  
Foi aí que foi chegando a imagem pra mim  
Ou performance?

Tudo é retrato, tudo é performance

O olhar do espectador : é como se fosse eu  
Entrar nesse corpo de alguma forma  
O tempo passando sobre os corpos da natureza

O limite? Dos corpos?  
Como retratar o limite?  
Fotografar uma ideia, uma sensação

Eu me propus aprender a nadar

Aprender a respirar

Muito mais do que uma sequência num corpo mecânico

Encaixar corpo e respiração embaixo d'água

Mitsy

Corpo sensível

São programações

Todos os procedimentos que eu fazia

Condução do erro

Obsolescência das tecnologias

Dispositivos que estão quebrados, em falha

Uma escrita da pesquisa-poética

Sumaya

Afetos-conexões-pessoas-encontros

Ligações, encontros do acaso

Pensar em novos espaços

Coisa megalomaniaca, ser grande de pulsões

Kaísa

Importante: incorporar ruídos e erros

Eu comecei a misturar as coisas assim

Sobras/Arquivos

Imagem em movimento

Interferir nas fotografias

Arte-sonora: Performance

Interesse em misturar as linguagens

Uma criação em rede

A linha de processos criativos

Questões autobiográficas

Começo e fim? Ligação de tudo? Ciclo?

KAISA pessoas / espelhos / coração

Conexão / relações / ruptura / família

Expandir o coração

Olhar para o espelho / olhar para dentro

MISTY

Expansão coração vulcão

Qual é o fim da obra?

Larva chamas mar tempo rocha montanhas

O tempo que finca

Frio que queima por dentro

SU

Fotografia não é meu forte

Eu queria que fosse concreto

Eu não é

Aparecer essa pele vermelha embaixo

Relação de permanência

Como eu vim parar aqui? Como eu to aqui? O que me faz ficar aqui?

Todas as pessoas que eu tenho contato

Formam quem eu sou

Todos esses encontros

O cordão umbilical

Essa presença em tudo : presente

Estava vazando mas

MITSY

Como pensar a tridimensionalidade?

Ainda hoje

Território movimento nível fronteiras placas

Invisíveis

Limites

Continuar a andar [caminhas](#)





Um desequilibrar-se

A gente se joga pra frente

E abraça o chão com o

Outro pé o dedão é o

Responsável pelo nosso equilíbrio

Algo ainda para resolver com essa peça

Escova pra escamar peixe

Memória

Meu avô descamando peixe sem blusa

Calça social

Descamando peixe a galera que faz

As ferramentas ativam (aqui eu perdi uma palavra> e xxxxx) o corpo

KAÍSA

Enqautno Mitsy vem com o pé

Eu vou com a mão

Sumaya: coração

Limite do corpo

LIMITE LIMITE LIMITE cortar paredes minhas para que seja confortável para outras pessoas  
uma coisa que você não venderia na sua casa

CONTAMINAÇÃO

Objetos ocultos





Portas abertas

Trabalho que está em aberto

O entre

Ante vê

Procurar pela forma

Quadrado

Uma colagem que

Vídeo enquanto mergulho

Guiado o som a colagem

Caderno com ideias inacabadas adubadas

Estabelecer relação com um caderno novo

Se aproximar, pedir licença para entrar

Um ateliê coletivo em vocês mesmos

Exposição como processo

Em transito: escrevo: os trânsitos

Dialogam

Afetam

Constelação





O formato

A ocupação do espaço

Tipos de impressões

DAR A VER AS INFLUÊNCIA

OU

DAR A VER OS CONTATOS

Voltar para os arquivos



19/01/2022

Káisa: Separei esse primeiro momento pra gente se conhecer melhor. Daí, pra cada um se apresentar e falar um pouco do que tá pesquisando ou produzindo no momento.

Gabriella: Estou fazendo mestrado na UNILA, em literatura comparada, então, esse diálogo com outras produções artísticas tem me interessado cada vez mais e tive a oportunidade também de ter uma experiência com curadoria, que eu vou estar trabalhando no projeto, num curso do MAC-USP. Fora isso, a experiência de escrever na Propágulo... mais ou menos por aí e o que eu tenho pesquisado atualmente é a literatura comparada, no mestrado, e esse diálogo entre artes, dos corpos, dos tempos, dos espaços, algo bem aberto. É um prazer estar com vocês.

Mitsy: Eu sou Mitsy, sou artista visual, sou formado em pedagogia, sou pedagogo. E dentro da pedagogia foi quando eu descobri além da minha paixão pela educação, a pelas artes. Conduzi todo meu processo de formação mais acadêmica pras artes visuais. Fiz um mestrado em artes visuais na linha de pesquisa de poéticas e foi uma pesquisa que foi bem importante pra mim, porque eu já tinha uma vivência muito grande de participar de exposições, de um processo criativo muito voltado para fotografia analógica. O mestrado foi o momento que eu pude refletir sobre minha prática e isso foi muito importante nesse percurso e foi quando eu comecei a entender o que eram as minhas paixões, como minhas obsessões estavam conduzindo o meu processo de criação. Ao mesmo tempo, foi um tempo de muitas mudanças no meu próprio corpo, no entendimento que eu tinha do meu gênero. Então, tudo isso calhou muito para entender o que me deixava tão apaixonado pela fotografia analógica, que era essa possibilidade

de ser um corpo. Então, dentro da minha pesquisa, encarei a fotografia e todos os dispositivos fotográficos de imagem técnica, como corpo sensível, pensando que são programações do mesmo jeito que nossos corpos dentro do sistema têm programações. Pensando dessa maneira, eu fui entender que todos esses procedimentos que eu fazia, essas tentativas de entender a sensibilidade desse corpo iam muito para um lugar de condução de erro, de experimentação tanto na condução do erro dessas programações, entender como esse dispositivo funciona para conduzir esse erro quanto pensar na obsolescência dessas tecnologias e para isso utilizar essas imagens, esses equipamentos, dispositivos que estão quebrados e qualquer tipo de falha e procurar nessa falha o potencial criativo. Tudo isso pensando numa perspectiva de uma epistemologia do corpo trans. A minha pesquisa tem uma escrita muito importante, acho importante enfatizar isso, que não é só apenas a imagem, mas a escrita dessa pesquisa foi uma escrita poética, foi um momento que eu tive muitos desafios de fugir de uma escrita acadêmica e isso me deu bastante medo mas, abriu outro campo de atuação que eu me sinto confortável que é com o texto, pensar a palavra, a imagem, dessa maneira. Se deixar, eu falo horrores, mas é basicamente isso. Prazer, todo mundo que conheço, que não conheço, bom rever e conhecer gente nova.

Sumaya: Oi, gente. Então, eu sou Sumaya, tenho 27 anos, sou natural da Paraíba, moro em Recife, sou formada pelo IFPE em Artes Visuais. Também cursei graduação em publicidade na AESO, mas larguei no último período. Meu suporte são muitos. Até um pouco confuso pra eu definir e explicar as coisas que eu faço. O assunto principal da minha poética são os afetos, conexões e pessoas. Eu tenho um interesse muito grande nos encontros, nessas ligações e desencontros do acaso. Meu TCC foi uma instalação que o nome era “O peso dos afetos”, em 2019, no IFPE, que eu trabalhei com barro. Eram 100 corações anatômicos suspensos numa sala vermelha com o som das batidas do coração. Essa batida do

coração tinha um ritmo específico que é quando você se apaixona. Eu penso em muitas coisas, é meio caótico, então acho que vai ser muito legal trabalhar com curadores porque eu tenho essa dificuldade, sabe? De colocar em palavras escritas as coisas que eu faço, que penso. Eu também estudo bastante psicanálise para entender as subjetividades do inconsciente e essas pulsões. Eu não sei se estou me fazendo entender. Mas, é isso, são os afetos das pessoas e o amor. É disso que eu falo basicamente.

Thaís: Oi, boa noite. Eu fui chamada por Kaísa para fazer a assessoria. Meu rolê é todo da comunicação. Eu sou jornalista, quer dizer, fiz letras um pouquinho, mas saí porque eu sou realmente da comunicação mesmo. Me formei em jornalismo, sou jornalista cultural, basicamente só escrevi sobre arte e música. Meu TCC foi uma série de reportagens sobre decolonialidade e arte contemporânea. Hoje em dia, eu trabalho na Amparo60, sou coordenadora de comunicação, uma galeria daqui, acho que a maioria deve conhecer. Tenho um podcast, nesse podcast a gente entrevista artista. Teve um primeiro circuito que foi com poetas, escritores... E é isso, é muita coisa pra sintetizar nesse momento de encontro, mas eu estou feliz de estar aqui.

Guilherme: Oi, gente, boa noite. Eu sou Guilherme. Eu tenho um estudo... muita vontade de estudar arte: o linear entre curadoria, educação, arte, entre esses processo que se entremeiam e agora está entrando nessa bola de neve o processo editorial como uma coisa que está junto. Meu interesse mesmo é falar sobre arte, conversar, estar presente, estar desenvolvendo diálogo e provocando diálogo onde quer que eu esteja. Então, toda a oportunidade de conversar sobre quem a gente é tendo arte como desculpa pra mim é válida. Fico feliz de ter sido chamado por Kaísa. Acho que parte do chamado foi pensando a escrita, mas me coloco à disposição e aberto para o que esses percursos forem despertando na gente.

Kaísa: Então, eu me formei em publicidade, e eu odiava publicidade, nada daquilo fazia sentido pra mim e aí eu tentei sair disso. No meu TCC, eu fiz uma exposição de fotografia no Centro Cultural Correios. Foi uma exposição sobre a representação do corpo das mulheres na publicidade e de como na época, era permeado pelo racismo, machismo e várias questões problemáticas e foi uma desculpa pra criticar publicidade, e eu tava começando a estudar fotografia. Então, eu comecei a entrar no mundo das artes quando eu descobri a fotografia e comecei a pagar outras disciplinas de outros cursos na faculdade, dentre elas Fotografia e Arte, que eu comecei a entender como funcionava e como eu conseguia organizar ensaios visuais e coisas do tipo. E aí eu fui fazer uma pós em fotografia e audiovisual na UNICAP, e como resultado eu fiz um curta metragem experimental, e nunca foi pro mundo, ficou restrito àquele momento mesmo. Mas, aí eu comecei a misturar as coisas, eu sai da fotografia e fui pra coisa experimental da imagem em movimento, e aí depois, em 2020 eu comecei a experimentar em outros formatos, eu comecei a fazer colagem, bordado e interferir nas fotografias que eu fazia, bordando, riscando, colocando tinta por cima, enfim, vários tipos de interferência na fotografia. E aí quando eu entrei no mestrado em 2021, eu fui pra outros lugares também, eu comecei a experimentar em arte sonora, em performance, então, a proposta vem disso também, do meu interesse em misturar as linguagens, numa proposta colaborativa, de investigar o meu processo criativo só que dentro do grupo, uma criação em rede, foi daí que surgiu. E aí em 2020 eu fiz uma zine com Gabriella e Sumaya, e foi bem intenso, passamos sete horas direto montando, e foi uma grande mistura essa zine, trouxemos pessoas de diferentes lugares e tinha várias linguagens diferentes, e aquilo me instigou muito e eu comecei a pensar mais sobre como eu era muito mais estimulada a criar quando eu tava junto a outras pessoas. E aí eu vou trazer um vídeo da zine e comentar rapidamente sobre. Esse vídeo partiu de uma colagem que eu fiz

misturando imagem e texto e aí em uma das reuniões Gabriella sugeriu que eles fizessem uma leitura poética desse trabalho, e aí depois que eu vi isso pronto eu me ouvi de outra forma, se transformou em outra coisa, mudando o olhar sobre aquilo. Então, uma coisa que eu produzi sozinha tomou outras proporções e outras leituras numa perspectiva coletiva e isso foi um grande insight pra pensar sobre esses processos colaborativos. Porque a partir da publicação da zine, eu percebi essa mistura de autorias, porque nessa leitura eu senti que aquilo não era só meu, foi pra outros lugares e é isso que me interessa nesse momento. E pra esse projeto, quando eu pensei em chamar duas pessoas... eu tinha pensado só em convidar artistas, mas quando pensei sobre a curadoria e o texto curatorial, também pensei que deveria ser coletiva. Uma coisa que pensei com Sumaya é sobre a participação das pessoas na exposição. Na exposição que eu fiz do TCC na ata, as pessoas não escreviam só o nome delas, e tinha gente que usava a página inteira para escrever um texto gigantesco sobre o que elas achavam da exposição. E aí a gente pensou em criar uma ata objeto, Sumaya vai fazer porque ela tem esse processo de encadernação, de criar livros... e aí ela vai fazer um buraco nessa ata e colocar o diário de bordo, que vai ser o caderno que vou usar pra registrar todo o processo criativo e convido também os artistas a registrarem o processo de criação que vamos fazer juntos pra colocar no caderno e deixar disponível pras pessoas mexerem com o processo de criação. Porque a linha que eu estou é de processos criativos, então parte importante da exposição é expor o processo de criação e não apenas as obras finalizadas.

Guilherme: Sabe o que pode ser bem rico? É passar a considerar também que as pessoas estão escrevendo são dois artistas disfarçados que estão trabalhando com acompanhamento e com uma coisa que tu mesma já tá fazendo, porque é muito curatorial tu tá tendo esse pontapé de criar um mote discursivo, mas, a partir daí criar em conjunto, e tá administrando

isso, com tua poética, com o que te provoca, não sei... Puxando pra minha área de conhecimento, mas também tem um lance de estudo de processo criativo curatorial que pode atravessar o teu processo artístico e que pode ser massa também.

Gabriela: Foi massa tu trazer esse vídeo da zine, porque esse também foi um processo curatorial que a gente fez em coletivo, inclusive, né? Acho que é massa essa energia, porque tem uma espontaneidade, por exemplo, essa produção desse vídeo. A gente não sabia que Sumaya estava gravando, a gente só tava lendo. Eu anotei algumas coisas que vocês falaram e eu gostei muito porque tem coisas que chamam atenção e dialoga muito com o que me interessa. Todo mundo acaba que junto vai passando por esses dois processos: de criar e de curar, pensando o curar de maneira mais ampla.

Sumaya: Eu estava fazendo o caderno e aí eu pensei que é o começo e o fim. Vai ser um caderno de ata, que as pessoas vão escrever que dentro vai ter o processo inicial que tu pensou. Essa ligação de tudo vai estar o tempo inteiro, essa rede, essa conexão, de construção o tempo inteiro de todas as pessoas. Vai estar sempre ativo.

Kaísa: E acho que é daí que vem o nome do projeto, que não precisa ser o nome da exposição, gostaria que vocês sugerissem depois. Eu acho muito difícil nomear as coisas. Ah, outra coisa que esqueci de falar, é que na minha pesquisa, essas interferências são muito importantes, a coisa do incorporar ruídos e erros que acontecem durante o processo e assumir esses erros. Tive reunião separada com Sumaya e Mitsy e pensamos em reunir arquivos, sobras, restos mesmo.

08/02/2022

Mitsy: A gente se reuniu e estávamos conversando sobre que

dinâmica seria possível das nossas poéticas se encontrassem de maneira que a gente entendesse como uma conversa, foi uma das palavras que a gente mais usou hoje, de maneira que as nossas produções pudessem conversar entre si e não que fosse apenas uma interferência de uma sobre a outra, mas que a gente conseguisse um lugar que a gente pudesse estabelecer uma conversa e também pudesse preservar o que há das particularidades no processo de produção de cada um. Então, a gente tava hoje tentando elaborar que dinâmica seria interessante pra gente dar esse pontapé. Desde a primeira reunião que eu tive com Kaísa, a gente tinha pensado de olhar pros nossos arquivos e procurar potencialidades para começar esse tipo de conversa. Hoje, eu mandei um material pra ela para que a gente pudesse fazer o seguinte. Hoje, eu também peguei o caderno que a gente vai compartilhar. E aí a gente pensou o seguinte: de uma dinâmica que a cada semana, por exemplo, eu vou apresentar o material e elas vão trazer que tipo de produção elas acreditam que podem conversar com esse material que eu apresentei. Então, vão trazer também uma palavra, porque foi algo que a gente também discutiu bastante sobre a imagem e a palavra, a palavra também enquanto imagem e como é que poderia haver esse diálogo entre essas duas linguagens. Enquanto isso, eu vou ficar fazendo anotações no caderno de processo e no material que eu mandei pra elas, elas vão apresentar uma palavra, das leituras que elas vão fazer desse material e de repente uma produção delas e partir disso a gente vai depois girar, para que uma próxima possa apresentar também um material e a gente possa ver nessa dinâmica como a gente pode se encontrar nessa conversa.

Kaísa: Tu vai compartilhar agora essas imagens com a gente, né?

Mitsy: Dessas nossas provocações, eu trouxe três possíveis proposições. São fotografias de anos diferentes, de rolos de filmes diferentes, mas que quando eu juntei essas quatro imagens elas me provocaram muito.

Eu não vou colocar palavras nem tentar explicar essas imagens para que isso também não seja um lugar que vai interferir no processo que vai se iniciar a partir de agora, né? É a partir dessas imagens que a gente vai começar a conversar. Dentro dessas pesquisas de arquivo, eu trouxe essas quatro lâminas.

Guilherme: E aí essas imagens vão acontecendo como uma provocação para Kaísa e Sumaya, não é isso? Para devolver palavra e produção.

Mitsy: A gente conversou bastante sobre essa dimensão da palavra, tanto sobre a construção de sentido das obras, quando isso geralmente acontece a posteriori ou quando acontece antes... de quando a gente pensa uma imagem e a gente vai atrás dela ou quando a gente faz essa união de imagens que partem muito de um lugar de sentir mas que ainda falta um certo entendimento, uma dificuldade de construir um sentido para imagens e a gente conversou bastante sobre a necessidade de não necessariamente que essas palavras sejam legenda para as imagens, mas que elas tenham uma certa continuidade de construção de sentido, de ampliar a potencialidade dessas imagens para aquilo que a fotografia construiu de ambiente e que a palavra pode também abraçar. E aí eu tava falando até mesmo, por exemplo, da Propágulo, do “Chá de Revelação”, que foi um texto que foi muito exemplo disso, tem a fotografia mas aí eu construí um texto que amplia a potencialidade da imagem, trazendo outros elementos que não necessariamente estão explícitos ali, mas abre mais horizontes de leitura do que na verdade direcionar e fazer com que a pessoa que aprecia e observa apenas dizer “Olha, é isso”. A gente então pensou muito sobre essas dinâmicas de mediação e como é que a gente poderia usar de uma dinâmica de mediação para esse processo de construção de obra conjunta, né? Para que a gente pudesse preservar de fato o que cada um traz, porque cada um de nós tem uma forma de produzir

e de conduzir nossas inquietações de uma maneira, para que não ficasse apenas uma coisa de reescrita e de sobreposição e que aquilo ali ficasse como botar num liquidificador e misturar tudo, né? Isso não seria ideal para esse momento. (...) Então, a gente pensou que essa dinâmica seria interessante de começar a dar esse giro para que a gente pudesse se reunir presencialmente novamente já com materiais até impressos para entender como isso espacialmente iria acontecer, já que também espacialmente as leituras são outras, por uma questão de escala, posicionamento dessas imagens e de como isso seria produtivo para essa exposição. Exposição, em último caso, antes disso a gente precisa entender de como esse projeto chega com as nossas três produções.

Guilherme: O que eu acho chique é que acaba que é uma aproximação tão grande entre palavra e imagem e imagem escrita que eu acho que nem faz sentido distinguir tanto, né? É como se o diálogo tivesse acontecendo também nessa construção de sobreposição de imagem. Essa conversa vai começar a acontecer como um texto entre vocês três, um texto dialogado bem legal e que realmente não vai ser esse Frankenstein de poéticas.

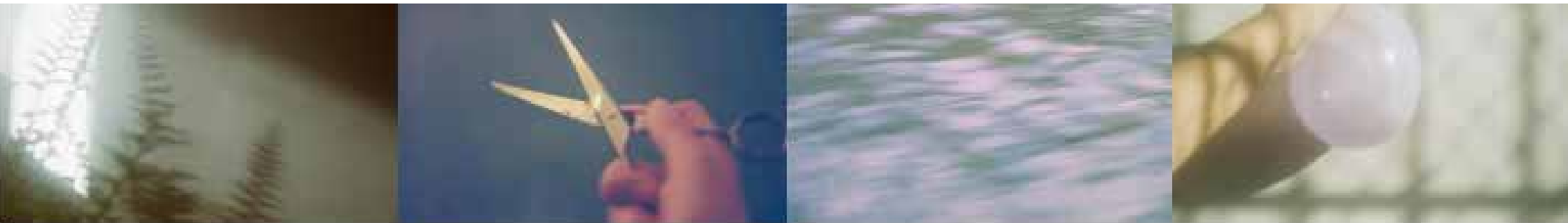
Gabriella: Então, isso que Guilherme falou agora dessa fronteira que na verdade tem muito mais a ver com o esmaecer da fronteira ou o apagar essa fronteira eu acho muito potente. Era o que eu ia falar, sabe? Eu, esses dias, estava refletindo justamente sobre o quão algumas formas de comunicação são privilegiadas enquanto outras são colocadas de lado. A palavra inclusive é uma forma eleita já. Então, o texto escrito é preferível porque ele pressupõe que o signo escrito tem uma capacidade de comunicação mais efetiva. Pensando, como sugestão, não necessariamente uma palavra, mas justamente uma outra imagem ou outro signo que possa representar essa afetação que vocês vão tendo a partir desse contato com as obras. E aí, outra coisa que pensei também tu falando agora Mitsy, essa

Mitsy. Exercício 1:





Essas imagens são um convite para observar a respiração enquanto extensão de um pensamento que articula as memórias do corpo consciente em sua completa transparência. Já que respirar exige estar no tempo presente, onde trocas significativas com o meio são contínuas, oxigenando a capacidade desse corpo de agir no mundo pois, se o afogamento dos últimos tempos sequestra o corpo de sua vitalidade, nos debatemos em busca de outras formas criativas de existir, transmutando a pele que respira em novas condições de sobrevivência.



Assim, esta série surge das provocações que aprender a nadar tem produzido em meu corpo, notando um encadeamento de memórias que despertam do próprio corpo em sua tentativa de fluir em outro meio. Destruindo outras percepções sobre o ar desde o contato com o mar.

As fotografias que apresento tem a pretensão de encarnar essa experiência. O que dentro do meu processo criativo tem sido uma constante a formulação de narrativas não lineares, marcadas pelo dissenso das técnicas que prevalecem na fotografia, como recurso plástico para imersão e até mesmo crítica aplicada em sua fotograficidade.

Mitsy Queiroz

coisa do espaço e tudo, lembrei de quando a gente foi no Museu do Trem e a gente conversou lá, a questão de atentar o trabalho que vocês vão fazer com o espaço. O espaço ainda está mantido?

Kaísa: Tá sim, falei com ele hoje e o espaço está disponível para junho.

Gabriella: Pensando a questão do espaço, tô colocando aqui em questão como co-curadora do projeto e pensando nesse trabalho de curar como a gente, juntos, poder apresentar, então tô colocando nesse sentido. E de repente, a gente fazer reuniões nesse espaço pra vocês irem se alimentando desse espaço também pra ver como esse espaço vai construindo também esse diálogo junto com vocês.

Guilherme: Pra mim fica meio difícil o deslocamento, porque nesse horário tenho trabalho e geralmente estou na Propágulo e esse horário de tarde ficaria complicado porque tem o mestrado que iria perder, mas posso ficar acompanhando de noite, ou atuar como testemunha disso, que é o que gosto mais, porque na realidade, o processo curatorial tá sendo conduzido por vocês, se parar pra pensar, né? Esse pensamento dessa sobreposição de trabalhos, que Mitsy selecionou, tudo que vai provocando cada um de vocês já é um eixo curatorial que vai estar acontecendo. Ter a sobreposição de trabalhos enquanto discurso, não enquanto imagem ou, sei lá, textura. Então, estou atuando muito mais como jornalista do que como curador nesse momento.

Mitsy: A gente também pensou no seguinte, Gui. Por conta dessas dinâmicas de deslocamentos, porque, enfim, custos, né? Pra se deslocar. A gente pensou disso ser bem alternado, sabe? Ter apenas momentos que a gente se encontre pessoalmente por conta disso, das dinâmicas do dia a dia e também o acué<sup>1</sup> a mais né, também, pra sair. Mas isso não seria tão

---

<sup>1</sup> Acué: verbete do vocabulário pajubá, comumente utilizado por corpos dissidentes, que significa dinheiro.

regular, de ser toda semana.

Kaísa: O presencial seria mais por essa troca de materiais, por exemplo. Hoje, a gente mostrou coisas que a gente já produziu que são físicas, sabe? Mas de qualquer forma a gente pode digitalizar e trazer em uma apresentação pra compartilhar com todo mundo. E, assim, também abertos também às proposições de vocês, foi uma ideia que tivemos de como vai começar. A gente não sabe se vai dar certo, mas decidimos tentar.

Mitsy: (...) Essa dinâmica também pode acabar indo para outros caminhos, não tá nada muito engessado.

Guilherme: Uma coisa que eu acho bem interessante de pensar e que eu posso contribuir eu acho que é mais bibliograficamente, porque, assim, o meu jeito de construir a curadoria é muito quieto, de observar mesmo. E o que eu acho que é legal da gente pensar em termos de provocação é a gente talvez aprofundar essas relações que vocês estão colocando. Vai ficar um beco sem saída da gente pensar o que é obra e o que não é a partir do momento que vocês tão propondo essa iniciativa que já passa por uma obra colaborativa, ao mesmo tempo que é uma obra em uma exposição que permite ter individualidade, mas toda individualidade tem uma autoria aí e traz uma sobreposição de maneiras de enxergar isso aí que são bem legais. E também de pensar, já que a conversa tá sendo tão pautada na exposição enquanto sintaxe, que é algo que também posso trazer, a exposição enquanto texto, a exposição enquanto uma escrita, que eu acho que pode ser legal. Acho que, na verdade, do meu ponto de vista, quem estuda mais a curadoria do que faz a curadoria ativamente, assim, eu acho que pode ser legal ficar pensando nessas problematizações de o que é a exposição, se realmente faz sentido de algo que tá acontecendo que são diferentes, sabe? E das diferentes maneiras de se falar como tu falou: tem a maneira de se falar do congresso, tem a maneira de falar da

palestra, só que na exposição normalmente estabelece no espaço o que a gente estabelece no tempo do congresso. Na exposição, a fala acontece de maneira bem menos linear e mais plural. Aí posso catar umas referências e colocar mais minhocas na cabeça de vocês.

Sumaya: (...) Eu tenho medo, mas isso não é necessariamente ruim, da gente se perder nesses formatos e ficar muito caótico, não sei muito bem como mostrar isso no espaço expositivo. O que vai ser? Vai ser uma instalação? A gente vai mostrar todos os registros? Óbvio que a gente não produziu ainda, mas eu queria que a gente conversasse sempre sobre isso pra gente ficar consciente sobre as coisas. Não precisa colocar em caixas, mas gostaria que a gente ficasse consciente sobre esses suportes mesmo. O que é isso, sabe? Isso precisa ter algum conceito, colocar em alguma caixa?

Guilherme: Entendo seu ponto, Sumaya. E eu acho que eu me pego muito nessas situações, mas fiquei pensando muito no que Mitsy falou sobre o processo de construção de sentido que às vezes a gente tenta pensar isso antes, eu até coloquei: “antes de conseguir pensar, eu perseguia a imagem”. Eu acho que a gente pode pensar esse caos de um jeito aberto e ao mesmo tempo comprometido e responsável com ele. Eu acho que é diferente a gente se jogar no indefinido e a não cuidar desse se jogar e se jogar de maneira atenta. Eu acho que quando se joga de maneira atenta a gente vai conseguindo uma intimidade com essa pluralidade de atravessamentos, e aí então dá forma pra isso. Acho que a gente pensar na forma agora, já que é uma coisa que tá se formando ainda no início, a gente estaria criando para preencher um formato.

Mitsy: Uma coisa de cada vez. Vamo começar: entender que isso também vai levar a gente pra algum lugar; entender que é meio caótico no início.

Guilherme: E tem tantas pessoas potentes, né? Tem vocês três que têm tanta vontade e poéticas tão comprometidas com elas mesmas que é meio difícil que dê errado no final das contas. Eu tendo a não pensar como a exposição como um produto acabado nunca. Na verdade, a gente é treinado a pensar a exposição como ponto final, a exposição como produto perfeito, a exposição impecável do MOMA. E na verdade a gente pode pensar a exposição enquanto processo, enquanto signo de precariedade, enquanto algo que vai se construindo, algo que a gente nem tem certeza do que tá falando, né? A gente pode ver a exposição como um enunciado, mais um levantamento de provocações que na verdade é, né? Quando a gente lança a exposição, tem toda uma parte do educativo que vai quebrar a exposição toda e que a gente não tem acesso. Então, se a gente assume que ela não é pronta e que ela vai se construindo talvez no meio da montagem da exposição ou, sei lá, talvez no meio da exposição já em curso, surja uma ideia de interferir em algum trabalho que esteja lá e eu acho que isso é potente assim, eu acho que o mais potente de tudo que é o diálogo de vocês e a exposição vai ser mais um respiro desse diálogo, mas a substância de tudo que a gente tá falando já tá nascendo aí e que eu acho que é o mais foda.

Kaísa: Gui, eu queria te perguntar como é teu processo de curadoria mais detalhadamente e como tu acha que vai ser essa co-curadoria com Gabi.

Guilherme: Algumas pessoas ficam inicialmente frustradas como eu desenvolvo meu processo curatorial. Mas meu processo curatorial é estar presente e atento. Ponto. Eu não trago gincana pro artista preencher, tarefa ou, sei lá... eu tava trabalhando com Heitor, que é um artista que eu trabalho, e ele ficava meio agoniado: “Fala, Guilherme, coloco ou não coloco esse trabalho? Faço ou não faço isso?”. Eu não sei... eu acho que eu vejo muito mais meu trabalho como curador como alguém que está presente e

está atento e está com um olhar que é meio de fora e meio de dentro. É óbvio que eu não vou saber tanto quanto vocês o que está acontecendo, mas eu também vou ver de fora a partir dos meus repertórios. E aí eu acho que meu trabalho de curador é ficar pensando a partir disso. Basicamente, eu começo a não parar de pensar e a não parar de relacionar tudo que me rodeia com o que eu estou trabalhando no momento. Então, eu tou lendo e eu tou anotando uma palavra que eu vou poder usar no processo de vocês, eu tou ouvindo música e eu tou anotando alguma pista que faz sentido pra mim, e eu começo a reunir isso, e aí no final eu tento não é nem a atribuir sentido, mas atribuir mais provocação ao trabalho. Então, é isso. Pra mim, a curadoria é desculpa pra ficar conversando, é desculpa pra dar aula. Eu não gosto de dizer o que é que eu estou trabalhando, eu não gosto de encerrar o sentido com isso, eu gosto de criar boas perguntas sobre o que foi produzido para que as pessoas voltem com pulgas atrás da orelha. Meu trabalho como curador é me permitir ser atravessado por isso. Então, provavelmente a exposição vai se encerrar, eu vou tá entrando nela, eu vou tá vendo ela e o processo não vai ter acabado. Acabou agora a exposição da Propágulo 3 de fotografia, até dez dias antes de enviar pra gráfica eu ainda estava mudando meu texto e pensando sobre isso. Meu processo como curador é basicamente como um professor estaria dentro de uma exposição. Eu acho que curadoria é uma desculpa pra ficar conversando sobre coisas que interessam a gente.

Kaísa: Mas tu acha que em certo momento acaba direcionando pra algum lugar o processo?

Guilherme: Claro, a partir do momento que a gente vai criando intimidade a gente fica querendo se meter no trabalho do outro. Mas uma coisa que eu tenho pavor, por exemplo... na exposição que Marcela Dias fez eu tava conversando com Clara Moreira, e eu falei “Clara, acho muito interessante isso que Marcela faz, ela usa o desenho em cima da pintura,

então quebra esse código pintura e desenho..” e ela disse “Não, mas ela não estava pensando nisso, ela estava sendo movida pelo prazer dela” e eu disse “Não, Clara, tudo bem, Marcela não pensou nisso, mas foi uma coisa que eu to pensando e que tá adicionando no trabalho dela” e eu vejo isso. Eu acho que não é buscar uma verdade, nem buscar o ponto de vista da exposição, mas entender que vários pontos de vista vão coabitar e o meu vai coabitar o ponto de vista de vocês. Então, óbvio que eu vou estar contribuindo com meu ponto de vista, mas eu não sou muito de direcionar algo sem abertura e sem que me sinta confortável também. Uma coisa que é importante pro meu processo de escrita é que os artistas sempre são os últimos revisores do que eu tou publicando. Eu realmente acredito nisso. Mas também eu mando avisando: “Olha, não quero te ferir, o processo é esse, porém eu também tenho um olhar participante nisso”. Então, é sempre essa costura, essa brincadeira de autorias, eu me vejo muito mais como uma testemunha de um processo que vai acontecendo, pensando a curadoria, do que de fato um curador que vai impondo um poder.

Gabriella: Aproveitando a deixa da pergunta de Kaísa, Gui, tu já fez co-curadoria? Por que a gente não conversou sobre isso aí aproveitar esse gancho pra de repente a gente combinar alguma coisa de diálogo mesmo...

Guilherme: Sim, na Propágulo algumas ações são de co-curadoria. Eu acredito muito no termo... Geralmente, eu trato assim: que o termo co-curador é quando tem alguém que se insere na escolha, ou no processo que se é mediado e curador como alguém que tá encarregado por arcar com a exposição, com um processo maior, no processo burocrático. Por exemplo, na Propágulo 3, que foi a que Kaísa participou, eu fui o curador e todo mundo que participou da escolha foi co-curador, já nas outras edições eu sou tão curador quanto os outros, então todo mundo é curador ou co-curador, enfim. Também teve a exposição de Marcela e Heitor, que teve

co-curadoria de Steve Coimbra, também pensei curadoria em termos de publicação e daí teve outros curadores envolvidos de outras publicações. Então, eu vejo isso muito parecido, o processo editorial, co-editorial, e aí varia muito com quem tá. Mariana Melo normalmente é co-curadora dos processos que eu faço. Na exposição “Disfarce ou Dissimulação”, Mari foi uma das curadoras junto comigo. Mari é a pessoa que mais me molda e me mostra que eu to errado. E aí tem pessoas que tem uma forma muito mais aberta de lidar, muito mais solta e isso funciona também com Steve, que a gente trabalhou muito separado, ele tem uma visão espacial muito interessante que é totalmente diferente da de Mari. E isso varia muito do processo de cada curador que tá em articulação. A gente pode pensar em compartilhar a escrita, a gente pode pensar em não compartilhar a escrita de maneira nenhuma, a gente pode ter segredos e não contar pros artistas, ou manter um arquivo à parte, a gente pode escrever sobre nossos processos.

15/02/2022

Mitsy: Boa noite. Foi um pouco complicado, foi muito difícil abrir o caderno. Um caderno inteiro em branco, então fiquei numa questão assim de muitas páginas e de como lidar com o começo? Como lidar com o começo das coisas? E aí, eu me eximi um pouco do começo e pulei três páginas e achei prudente com o que quer que a gente possa interferir aqui. Eu ativei ele com uma ideia, botei junto a uma fotografia que eu tinha, um artefato, mas eu não vou mostrar agora, né? Ou é algo que a gente pega e não mostra?

Sumaya: Eu acho que escutar o relato e depois quando eu e Kaísa pegar a gente vê, sabe?

Mitsy: Sim. Eu tava varrendo aqui a minha casa e aí eu abri a porta do quarto e a poeira que eu tava varrendo pra fora fez um pequeno ciclone e eu fiquei pensando nesse dispositivo da porta, de abrir e aí eu fiz um desenho e comecei a viajar em algumas imagens e muito afetado também porque eu tava vendo alguns desenhos da Louise Bourgeois, eu gosto bastante dos desenhos dela e ela tem uma fissura muito grande por desenhar camas sabe? Só que aí ela vai criando uns cenários que acontecem em cima dessa cama. E aí, eu fiquei pensando o quanto nessa porta que se abre, o que seria essa abertura de portas pensando na abertura desse caderno e que revoluções são essas que o que podem acontecer num lugar tão íntimo quanto um quarto, uma cama. E abri o caderno, escrevi algo, fiz um diagrama, juntei com a foto antiga e fiz algumas tentativas de desenho e aí passei para o caderno com um lápis bem especial que ganhei de Clara, foi legal, mas queria que tomasse uma cara do ritmo que eu uso o caderno, que não é uma coisa de “vou me programar pra fazer algo” tanto que a letra é bem “parei, é agora que vou abrir isso”. E aí, botei lá e voltei no outro dia, e é quase como ativar e dialogar, mas eu queria que tivesse mais coisas, mas eu acho que falta o respirar dentro desse caderno, sabe? Preciso respirar dentro dele pra anotar o que tá faltando comprar: uma alfazema, sabe? Para essas coisas que fazem parte desse tempo que eu to com ele também seja essa camada de adesão de coisas do dia a dia.

Kaísa: Massa, muito interessante. Quando eu tava lendo. “Lendo”. Vendo tuas imagens e lendo também, né? Porque comecei a ler as imagens e fiz umas anotações e queria abrir elas aqui. Eu comecei pela segunda sequência de imagens que foi o que tu mais trouxe e aí eu comecei a ler mesmo assim, a composição das imagens, tipo, as linhas, as sombras, o quanto estavam centralizadas ou descentralizadas e aí eu anotei algumas coisas. E aí foi surgindo umas frases do que foi surgindo a partir dessa leitura da composição que pra mim chegou pra mim muito como uma coisa

que tem uma suavidade, da aparência do suave, das cores opacas, não tão saturadas, dessa luz meio difusa/cintilando, e aí quando você vai pras imagens, elas vão dizendo outras coisas, pelo menos pra mim, na minha leitura. Pra mim, elas estão em direções opostas, com objetos pontiagudos que apontam pra um lugar e não tem muita área de respiro, é tudo meio sufocante, e aí me veio uma sensação de claustrofobia e de tá preso, mas tem alguma coisa saindo e apontando para algum lugar. E aí, eu vou ler algumas coisas que escrevi aqui: parte de uma emerge da outra; respiração presa; espaço contido; tensionando os limites; claustrofobia; algo está escapando; e esvair. Depois, eu fui pra sequência um que parece um pouco com a narrativa das outras imagens, mas ela tem uma sutileza que tem algo cheio e vazio e tem a imagem do meio que tá fora do centro, deslocada, mais pra esquerda. E essa grade que também é uma coisa que aprisiona e que tem alguma coisa escapando e alguma coisa entrando, o ar entrando. Eu fiquei pirando nessa ideia das palavras que surgiram. E aí, eu roubei um pouco no jogo agora, porque a ideia era trazer imagens de arquivo e eu criei outras imagens em cima dessas outras que vi, dessa narrativa que consegui identificar, de como chegou pra mim. Eu trouxe todas as imagens, eu não selecionei as que fazem sentido pra mim e as que eu descartaria logo de cara, jogaria fora e não mostraria pra ninguém. Eu trouxe todas que eu fiz porque eu to muito nesse exercício de olhar pras coisas que eu não gosto e que se distanciam das coisas que eu vejo como uma poética de coisas que eu gosto de trabalhar nas imagens, e aí de entender por que me distancio delas e por que não fazem sentido pra mim. Eu anotei umas coisas sobre essas imagens, mas ainda é um pouco confuso pra mim, acho que eu preciso de um tempo pra entender e poder escrever sobre elas.

Mitsy: Eu queria que tu botasse em pauta, não precisa ser agora, mas tentar elencar uma memória, uma coisa que aconteceu com você, de fato. Acho que seria um exercício bom pra tentar colocar esse sentido,

sabe? Tentar chegar perto dele, assim... O que desperta de memória, memória não só um acontecimento, mas qual a memória do seu corpo? Quando você produz essas imagens, o que é que você tá alimentando? Que memória alimenta essas imagens?

Kaísa: Acho que eu consigo falar mais sobre como eu fiz as imagens do que sobre isso agora.

Mitsy: Eu queria saber disso, como foi esse... porque você chegou assim já "eu trouxe essas fotos" e eu achei muito chique isso, você não falou em momento nenhum essas imagens que eu fiz de uma xérox ou de uma digitalizadora. Eu acho interessante isso, de entender esses dispositivos como um dispositivo fotográfico em potencial. Eu to curioso pra saber como foi.

Kaísa: Então, é, foi bem por aí mesmo. Eu senti elas como se fossem fotografias, porque quando eu vi essas tuas fotos eu fiquei com vontade de fotografar, mas eu não queria usar a câmera, mas eu acho que eu trouxe um resultado muito parecido com coisas que eu faço com a câmera. Foi a primeira vez que eu fui experimentar com o scanner, eu realmente nunca tinha mexido nisso pra criar imagens, eu já tinha visto umas coisas que Su fez, mas eu pensava que ia ficar uma coisa muito figurativa, e minhas fotos quase nunca são figurativas e vai mais pro movimento e eu achei que ia ficar muito estática e delineada, e aí quando eu fui experimentando com esse dispositivo eu fui ver que dava pra fazer outras coisas. E aí nessa última foto eu fui abrindo e fechando a tampa, mexendo com essa coisa da luz e da sombra para criar essas texturas e eu comecei com esses objetos e fui também para o meu corpo também, colocando partes do meu corpo aí, e aí foi inevitável pensar no autorretrato. E aí, eu não quero... acho que a mesma coisa que Sumaya tava falando dos corações "Eu só faço corações, eu não aguento mais corações". E eu tava tipo "eu não quero fazer autorretrato, eu não quis usar a câmera porque eu sabia que ia pro

autorretrato”. E aí quando eu fui pra esse dispositivo, eu falei “é isso, eu tou fazendo autorretrato de novo”, mas foi aí que foi chegando a imagem pra mim, quando eu consegui misturar esses objetos com a interação com meu corpo ali

Mitsy: É autorretrato ou performance?

Kaísa: Acho que tem um pouco dos dois nisso.

Mitsy: Só pra provocar mesmo. Pra pensar o que é um retrato? Tudo que a gente faz acaba sendo um retrato, é bem revelador isso. Tu produziu essas imagens em um dia só, uma noite, em que momento isso apareceu? Essa vontade de parar tudo e ligar a scanner?

Kaísa: Foi num dia só, numa tarde só. Eu fiquei muito tempo olhando tuas imagens, olhando as questões técnicas e da narrativa, dessas duas realidades que estão na fotografia, da primeira que você vê e o que está por trás também. Eu fiz em umas duas horas e depois fiquei tratando elas.

Mitsy: Tu tratou todas elas?

Kaísa: Sim, todas, mas algumas nem mexi em tanta coisa. Fiz quarta-feira passada, um dia depois da reunião. Acho que aquilo estava muito forte, aquelas imagens em mim e meio que saiu assim automático. E eu achei que eu ia pra essa coisa de buscar arquivos, mas me veio uma necessidade de criar imagens, sabe? Que era algo que eu tava sentindo falta de fazer.

Guilherme: Eu to passado porque é muito do que eu falei no encontro passado que eu acho que to mais como jornalista do que como curador porque o acompanhamento eu to vendo se desenrolar na minha frente. Eu tinha separado umas coisas pra mostrar hoje, mas algumas palavras que vocês falaram agora, Kaísa falando de quebrar as regras do jogo, Mitsy perguntando se era autorretrato ou performance, e aí eu vou desviar pra essas palavras também. Vou fazer um comentário. Vou ser o comentarista da partida. A palavra curadoria, o conceito de curadores não existe na

França, há outras funções que acontecem lá. Eles chamam de comissário de exposição. Tem um livrinho que é uma conversa publicada que se chama em francês “O que é curadoria?”, que é “Qu’est-ce que le curating ?” justamente curadoria em inglês porque não tem a palavra. E aí, são alguns artistas, Hans Ulrich, mas são quatro pessoas conversando sobre o que diabos é isso num contexto onde isso propriamente não existe, e aí, é um livro bem legal porque ajuda a gente a conceituar e entender quando é que ela ta acontecendo. Eu sou meio fissurado em microclassificações em coisas que estou estudando e criar um pra entender como é que a coisa se aplica, obviamente porque nada se aplica em nada e tudo está em mil categorias ao mesmo tempo. Mas uma das autoras, que acho que é Elie During, não sei de onde ela é, não lembro, mas ela tenta estabelecer alguns paradigmas pra gente entender o gesto curatorial quando ele tá acontecendo. Ela propõe quatro paradigmas: conversa, performance, jogo e arquivo. E, assim, eu não preciso nem dizer que as quatro palavras estão bem atravessadas aqui. Mas a conversa acontece entendendo o curador como aquele que estabelece diálogos onde necessariamente não aconteceria um diálogo, ela fala um diálogo entre pessoas que não teriam necessariamente o que falar, mas eu acredito que ela ta querendo dizer estabelece um contexto de manutenção de diálogo e utiliza da conversa como prática, que eu acho que foi muito bem recebido por Kaísa e por Mitsy agora tentando sustentar um diálogo. A sustentação de diálogo como gesto curatorial, que eu acho que é o que amarra meu fazer, tanto educação, quanto curadoria quanto jornalismo, que vai sustentando o diálogo, então eu já percebo curadoria nesse processo de agora. A outra questão, performance, ela coloca que tanto entre a performance e o teatro mesmo é isso de montar um circo e sustentar esse circo, então associa muito o curador ao dono do circo, sabe? Aquele apresentador do picadeiro que vai direcionando, apresentando o set, e vai deixando que essas alterações ganhem palco. Foi

uma coisa inclusive que Bruna Rafaela me falou uma vez: o que eu faço no Risco é montar o picadeiro e eu falei “Bruna, tu é curadora, tu sustenta a situação do encontro, do diálogo”. E eu acho que a curadoria tende muito a ser performance, muitas vezes, porque a gente tá estabelecendo algumas situações, situações específicas, situações relacionais, onde a gente tá de alguma maneira ensinando algo também ou apresentando algo também. O jogo em si é uma coisa que Hans Ulrich fala muito, ele fala que toda curadoria deveria acrescentar uma regra nesse grande jogo que é fazer exposição, que é fazer curadoria. Quando Kaísa mesma falou que quebrou uma regra, a gente já pensa que a gente estabeleceu uma série de regrinhas aqui pela nossa atuação, pelos papéis que a gente tá tendo aqui, mas ao mesmo tempo, a gente vai meio que escrevendo esse manual de instruções do zero e aqui mesmo criando sentido. Fez sentido quebrar essa regra do jogo, foi interessante que essas iniciativas tenham sido trazidas e mais uma vez eu acho que já tá acontecendo curadoria nesse momento. E aí o quarto paradigma, que é o arquivo, que é justamente a produção, a reunião de material, a substância que dá sentido a esse processo como um todo, que está acontecendo a partir de agora enquanto acompanhamento inclusive num texto curatorial onde está havendo produções que não necessariamente não vão ser expostas. Kaísa tá lançando olhar para produções que ela não necessariamente gostou e eu acho isso bem legal. Eu lanço isso enquanto provocação. Porque é muito bonito ver um desafio, um pontapé partindo de Kaísa, e aí depois Mitsy respondendo com imagem seguida de instruções, Kaísa obedecendo e desobedecendo isso, dando uma roubada no jogo e Mitsy mais uma vez aticando a lenha pra ouvir mais sobre esse processo, enfim, se deleitando com esse diálogo que tá acontecendo. Eu acho que realmente estou como testemunha de curadoria e como comentarista dessa partida. Talvez eu esteja mais no banco do Monopoly agora, só vendo a partida acontecer e estou achando isso maravilhoso. E tou me identificando

nesse papel de alguém que apresenta alguns conceitos que já acontecem enquanto o processo como um todo já vai se desenrolando, porque tá sendo bem interessante ver esses conjuntos de iniciativas, e eu acho que os três artistas trouxeram iniciativas antes de qualquer coisa. Raramente, assim, raramente não, mas... foi a artista que convidou os curadores e está encabeçando toda a organização né, a curadoria como gestão também tá acontecendo aqui. E aí Mitsy também pega de Kaísa um pouco desse processo, e aí Sumaya pega de vocês esse processo. E com caderno vão sendo tecidas provocações de um lado pro outro.

Gabriella: É interessante ouvir a questão dos conceitos e como de fato as coisas estão fluindo e acontecendo ao mesmo tempo em que refletir o conceito acho que traz uma questão nova também, a autorreflexão, a metacrítica. Então, acho isso massa. O que eu fiquei pensando desde que Mitsy pegou o caderno, eu fiquei curiosa pra ver o caderno, a gente não viu o caderno.

Mitsy: Fiquei pensando na fala de Guilherme e como é gostoso também quando alguém está com você e tem uma tarde que tá caindo, e aí, entra uma luz e tá todo mundo aquela luz, mas é massa quando alguém fala “olha aquilo ali”, que apresenta, que faz ver coisas que estão acontecendo, mas alguém fala “vê como tá bonito essa luz que tá entrando pela janela, a cor dessa luz”, tudo isso enriquece a experiência. É muito chique essa proposição de vocês também estarem de fazer a gente ver coisas no meio de tudo isso.

Sumaya: Acho que agora é minha vez, né? Eu estava conversando com as meninas hoje que eu tive bastante dificuldade em lê-las e fiquei “nossa, não to entendendo nada”. Eu to falando porque eu poderia tentar mostrar um conceito, mas eu acho que essa dificuldade faz parte do meu caminho em relação a essas imagens. E quando a gente conversou nós três no primeiro encontro, Mitsy falou muito da leitura da imagem como



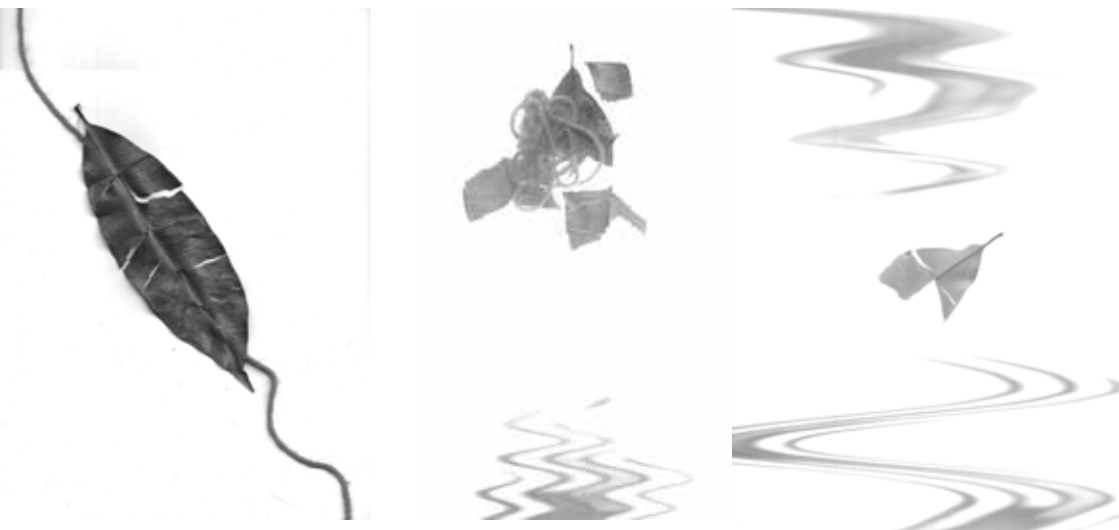
### Resposta de Kaísa ao exercício 1:

Paisagens internas é uma fotoperformance constituída de sete autorretratos, na qual cinco são em preto e branco e dois em tons de azul. Traz a inscrição do corpo da artista, linha de barbante e folha sobre scanner de impressora.

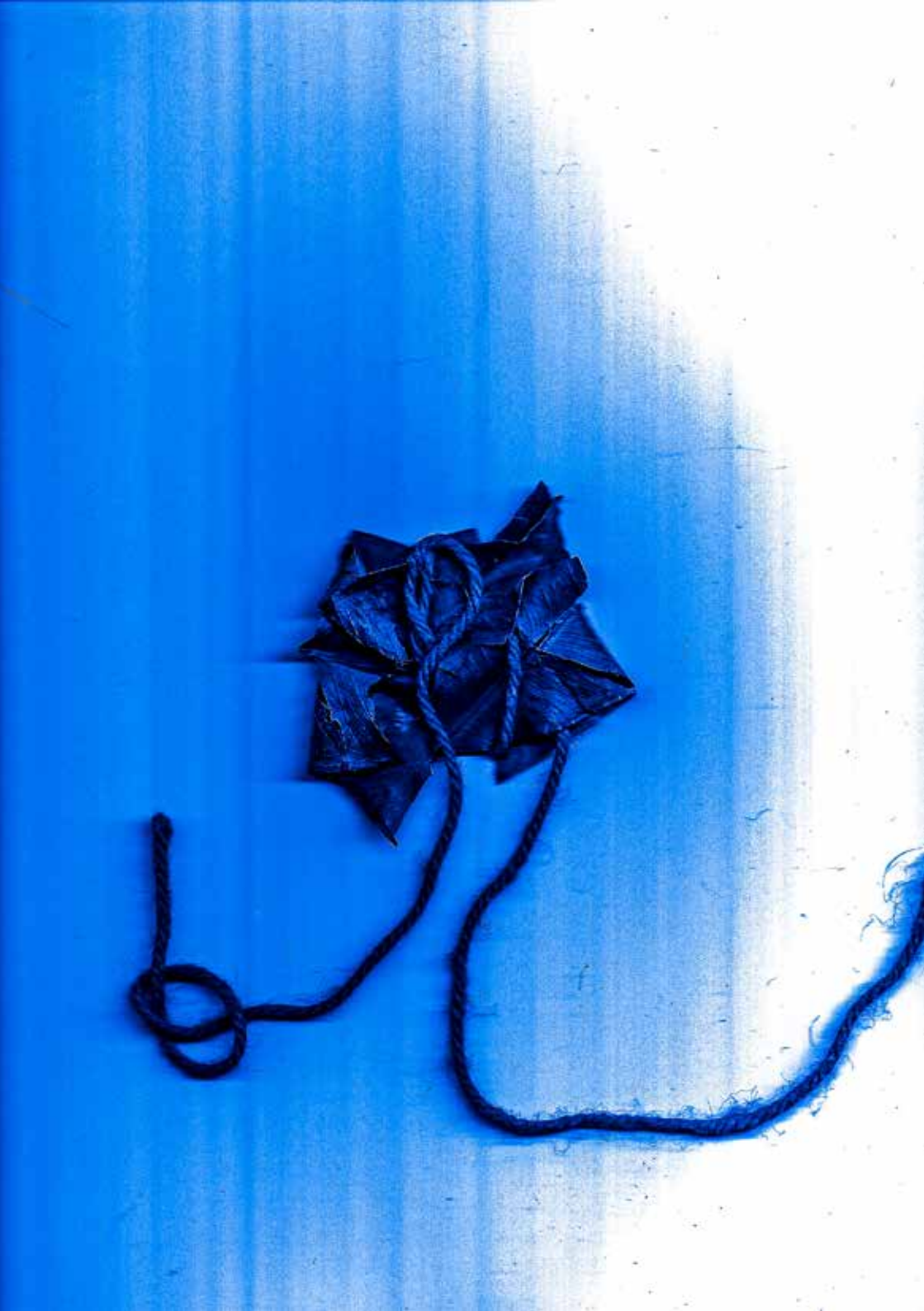
O trabalho é uma resposta de como percebo as imagens-gatilho apresentadas por Mitsy, que trouxeram uma sensação de claustrofobia, de ter pouca área de respiro, prestes a explodir e emergir, por um fio.

Trago, assim, visualmente, a representação de uma tentativa de controle da ansiedade no meu corpo durante um ataque de pânico.

As primeira três imagens abaixo foram descartadas durante a curadoria, mas fizeram parte do processo de criação.









uma conversa, você vê todos os elementos e eu fiquei pensando muito nisso e eu só via muito o óbvio. Eu acho a fotografia muito difícil e muito chato, não especificamente o trabalho de Mitsy. Mas eu tenho muita dificuldade de ler e tirar alguma coisa disso, mas a fala de Mitsy nessa conversa de ver todos os elementos me ajudou muito. Aí, eu fui, olhei, fiquei travada, agoniada, dei mais outra olhada e não ia a fundo e da última vez quando olhei eu percebi a palavra “limite” em todas, a única coisa que veio na minha cabeça foi isso “limite”. Eu vi o mar que não parecia o mar, nas cores, que tá rosado assim. O balão é cheio de alguma coisa que a gente não vê, mas a gente sente. E ele tá dentro do balão, você coloca ele dentro de algum limite, mas materializa de alguma forma essa coisa que não tem como a gente tocar. O mar a gente vê ele, mas não tem como ver todo ele, ele não tem limite, mas tem limite a partir de algum momento. Também percebi a sombra, que é uma espécie de limite... o sol... e esse limite vai mudando de acordo com o tempo. O tempo também tem limite e, ao mesmo tempo, não. A natureza, a folha, eu leio e vejo ela um pouco pequena, mas ela cresce, mas a natureza é o todo. Mas fiquei “nossa, e essa tesoura aí, hein?” e eu percebi que o olhar do espectador, é como se eu tivesse tirando essa foto, fazendo essa ação e é como se eu fosse forçada a entrar nesse corpo de alguma forma. Eu fui sentindo realmente passeando na imagem, como se eu tivesse flutuando de uma forma bizarra, foi muito bom. Pode passar o slide. Essa foi a mais fácil quando tive um primeiro impacto por eu ter crescido numa família super católica, aí veio na minha cabeça o óbvio: Jesus crucificado, esse corpo que foi massacrado, mas ao mesmo tempo é uma fantasia tudo, e eu também não consigo entender como foi feito esse ponto, se foi o filme, se foi alguma coisa proposital na lente, se quem fotografou estava vendo esse ponto e fez esse movimento ou não, foi isso que eu li. E aí eu tava conversando com as meninas e aí falei “gente, eu não consegui fazer alguma coisa”, aí Kaísa “tu tens que ver as tuas coisas, teus

arquivos”, e eu “mas eu não tenho arquivo, não faço foto”, aí Kaísa falou assim “não, po, tu tens, tu faz coisas”, e aí eu falei “tudo que eu tenho tá aqui”. E aí fiquei assim “eu não vou mentir e fazer uma coisa só por fazer”, e aí voltando do ateliê me deu um estalo assim, não é uma coisa finalizada, mas é uma ideia que eu tive e eu fiz. Vou mandar no grupo do whatsapp e aí Kaísa mostra pra vocês.

Kaísa: Mas eu acho que já é o exercício. E eu acho que você já fez o exercício, porque a ideia era as imagens te afetarem. Independente de você trazer um trabalho, uma pintura, qualquer coisa do tipo, você já fez.

Sumaya: Concordo. Mostra aí, mandei no grupo, no WhatsApp. Todo mundo tá vendo, né? E aí deu o estalo e lembrei disso que eu fiz. Eu quis criar um limite, sabe? De alguma... tipo, isso é um aquário e na base tem um espelho. Eu coloquei essas plantas aquáticas e esse coração é de gesso e aí ele flutuou, eu pensava que ele ia afundar. E aí eu fiquei pensando nisso da água, desse lugar que... do vidro mesmo, que a água fica presa no vidro e aí eu fiquei pensando na bola e no ar, do afeto flutuando junto com essas plantas aquáticas que eu esperei... Eu fiz isso, elas estavam bem novinhas, e eu esperei elas ficarem podres mesmo quando ficam sem oxigênio e a água, a marcação da água foi baixando, porque a água vai evaporando aí foi interessante ver esse processo. No final, fica o espelho. A base do aquário é o espelho e aí quando não tem mais água dá pra ver o reflexo quando você olha assim de cima, sabe?

Mitsy: Falou que não conseguiu, que isso que aquilo outro, a senhora conseguiu demais. Como eu tinha conversado com vocês, das imagens como acontecem pra mim, a forma como eu fotógrafo, que é muito de perceber as coisas, não é de necessariamente levar pra um lugar objetivo, mas pra levar pra algum lugar que tenha certa familiaridade. É exatamente aquilo que você descreveu como limite, é muito do que eu tinha pensado. Eu também assim... só joguei as imagens e não dei mais carta nenhuma.

### Resposta de Sumaya ao exercício 1:



Acho que também agora, talvez, seja um momento de eu falar um pouco sobre essas imagens, não sei como Kaísa pensou..

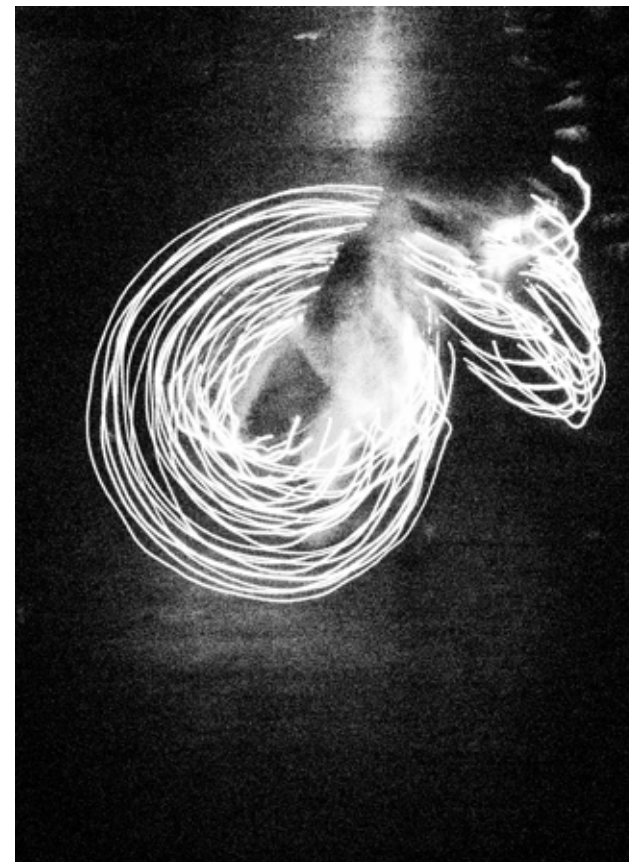
Kaísa: Sim, por favor.

Mitsy: Essas imagens são de arquivos de anos distintos, mas a organização que eu fiz delas foi agora então isso muda completamente, porque a forma como eu escolhi cada imagem e elas juntas têm uma conversa que é muito significativa agora. E uma das coisas que tem acontecido muito forte pra mim ultimamente é, tipo, por conta de outro projeto que estou participando de criação eu me propus a aprender a nadar. Tem sido muito significativo e muito pertinente aprender a respirar. Algo que parece que é dado e que todo mundo sabe, mas não é e quando você começa a aprender a nadar é muito mais do que uma sequência coordenada de um corpo mecânico e é muito mais para você entender que você não sabe respirar, que você respira de maneira adequada. Encaixar copo e respiração dentro d'água tem sido um desafio muito grande e eu trouxe muito para essas imagens. A segunda né. Essas quatro. Pra mim isso é uma respiração. É um desespero também, de quando a água entra por todos os lugares. É muito da sensação que eu tenho tido de respirar, sabe? De estar em contato com esses limites, como Sumaya falou né? É exatamente esse tipo de limite, e o interesse era esse que tu falou mesmo, sabe, Sumaya? É de entrar nesse corpo mesmo, é de que essas imagens, parece que elas partem de você, de algo que você sentiu. É muito mais para fazer sentir do que se criar uma narrativa de uma história que acontece com início, meio e fim. É justamente essa ausência de limites, de quatro imagens completamente diferentes, elas têm uma conversa de sombra e cores, porque é a profissão delas, né? É a forma como também enxergo essa composição na fotografia e é a forma como eu sinto. A primeira já é uma coisa assim que é muito mais objetivo. Eu achei muito interessante quando Kaísa fez essa leitura da sombra, porque é algo que me angustiava

essa sombra, e aí quando tu falou, eu falei: “po, lógico! Tá aí, já tava na imagem”, porque aqui em casa é apertadinho e tal, mas eu sou muito excitado por luz, por sombra. E aí quando você fala disso... essa sequência das bexigas também é algo que eu trago de outro trabalho, que eu trabalhei o som das bexigas para outro propósito, mas a bexiga ficou em casa, um saco cheio de bexiga que eu não enchi, mas eu queria continuar trabalhando a materialidade da bexiga, não só pelo som, como foi para uma videoperformance, mas enquanto imagem, porque é muito isso, sabe? E a última sequência eu trouxe porque eu nunca toquei nessas imagens e elas são bem antigas. Essa coisinha vermelha é aquela tampinha de pote de conserva, mas eu vejo tempo de sol, o sol nascendo e indo pro meio até o pôr do sol, tem uma certa... enfim, eu fiquei pensando sobre a luz, sobre o movimento da luz sobre ciclos, sobre esse tipo de movimentação do sol mesmo, mas acho que seria interessante de se falar antes de jogar, né?

Guilherme: Mas eu acho que foi super legal esse exercício de pensar sobre antes de saber o que estava por trás, porque é o que acontece com a gente normalmente, né? Quando a gente vê uma imagem, quando está numa exposição, a gente tenta decifrar essa imagem. E muito do que a gente é acaba transbordando. Às vezes, a gente coincide com o que o artista tava querendo dizer e outras vezes não, a gente fala da nossa família católica e lembra do gotejamento de sangue da mão de cristo que é uma imagem super forte e tão válida quanto. Não que Sumaya esteja certa e Mitsy errado, pelo contrário. Uma das questões que posso escolher como militância dentro meu trabalho é por esse direito do outro falar e se colocar a partir do trabalho de alguém, e por mesmo que não seja a leitura mais acertada, é uma leitura, né? E fala muito sobre esse conflito, esse curto-circuito entre pontos totalmente diferentes e achei muito legal esse clímax que Sumaya falou “fotografia é muito chato, é muito difícil” e foi pra um arco muito legal. E aí uma das exposições que a Propágulo fez Kaísa contribuiu

com esse trabalho aqui:



E como Kaísa disse, é bem abstrato. E esse trabalho foi a fotografia que mais gerou debate na exposição inteira. E eu fiquei bem surpreso como é que um trabalho tão difícil mesmo por ser abstrato, por não ter índices muito precisos conseguiu gerar tanto debate, tanto é que isso gerou um subcapítulo no meu livro, que se chama “Palha de aço pegando fogo, um labirinto labiríntico, uma galinha, uma mulher” e aí dentre as coisas que eu falo eu coloco alguns relatos dos mediadores. Porque é isso, o caderno pra

mim é muito importante e esse meu livro ele parte do caderno do educativo, são umas 40 páginas de relato dos mediadores, então tem o filtro dos mediadores sobre o que foi significativo a partir do juízo de valor deles, enfim, a partir das leituras e foi meu objeto de pesquisa. E aí, eu começo essa escrita - é rapidinho, juro, são três páginas, mas o livro é pequeno - com uma citação de Nat Sonati, que fazia parte do coletivo naquele momento, que tava como mediadora na exposição, porque não tinha educador suficiente a gente também teve que se desdobrar como mediador. E Nat escreveu: “Assim que comecei, um moço se aproxima e puxa um papo sobre os trabalhos. Fizemos então todo o percurso da sala juntos comentando sobre cada um deles. Ele é muito direto nos comentários, soltando: horroroso, odiei, lindo, maravilhoso!” diante de sua percepção sobre cada imagem. Diante da sua conclusão sobre a obra de Bia, percebo que ele não é daqui, fato que se confirma depois de “Lá em Minas...”. Ele não se conforma com Marlon ter escolhido fotografar garrafões do que das pontes iluminadas da noite do centro da cidade, não gosta das pichações e das imagens descentralizadas. Ele amou Clara e suas cores vibrantes. Priscila, ele achou nada a ver. Mariana, ele acha desconexo com o resto. Jean, ele lembra de alienígenas, fica assustado, não gosta. Kerol é simplória, em suas palavras. Erlon, algo do quarto de um adolescente drag, ele achou divertido. Gostou muito de César e de como ele brinca com a luz e transforma o rosto da moça na foto. Kaísa, ele lembra de queimação de bombril, brincadeira local de Minas Gerais, onde se coloca fogo na palha de aço e a movimenta. Em João, seu primeiro comentário é perguntar se é uma drag, ele não gostou da imagem escura. Flora, ele gostou e achou engraçado o fato de conseguir ver as veias na pálpebra dela. Ao final do percurso, ele me chama pra ver se acertamos algo em nossos comentários. Acho curiosa essa ideia que ainda ronda as pessoas de ter que entender a essência, um significado exato da obra de arte, essa tendência que temos de ter que anular nosso

olhar, nossas percepções com palavras e significado do outro me assusta. Precisamos dar espaço para o diálogo para a coexistência.” E do meu ponto de vista isso não vai demolir o trabalho do artista, óbvio, né? Porque o processo tá aí e é o que recheia o trabalho mesmo, mas ao mesmo tempo isso pode ajudar o trabalho a ganhar um pouco de volume. Eu já passei de mais da metade do que vou ler, agora é só um restinho. “A partir de relatos como esse, enquanto curador responsável pela mostra, percebi que ia me divertindo, me surpreendendo e fruindo com as impressões que traziam olhares tão diferentes dos meus para trabalhos de arte que já conhecia. “Com o educativo da ação, pude entender a potência de sair do papel de quem sabe e viver a experiência de quem convive com arte”. Isso é a citação de uma autora. Assim, sem o intuito de vencer a grande lacuna a ser transposta entre códigos visuais do público em geral e do especializado, uma vez que são diversos os públicos e suas gradações de especializações em arte, a mediação cultural pode ter o privilégio de, segundo Martins, descobrir as diversas camadas e sentidos das obras. Sobre isso, posso citar alguns outros episódios que vivenciei acompanhado pelo trabalho de Kaísa Lorena. Certo dia, fui surpreendido com um grito entusiasmado “É exatamente aquele conto” comentou uma das mulheres a suas amigas, quando olhou para Memórias Ancestrais. Perguntei do que se tratava a sua reação e ela me explicou que ela lembrou de um conto de Jorge Luis Borges, que havia trabalhado na cadeira de literatura. Pelo que entendi, havia um labirinto na história e dentro dele o personagem dava-se conta que estava em nesse labirinto. Ele se chamava Adão. Ele andando sozinho nesse labirinto, passava pelo mesmo processo que resultava na criação de outro Adão. Outro e diferente. A história se repetia infinitamente como labirinto com interrupções similares a cada ciclo que nem na imagem. E por fim, em contraste ao de fato labiríntico depoimento da mulher, uma moça me disse que a imagem de Kaísa parecia uma galinha, apontou-



me o bico e os olhos adjacentes em redemoinho que seria o corpo. No mesmo dia, pela tarde, outra visitante prontamente disse: “Ah, ela fez essa foto com a câmera em longa exposição, olha aqui a saia da mulher dançando, meio vista de cima”. Uma garota em outro momento apontou para o trabalho de Kaísa como o que mais tinha se identificado. Com a voz meio embargada e os olhos cheios d’água, pediu licença e saiu da exposição.” E aí enfim, estar presenciando isso acontecendo isso a partir do trabalho de um artista agora é muito legal. É muito chique. Porque acho que o trabalho vai ganhando muitas outras camadas, que não são as camadas oficiais, mas é uma bagagem de leitura que ele ganha aos olhos de quem está presenciando esse momento educativo, né? E aí, tudo isso parte, tava lendo o meu livro. E aí, vale a pena a gente se esforçar pra isso virar arquivo também. Essas possibilidades de leituras, essa criação a partir do trabalho do outro, porque tanto Kaísa quanto Sumaya criaram outras leituras a partir do trabalho de Mitsy, criaram trabalhos que derivaram dele ou se apropriaram curatorialmente de trabalhos que já existiam e colocaram em diálogo com o trabalho do artista, isso já criou mais um caldo nesse discurso, nessa conversa.

Thaís: Eu deixei meus comentários pro final e foi massa porque eles meio que... todo mundo que falou foi colaborando pra me dar uma permissão que eu não preciso pra poder exprimir meus sentimentos, porque eu não to como curadora e não to como artista, mas como espectadora e aí a fala de cada um me deu essa permissão que eu não preciso mas é interessante também saber que ela é válida. E eu queria começar falando sobre a fala de Kaísa, quando ela diz que tá tentando se forçando a também olhar para as coisas que não gosta e que não agrada, porque na mesma hora eu fiz um link com um poema que eu li há pouquíssimo tempo, acho que ontem, antes de ontem... que a Suplemento postou, que é de uma acho que é de uma crítica, escritora polaca, eu não sei pronunciar o nome

dela (Wisława Szymborska), e aí eu vou ler esse poema, é bem curtinho. Ela diz assim: “Devo muito aos que não amo. O alívio de aceitar que sejam mais próximos de outrem. A alegria de não ser eu o lobo de suas ovelhas. A paz que tenho com eles e a liberdade com eles, isso o amor não pode dar nem consegue tirar. Não espero por eles andando da janela à porta, paciente, quase como um relógio de sol. Entendo o que o amor nem tem. Perdooo o que o amor não perdoaria.” E aí, eu achei muito incrível você colocar essa leitura do que você também não gosta pra dentro do trabalho, porque o que você não gosta às vezes pode falar muito mais. E aí, me remeteu a outra fala de Kaísa que foi “Não queria usar a câmera porque não queria ir para o autorretrato”, e aí, foi que fiz o link com ‘A alegria de não ser eu o lobo de suas ovelhas’. E aí, outra coisa também sobre o trabalho de Mitsy, que com as fotos... a primeira leitura que fiz das fotos não foi de sufoco, não foi de asfixia, mas entendi quando Kaísa pontuou, também fez sentido pra mim, só que aí quando ele explicou que “tou tentando aprender a nadar, a respirar”, eu fiz um link de caramba, eu senti conforto, e agora consigo entender porque eu sempre fiz natação, a minha vida inteira eu sempre nadei em busca de conforto e de respiração e aí é exatamente um conforto que não tá dentro desse ambiente que a gente tá, mas de outro, né? Que é o aquático. E esse é um ambiente que impõe uma certa asfixia. Se você ficar muito tempo dentro d’água você vai morrer. Então, enfim. Tudo isso eu achei muito... me tocou bastante. Então é isso, como é importante as leituras, o máximo de partilha mesmo, não é só a obra, mas o processo daquela obra.

Gabriella: O que eu achei no final das contas desse diálogo. Uma coisa que fiquei pensando de diferente do que foi colocado e que dialoga com o que foi colocado ao mesmo tempo, é justamente essa coisa... desde que Sumaya falou do limite e da coisa da respiração e do sentir que Mitsy falou que não necessariamente tem a ver com o racional, mas com

o sentimento. E aí, eu fiquei pensando como é interessante justamente pensar essa leitura... como é que a gente pensa a leitura de algo que tem a ver com o imaterial. Como é que a gente captura o limite? Como é que a gente fotografa o limite? Como é que a gente fotografa a vontade de nadar, de aprender a respirar? Como é que se captura a sensação? E ao mesmo tempo conseguir estabelecer um diálogo, e aí menciono as falas de Guilherme e Thaís, enquanto leitores-espectadores, diferente de vocês que construíram e apresentaram no sentido que é muito rico mesmo perceber o quão de cada um vai compondo esse sentir, essa relação com a obra e no final de contas a própria obra.

Thaís: Acho que a gente vai se contaminando, né?

Guilherme: E entendendo as coerências de cada um e ficando feliz quando essas coerências fazem sentido, né?

Thaís: Se afetando é uma palavra boa também, mas eu acho que contaminar é uma palavra boa também, porque a gente se contamina e se afeta.

Gabriella: Sim, e o que Guilherme acabou de falar, né? Da coisa da coerência... no final das contas, eu acho que a gente pensou a coerência também, lógico, né? E isso deixa a gente feliz, mas até pensar na incoerência, não tão distante, né? Justamente a... não sei se é a palavra... que cada um carrega e traz consigo o tempo todo e pensar essa dissidência, essa diferença do outro. Talvez seja o que a gente falou no primeiro encontro, né? Que o caos e o cosmos estão presentes em tudo.

Guilherme: Tem uma frase - só pra parar de falar - mas tem uma frase de de Caio Morato pra quem antecipa o dissenso na mediação de arte e ele fala: "Pra quem antecipa o dissenso não faz sentido se o dissenso aconteça de fato ou não". Eu tento aplicar essa frase na minha prática mas nem sempre é possível. E hoje a gente tá vendo possibilidades de participação e de dissenso começarem a se desenvolver sem isso ter sido

premeditado, porque é falho a gente premeditar atrito e conflito e colocar tudo sob medida para acontecer, já saber como isso vai se desenrolar como Sumaya até tinha falado no encontro anterior "como é que a gente vai fazer? Quais são os passos?", e acho que esses passos estão acontecendo em meio ao dissenso e acho que isso é muito interessante, muito potente, um dissenso que ainda está harmonioso. Eu posso depois te mandar, mas é: "pra quem antecipa o dissenso não faz sentido se o dissenso acontece de fato ou não", porque deixa de ser desencontro se a gente já imagina que vai se desencontrar e a gente captura o outro se desencontrando. E isso está começando a acontecer a partir dessas pequenas quebras de jogo e isso vai se sofisticando cada vez mais a partir do grupo.

Kaísa: Eu tava pensando nisso, no próximo encontro, na próxima reunião de como vamos fazer, se vamos partir dessas outras imagens que propôs hoje ou se, eu ou Sumaya, a gente traz uma outra imagem pra gente pensar outro ponto de partida ou se vocês sugerem alguma coisa de como fazer, porque a gente já trouxe imagens a partir de Mitsy, e aí como a gente vai fazer esse desenrolar de trocas

Gabriella: Como se estabelece as regras do jogo, no caso.

Sumaya: Eu quero propor algo. Eu quero tirar os dois da zona de conforto agora. Eu quero propor um objeto, sabe? Alguma coisa em 3D, alguma coisa que seja construída, de uma forma figurativa... não figurativa, mas, que exista, que vocês desenvolvam. Eu pensei que vocês poderiam utilizar elementos para construir alguma coisa que saísse desse plano, mas que também fosse uma expansão da gente - não pode usar corpo e não pode ser uma performance. Mas tudo é performance... Mas eu quero que seja uma coisa construída com outros materiais. Tô me sentindo no jogo. A regra do jogo é que seja uma coisa com volume.

10/03/2022

Kaísa: Eu comecei a pensar nesse trabalho de Su depois do carnaval. Eu cheguei no ateliê ansiosa, me sentindo mal e eu não conseguia nem pensar em outras coisas e aí eu comecei a... eu vim pra isso, mas eu precisei de um tempo e depois eu comecei a olhar pro trabalho de Su, e aí eu comecei a escrever sobre isso, eu fiz meio que uma cartografia de como eu tava agindo aqui, para quais lugares eu fui, de como me movimentei aqui pra pensar sobre esse trabalho. E aí, eu comecei a escrever algumas coisas, e aí, o que eu fiz foi: eu estava nervosa com o silêncio, coloquei um disco pra tocar, e aí, comecei a pensar melhor quando tava escutando música, comecei a andar pelo ateliê, escolhi um livro “O caminho do artista”, de Julia Cameron. Abri o livro na página que tinha o marcador, comecei a folhear esse livro, fui pro sumário e encontrei o capítulo que falava sobre guia para grupos criativos e aí sem querer já me fez voltar pra esse trabalho que eu não tava conseguindo olhar. Ela tava falando como ela pensou ser o livro dela, o propósito: “Imaginei-os como círculos de colegas, aglomerações de coletivos, onde as pessoas seriam espelhos uma para as outras, apoio de artista para artista, de coração para coração”, e aí, as palavras que vieram eram as que eu estava vendo naquele trabalho. E aí, eu vi o coração e vi o espelho e pensei nesse processo da gente de partilha, de compartilhamento desses afetos. E aí eu lembrei de outra obra que eu vi quando viajei pra São Luís e vou mostrar pra vocês agora. É uma instalação no Centro Cultural Vale, não lembro quem é o artista, mas lembro que fiquei um tempo olhando pra esse trabalho dos espelhos refletindo as árvores em volta e aí ficava balançando e tal, e aí, eu anotei aqui pensando no que eu acho que esse trabalho (de Sumaya) me fala e como eu me sinto. E aí anotei algumas palavras: conexão e relações, ruptura, família e uma pergunta: quem somos dentro desses relacionamentos? E como isso afeta

nossa autonomia como ser único? Eu vi também no meio desse coração de concreto um cordão umbilical, e fiquei pensando nisso. O que é que me faz estar aqui também, porque lá tem escrito “Ainda aqui” e fiquei pensando o que é que me move, o que é que me faz estar aqui ainda. Eu vejo como um fio que conecta coisas e ao mesmo tempo é cortado, e a estrutura de fora parece um muro, tem uma proteção, uma textura de dureza por fora, e aí, quando você olha pro espelho dentro é um espelho que expande aquele coração, ele tem uma aba e vai meio que se abrindo. E aí, me fez olhar pra dentro, olhar para essas inquietações minhas.



Mitsy: Hoje, participei de uma reunião mais cedo e tava com uma britadeira aqui do lado quebrando a parede. Meu fone não funcionou, olhe... um caos. Hoje é um dia que tão me silenciando, estou sentindo isso. Mas, voltando pro exercício. Antes de tudo, que imagem linda, uma imagem

muito bonita! As fotos ficaram muito incríveis e queria saber se tu entende a estrutura como objeto que tu vai expor ou é a fotografia que é a obra mais acabada. Porque essa fotografia tá incrível junto com as linhas no canto esquerdo superior ela abre um quadrado, que como Káisa falou, o espelho dá essa expansão, né? E aparece quem fotografa também. É como se o espelho fosse uma expansão de outras dimensões, mas também tem uma coisa de particular de quem constrói essa imagem. Há muitas possibilidades de leitura. Essa obra me levou muito pra um lugar que eu gosto... de umas imagens que eu tenho um carinho muito grande de pensar e uma das imagens que gosto de pensar é de vulcão, a textura desse coração me lembrou muito essa contradição do que parece que é uma queima, algo que queima mas tem uma certa condensação, né? Porque o espelho tem umas gotículas de água, então ao mesmo tempo que resfria também aquece. E se você for pensar na formação de uma rocha vulcânica dessa lava que se petrifica e permanece. Ela nasce das chamas e se move em direção ao mar e finca o seu tempo ali, assim como as montanhas nascem desse processo e o tempo vai construindo esse processo que é muito maior que a nossa vida. Essa imagem me dá uma impressão de lugar frio, mas que queima por dentro. Gostei bastante, Sumaya.

Guilherme: Só uma dúvida: vocês conhecem o termo, tava procurando... que é um fenômeno, que quando você lê sobre algo ou conhece um conceito, descobre uma palavra, por exemplo, a palavra rocambole, e aí as suas semanas seguintes você começa a se deparar com essa palavra em vários momentos. Isso já aconteceu com vocês? Assim que descobri o conceito tal, isso apareceu em diversos textos... Alguém sabe o nome desse fenômeno?

Mitsy: Acho que na psicanálise, tem outro entendimento disso, é algo parecido com incidência.

Sumaya: Primeiro, eu queria falar que amei muito as leituras de

vocês. É sempre bom você escutar sobre seu trabalho por outros olhos. Vou responder a pergunta de Mitsy. Eu gostei muito das fotos, sabe? De verdade. A fotografia não é muito meu forte. A princípio é pra ser... não sei como chamar sabe... um objeto, porque as coisas que eu faço eu penso pra elas interagirem no espaço. Eu quis tirar foto com meu reflexo porque quando eu pensei, eu pensei em um lugar numa exposição e as pessoas vendo isso também. Eu coloquei um espelho grande embaixo e fiz essa caixa, esse aquário. A ideia inicial era realmente fazer um aquário, sabe? Porque o outro aquário da outra obra que eu fiz o espelho era só embaixo, eu comprei. E esse aqui eu comprei cinco espelhos e montei e não tirei nenhuma foto do lado porque o dia estava bem chuvoso, muito ruim pra registrar. Eu fiz isso tudo em um dia basicamente, saí de manhã e comprei os espelhos e fui fazendo. Aí peguei esse coração que eu já tinha que era de gesso, mas eu queria que fosse de concreto, mas aí eu pensei não, eu vou usar os materiais que eu tenho. A lateral desse aquário é concreto também, todo texturizado e aí fui espatulando e montei essa caixa. Aí peguei o coração de gesso... porque eu também queria que ele fosse leve e tivesse a coisa do concreto. Aí eu pintei o coração que era branco de vermelho e pincelei esse concreto por cima. Não queria que o concreto tivesse 100% perfeito, o concreto todo preenchido no coração, sabe? Eu queria que ficasse um pouco falhado, então eu passava o dedo para aparecer essa pele vermelha embaixo. E aí, ele tem um furo no meio, eu furei ele, onde tem esse algodãozinho tem um furo. Isso do meio é meu cordão umbilical, que eu achei esses tempos, bem recentemente tava mexendo nas coisas da minha mãe e achei esse cordão umbilical e foi uma coisa que mexeu muito comigo, levei pra terapia várias vezes e tal porque eu acho que já falei aqui que sou adotada. Então essa relação de permanência é sempre presente em tudo que falo e tudo que vejo. Por que eu estou aqui? Por que eu resisti e vim parar aqui? Como foi que isso aconteceu? Eu passei por

várias pessoas, sabe? Eu podia simplesmente não estar aqui. Minha mãe biológica poderia ter me abortado e eu não estaria aqui, de boa também, mas qual é esse caminho que me leva até aqui? Eu penso muito que todas as pessoas que eu tenho contato, o mínimo possível, fazem parte de mim e fazem parte de quem eu sou. Todos esses encontros formam quem eu sou. Eu nunca tive... eu não sei como fui adotada, minha mãe me falou que ela me pegou com 15 dias e eu não conheço ninguém da minha família biológica e esse cordão é a única matéria, o único objeto físico, a única carne que eu tenho que eu lembro que eu nasci de uma pessoa, sabe? Porque assim, é bizarro, já levei diversas vezes para terapia isso. É como se eu não entendesse que eu nasci de alguém, eu simplesmente apareci e existi, pra mim assim... quando eu não fazia análise. Isso é a prova que eu sou ligada a uma pessoa, que eu vim de uma pessoa. A minha vida inteira eu tenho todas essas perguntas, sabe? Porque eu estou aqui? O que me faz ainda estar aqui? Não que eu consiga responder essa pergunta, mas eu ainda fico aqui. Essa frase está muito presente nas coisas recentes que eu estou fazendo. Essa presença, sentir que estou aqui ainda. E aí esse coração, dentro desse aquário de vidro tem água também. O algodão fica embebido pela água, ele chupa essa água, eu não quis cobrir. Eu quis que o algodão puxasse essa água e passasse para esse cordão umbilical também. Isso, de fora na chuva, eu achei muito bonito, porque vazou a água. Quando eu fiz tava fazendo pensei “nossa, tá vazando”, mas achei tão bonito que deixei assim.

Guilherme: Eu queria te propor pensar sobre como alguém que trabalha com tridimensionalidade, como é que isso te conduziu para fazer a fotografia. Talvez a intimidade com o tridimensional tenha te permitido ter esse olhar mais específico. Porque talvez se a gente pensasse agora aqui pensando na fotografia de registro, talvez não seria a melhor maneira de registrar esse trabalho, porque ele não dá muita noção do que de fato é o

trabalho, mas ao mesmo tempo tu acrescentou algo totalmente diferente que talvez o trabalho tridimensional não dê conta, né? Que é esse ângulo bem certinho, bem simétrico, então propôs outro trabalho. Eu concordo com Mitsy, é uma imagem bem bonita. É bem uma imagem que tu produziria a partir da sua linha de raciocínio.

Mitsy: O espelho abre uma janela, né? Ele faz uma moldura muito forte. É muito potente mesmo. Mas realmente, quando Kaísa mostrou as laterais, é outro objeto, né? Pensando nisso também, como as coisas se desdobram. Porque tanto essa imagem é uma obra e o objeto em si é outra coisa e outra obra, é outra condução de leitura.

Guilherme: Parece muito uma colagem, parece que tu foi sobrepondo essas imagens a partir de uma fotografia que já existia.

Mitsy: Eu gosto muito de criar uma espécie de escultura, mas pra fotografia ela acaba quando a fotografia acaba geralmente. Tenho feito bastante isso, tenho observado. Até mesmo porque também essa aproximação contigo me fez provocar muito, porque na última reunião tu tinha falado dessa provocação da gente pensar a tridimensionalidade e eu fiquei pensando de como isso tava no meu trabalho de alguma maneira enquanto alguns objetos e de transformar ele para um estado de imagem e tava sempre fazendo esse exercício, mas teve uma única vez que não fiz isso, que eu me joguei e fiz assim: “não, a obra é o objeto” e eu tive condições, tava num projeto do SESC, e tive condições de tocar pra frente a ideia que eu tinha já há algum tempo e foi a primeira vez que falei: “tá, vai, vou fazer um bafo”. Eu tinha vontade de fazer um pé. Tá, eu vou mostrar. É um pé, um ex voto. Eu não talho madeira, mas fiz uma espécie de dossiê e fiz esse processo com um cara que faz crucifixo, altar, e comecei a catar o trabalho dele assim... E aí, pensei: esse cara vai fazer um pé chique. E aí, mandei foto do meu pé, e várias imagens pra ele ir entendendo o que eu queria. Algumas conversas de algumas semanas. Eu dizendo queria

muito que essa saliência dos tendões aparecesse. Porque é um pé que tem um nível, aquele nível de nivelar quadro né? o nível se move ao mesmo tempo que o pé se move e foi uma época que eu comecei a pensar muito nessa questão de território e a pensar muito sobre movimento. Eu estava morando em Candeias e eu sofri muito em Candeias. A maioria das pessoas é uma classe média branca bolsonarista e as pessoas começaram a gritar bastante comigo nessa época de eleição, gritando que eu ia morrer. Eu fiquei pensando muito no território e o quanto essas fronteiras tem placas invisíveis. Você não pode ir até tal lugar porque aqui não é o seu lugar, é como se a todo momento as pessoas estivessem dizendo: aqui não é o seu lugar, não ande por aqui, aqui não. Então é um acordo de território muito forte que se mantinha e isso eu comecei a sentir muito no meu corpo, porque quando acontecia isso eu travava, parecia que os pés travavam e fincavam ao chão, e eu não conseguia dar um passo à frente e isso me paralisava muito. E eu comecei a trabalhar essa ideia, o quanto que isso gerava no meu corpo, as maneiras que meu corpo também trabalhava, ouvir essas coisas e ter que continuar a andar. Fiquei pensando nesse próprio caminhar. O que é caminhar? Caminhar no final das contas é sempre um desequilíbrio, né? A gente se joga pra frente e se abraça com o outro pé. A gente tá sempre se desequilibrando e se abraçando e se reerguendo e é um movimento contínuo para sair do lugar. Essa obra ficou exposta... não deu certo a montagem dela. Mari me ajudou muito, ela desenhou a peça pra montar mas o cara da oficina não fez da forma como ela tinha desenhado e acabou que no dia da montagem não rolou, mas ela ficava presa e a exposição acontecia num barco, então o pé tava sempre em movimento, sem estabilidade e tinha a possibilidade desse pé girar. Mas o que eu gostaria de ter feito era que o nível viesse daqui até o final da peça, fosse um canal que tivesse essa água e essa bolha, porque o dedão que é responsável pelo nosso equilíbrio né? É o tendão principal que segura esse

movimento de queda e que se reergue. Essa foi a única vez que pensei bastante mas não consegui, sei lá... eu tenho algumas questões pra resolver com essa peça mas eu gostei bastante de ter algo que é mais concreto do que uma imagem num arquivo ou de película que é muito do meu costume. Eu fiquei pensando muito no que é que eu tinha aqui em casa e eu tenho as agulhas desde o primeiro dia de aplicação e eu não sei o que fazer com elas... todas as agulhas. Mas eu fiz não vou tocar nisso agora porque assim, muitas camadas, né? E ao mesmo tempo que tu me instigou nisso minha psicóloga também ficou "vamos trabalhar com argila", porque ela é arteterapeuta, sabe? Eu estou trabalhando numa peça pra foto e aí eu coloquei ela num lugarzinho aqui em casa hoje e fiquei olhando pra ela. Deixa eu pegar. São essas escovas de pregos, são escovas para descamar peixe. Ultimamente, esse é outro objeto que eu to muito ligada por causa do projeto, como eu já compartilhei com vocês, que eu to mergulhado, e existe essa memória muito forte na minha cabeça do meu avô descamando peixe, ele todo coberto de escamas, sem blusa, uma calça social. E esse era um objeto que sempre me chamava atenção, porque esse objeto a galera que faz, sabe? Faz com garfo, então é uma criatividade muito grande que é um objeto, um utensílio que tem uma funcionalidade, mas ele ativa no corpo também uma outra memória. Acho que todo instrumento, toda ferramenta... eu tenho muito encanto, o quanto as ferramentas ativam e ativam memórias de corpo. Então, obrigada por isso, tenho pensado muito sobre esses limites entre objeto, imagem, foto, tudo.

Gabriella: Nossa, eu to aqui assim com a cabeça... com essas coisas que tu falou agora Mitsy. Quando tu fala de fronteira, território, essa é minha pesquisa, sabe? Acho que a gente pode trocar mais sobre isso, né? Eu queria compartilhar com todo mundo aqui uma provocação no sentido da fronteira e do concreto. Eu li hoje uma definição de fronteira que eu achei super bacana, eu vou ler aqui pra vocês que eu tinha marcado numa tese

sobre o Mar Paraguayo, que é meu objeto de pesquisa e essa autora fala o seguinte na tese dela. . . ela vai definir então fronteira e ela pega a noção de Maria Rosa Lojo (2010) fala o seguinte: fronteira em três vertentes, que é com um conceito físico e territorial a partir de uma criação histórica marcada por guerras e conflitos ou fronteira como uma zona de influências, intercâmbios e como uma margem que questiona a lógica binária. Então, a fronteira pode ser tanto ser esse limite, que as placas vão delimitando, imaginárias ou não, mas, a fronteira é esse lugar de contato, de afeto. E a outra provocação é sobre a coisa do concreto. Eu acho interessante essas provocações que vocês têm se feito, cada um imerso com. . . mas no final das contas a coisa do concreto não necessariamente precisa ter a ver com a matéria também. Eu vou tirar uma licença poética, poética não, na verdade, é uma definição, é a etimologia mesmo da palavra, mas é de um livro que eu acho muito poético que é “O Ser e o tempo da poesia”, de Alfredo Bosi: “Concretus: participio passado do verbo latino concrecere, quer dizer crescer junto, formar-se em densidade. Concrecer”. Então, o concreto não necessariamente é matéria, é aquilo que cresce junto da gente ou seja aquilo que tá formando a gente também e a gente pode pensar o concreto de diversas maneiras.

Kaísa: Eu estou aqui tomando fôlego, porque muito do que Mitsy falou eram coisas que eu ia trazer, que eu vou trazer agora também e muita coisa que se encaixa. Então, enquanto Mitsy traz o pé eu trago a mão. Foi muito doido quando tu começou a falar sobre coisas que as pessoas te falavam e que tu absorvia no teu corpo e foi exatamente nesse contexto que criei isso aqui. Aconteceu algo recentemente que me deixou muito abalada e eu fiquei pensando nesses limites e de como isso me afetava, no meu corpo. Esse trabalho eu fiz pensando na tentativa de resgate da criança artista que foi machucada e me remete a quando a gente tá na escola e tem aquela atividade com tinta e fica a marca da mão e fiquei pensando

nisso de delimitar nosso espaço, nessas relações de hierarquias e coisas que fogem do nosso controle. Eu tou muito nessa pira dos limites do corpo. Eu escrevi algumas coisas que eu tou falando sobre. . . lembrar de não cortar partes minhas para que seja confortável para outras pessoas. Do limite, desse muro, dessa mão, desse vazio, dessa quebra. Também trouxe outra coisa. Eu fiz uma oficina de argila na Oficina Francisco Brennand, com uma professora da UFPE, Ana Flávia. Ela deu essa oficina falando sobre corpo e casa e era uma oficina de modelagem em argila. Foi muito de resgatar memórias e pensar o que você não venderia na sua casa, uma coisa que você não venderia por nada. Ela falou que ela tava morando numa casa entre dois bares e eles estavam querendo comprar a casa dela e ela disse que não venderia a casa dela por nada. Ela provocou a gente nesse sentido. E o que eu fiz foi. . . eu fiz o quintal da casa da minha avó, tinha um batente e o chão tinha uma rachadura no meio, e aí eu fiz as pegadas minha e da minha vó, dos meus irmãos de quando a gente brincava nesse quintal na infância. Esse quintal não existe mais, é outro quintal agora. Não é o mesmo piso, não é o quintal dessa memória da infância. E encaixa muito no que Mitsy tava falando dessas memórias, do avô, e eu fiquei impressionada como essas narrativas de coisas diferentes se encaixam. Foi meio doido mexer nesses outros materiais, porque eu só mexo nessas coisas na terapia, eu faço arteterapia também. Eu faço coisas assim pra dar de presentes pras minhas amigas ou faço só na terapia, mas não é algo que eu mostro pras outras pessoas. É muito bom mexer nesse material e dar forma às coisas, pensando como objeto mesmo, material e dar forma às coisas, pensando como objeto mesmo, na tridimensionalidade, é muito diferente. Essas provocações e essas coisas que aconteceram meio que me levaram para esse caminho de querer mexer o corpo, então eu suei fazendo, você tem que sovar a massa, então é muito corporal, é muito. . . você deixa uma marca ali, você vê a coisa se construindo assim com sua







mão. Foi muito nesse sentido.

Guilherme: Eu to muito passado, porque acho que vocês três fizeram um procedimento parecido que foi, em temporalidades diferentes: se desobrigar de fazer algo porque seu ofício principal estava atrelado a isso. No caso de Mitsy, ele fez algo para fotografia, então a coisa era menos importante e se tornou importante. De Kaísa, acho que foi semelhante, tanto o momento com Ana Flávia de produzir algo, porque o exercício era disso ou daquela imagem que acontece enquanto foto mas que existe enquanto objeto também, que é bem bonito, bem potente. E no caso de Sumaya que foi: “ah, eu vou fotografar esse objeto que eu fiz pra mostrar”. Geraram trabalhos bem interessantes porque talvez tenha uma contaminação também de entender um pouco de como cada um está raciocinando. É bem legal. Mas, eu também tenho um comentário. Curadoria e hierarquia são coisas que normalmente andam juntas e é péssimo isso. E aí falando em sincronicidades. Eu estou fazendo um curso com Clarissa Diniz, no Parque Lage, aí teve aula inaugural e eu tentei anotar tudo que ela falou porque ela falou muito bem e aí ela começou o encontro falando da primeira exposição que ela fez que foi no Murillo La Greca enquanto curadora e que acabou encontrando a curadoria porque ela gostava de criar junto, de estar junto dos artistas, mas Clarissa entrou pro caminho da crítica, trabalha com arte. Vou ler e tentar encontrar sentido nas minhas anotações. Ela não queria ser curadora, porque a curadoria vinha de uma postura histórica de constituição de uma figura mítica do curador, em especial a partir da Bienal de São Paulo. Essas figuras foram ficando cristalizadas porque elas foram sendo laboradas, nutridas, autoficcionalizadas, que opera com poder, e isso era difícil pra ela, justamente por ser esse ofício que se entende como alguém que produz visibilidade e invisibilidade, também a partir da janela da Bienal de São Paulo. Ela fala bastante dessa ideia protocolada do que faz um curador enquanto responsável pelo conceito da exposição,

pela coordenação do projeto e que é um exemplo sintomático de uma figura que surge a partir da metade do século XX e se consolida no século XXI a partir de uma autoficcionalização de sua importância. A curadoria vai tomando de vários campos, da crítica, do marchand, da história da arte, e vai forjando um campo supostamente específico para si. E aí, com isso ela coloca que hoje em dia essa ficcionalização do curador enquanto protagonista, enquanto uma falácia, enquanto o centro do mundo da arte, que opera justamente como uma figura social de poder que se supõe para poucos mas que é pendular entre um lugar de tecnicismo ou intelectualismo. Então acaba que isso se configura numa ideia de senso comum de curador hierárquico e que se apega justamente no tecnicismo, ou seja, ele vai ser muito conservador... pensar a montagem, pensar esse funcionamento a partir de uma série de protocolos de acontecimentos ou a partir de um lugar de hierarquia, onde ele tá regendo essa orquestra e ele é a pessoa que manda em tudo, que na verdade são dois sintomas de fragilidade.

Kaísa: Sim, eu penso muito nas relações como algo horizontal mesmo, onde uma coisa não se sobrepõe à outra.

Guilherme: Tá todo mundo aqui trocando, tá todo mundo aqui se afetando, tá ficando cada vez mais difícil não se afetar, e ficando cada vez mais interessante, o nível de vulnerabilidade a partir do lugar de artista que a gente tá criando aqui e acho que isso é uma coisa que é muito mais difícil do que pensar uma curadoria que é um diagrama onde uma coisa depois outra coisa e alguém cria tudo. Acho que pensar a prática da gente é político e a gente precisa ir aperfeiçoando.

Kaísa: Pensando agora nesse jogo da gente, acho que até agora eu roubei, né? Não trouxe coisas que eram de arquivo, só trouxe coisas novas. E aí pensando na minha vez agora de criar uma proposta, eu trouxe imagens de arquivo dessa vez. Vou compartilhar com vocês. A minha proposta pra essa semana é... eu fiz umas colagens em uns papéis pequenos no



A escultura “Quando o chão se abre” é uma peça desenhada para acender os debates sobre o ato de caminhar. Com um nível na altura dos tendões do pé que são responsáveis pelo equilíbrio do corpo, a peça aplicada oscila de acordo com sua posição a nível do mar, evocando os desequilíbrios necessários para impulsionar o corpo a frente. Implicando não somente as dinâmicas que envolvem todo o corpo em movimento, mas também a territorialidade que tanto questiona pertencimentos. Quando pusermos em ótica as fronteiras sinuosas do caminhar de um corpo dissidente, veremos a reivindicação pela liberdade de sua circulação e expressão.

Mitsy Queiroz

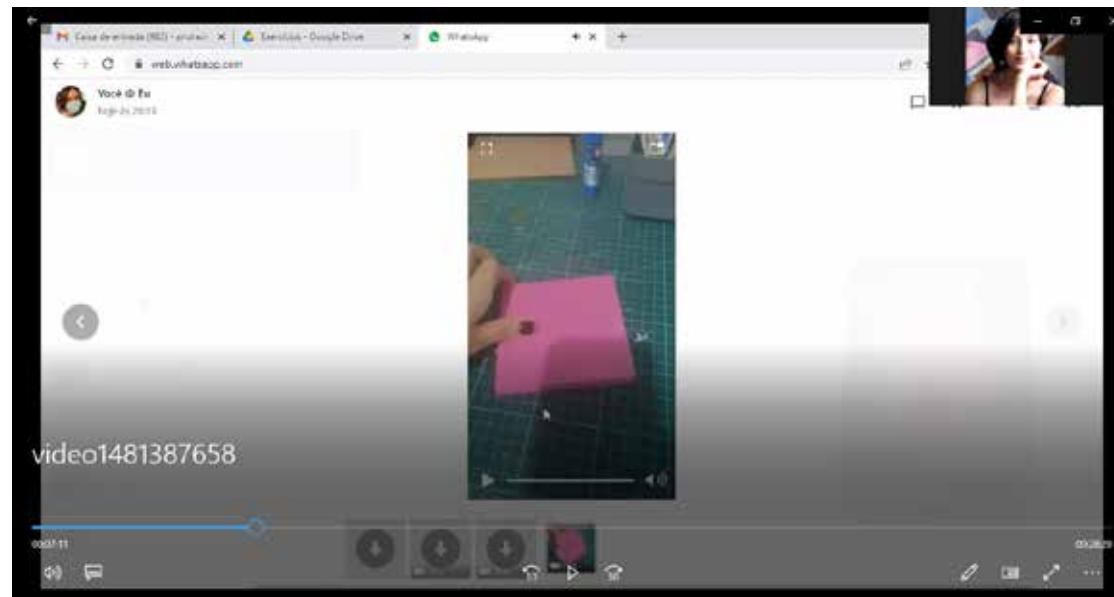
começo da pandemia. Eu tava muito nessa coisa da palavra e da colagem. A ideia é que vocês continuem essa narrativa, no formato 10x10,5cm, não precisa ser com palavra. A ideia com isso é fazer um livro, porque eu to fazendo um curso de livro de artista e eu to começando a aprender, aí fiz esse aqui. Não sei ainda qual formato, mas a ideia é fazer um livro com essas dobraduras. Eu chamei essa série de objetos ocultos.

Mitsy: Essas dobraduras parecem bem chiques, hein? Acho muito potente quando o livro se torna objeto e se desdobra e você consegue fazer várias possibilidades de leitura.

Sumaya: Só tenho uma dúvida, qual tamanho?

Kaísa: 10x10,5cm, mas pode ser 10x10cm

Sumaya: Pra ficar um quadradinho, né? Aham.



30/03/2022

Kaísa: Então, nessa reunião no Museu do Trem a gente conversou várias coisas... Sobre esse primeiro ciclo que se encerrou das provocações que cada um fez e ficou pensando nos caminhos... pra onde seguir. Uma angústia minha é pensar já no formato que a gente vai querer as coisas que a gente produziu, como é que vai ser essa apresentação no espaço. Vai ser impressão fotográfica? Fine art? Risografia? Serigrafia? Qual vai ser o tipo de impressão, dimensões. Pensar também na identidade visual do projeto, no design. Falamos na produção de Gui e Gabi, que eles poderiam incluir produções deles também, se eles quisessem.

Mitsy: Então, isso seria como se fosse tipo, essa exposição ela vai dar conta de todo esse processo desde que a gente começou a se reunir, dessas provocações, o que a gente vem produzindo, seria isso?

Guilherme: Eu pensei nessa possibilidade, porque, a real, é que aconteceu, do meu ponto de vista, um comprometimento entre os três artistas, que acabaram tendo uma postura bem curatorial e educativa do processo todo. Vocês se influenciaram muito de um jeito muito massa. E a partir do processo de cada um, dos desafios de cada um, houve muita produção de rascunho ou muita produção de objetos que não seriam de fato a obra, que a obra seria fotográfica ou de fotografias que seriam registro desses objetos, que no caso de Sumaya a obra seria o objeto. E aí aos olhos do público não necessariamente existe essa distinção, porque, enfim, eu nunca vi Mitsy... se eu ver o objeto que Mitsy tá apresentando de descamar peixe, que ainda nem foi fotografado, eu acho, e a foto propriamente dita, eu não vou saber se aquilo é obra ou se aquilo é registro, o que de fato é o principal. Do mesmo jeito Sumaya, do mesmo jeito Kaísa, mas Kaísa já trabalha de um jeito mais mesclado nas áreas. Eu fiquei pensando que talvez que fosse legal dar a ver essas influências, não só o que seria eleito enquanto obra final, mas de fato o processo como o todo, porque eu acho que a parte mais importante desse processo aconteceu, que foi a conversa entre vocês. Acho que foi um comprometimento muito impressionante de todo mundo de fazer essa conversa funcionar e aí eu fiquei pensando porque não mostrar isso? Daí eu acho que minha fala termina mais ou menos aí. Eu fiquei muito pensando na parte do tridimensional e da fotografia a partir da atividade de Sumaya, que foi produzir algo tridimensional e fotografar. No caso de Sumaya, a fotografia eu acho que seria muito interessante de ser exposta, ainda que o foco de Sumaya seja o objeto e no caso de vocês dois seria interessante mostrar o objeto ainda que a fotografia seja o foco. Mas também isso não se abrir necessariamente só a essa coisinha pareada, casadinha. Kaísa mostrou também várias fotos e somente duas eu acho serviam, e o resto ela tava dividindo porque era processo. E aí, talvez, sim, mostrar o caminho do trabalho até ele se configurar enquanto alguma coisa

mais ou menos pronta. Aí eu pensei que isso seria interessante pra esse grupo, mas também é só uma ideia.

Mitsy: Eu não sei se vocês viram, acho que Kaísa com certeza porque curtiu, mas semana passada eu conheci o SuperImagem, de Robson. E por conta de um projeto de Aldir Blanc dele. Foi ótimo porque foi bem certo, e aí ele propôs imprimir 10 fotografias em 30x45cm. Aí, eu já botei pra rodar as imagens que abriu essas proposições daqui já pensando que elas poderiam no caso já servir, pensando nessa oportunidade de impressão, que é uma ótima impressão. E aí, é algo que já tá impresso, aí já é algo caminho andado. E aí, é pensar agora a questão da moldura. Mas eu acho muito boa essa ideia, Gui, porque de fato a gente já tem essas produções. Esses encontros não são só encontros de tentar confluir nossas poéticas, mas a gente também têm articulado pensamentos de produzir, de instigar outras áreas, acho que isso foi muito potente para os três, de pensar outras dinâmicas de produção, que são um pouco fora da nossa zona de conforto, então, eu super acho chique isso, e aí ver mesmo como a gente organiza isso no espaço graficamente.

Guilherme: A sala é muito massa, eu fiquei muito impressionado, ela é muito bem iluminada. Ela tem tanto a luz do tubo quanto a luz mais focal e ela é bem ampla. Achei muito legal, fiquei bem surpreso. Tem resquício de outras salas, tem as portas, tem o educativo e tal, eu não sei até que ponto isso deve ser mascarado ou aproveitado e tal. Mas o espaço é massa.

Mitsy: E esse educativo, existe? É atuante? Esse projeto propõe alguma ação educativa de conversa com o público? O que também podemos pensar nisso, que acho bem importante, como uma ação continuada. Não necessariamente no dia da abertura, porque no dia da abertura são muitas coisas para se organizar, é outra dimensão de se estar na exposição. Essa conversa com a gente, se for numa dinâmica de conversa aberta com a gente, se for o caso, ou a gente se propor a fazer mediação... É por isso





Quintal é um objeto modelado em argila que pensa o vínculo das memórias, do tempo e das transformações que decorrem dessa relação.

A peça busca representar a lembrança do quintal da casa da minha vó, onde brincava durante a infância. Tenta reconstruir nas suas texturas, as pegadas da família durante as brincadeiras, no chão, as suas rachaduras e o batente que dava acesso à casa. São os vestígios de um espaço que não mais existe, está transformado. Ou melhor, só existe em memória e que assim como o lugar físico, se modifica com o passar do tempo.

Foi realizada na oficina Corpo Casa, vivência com argila do projeto Ocupa Oficina, da Oficina Francisco Brennand, com a professora Ana Flávia Mendonça, no dia 6 de março de 2022.

Kaísa Andrade.



que estou perguntando se tem educativo lá, porque teria outro núcleo que poderia articular visitação com escolas, com outros centros, outros públicos interessados. Selecionar dois, três dias, e estar os três presentes, aí vem uma escola, que vai conversar... Eu acho isso muito chique. E aí, abre pra quem quiser estar presente. Acho que é do nosso interesse ampliar essa conversa. Até porque pela escolha do local, é um local de confluência de várias pessoas, porque está na estação central da cidade. Seria interessante alargar mais o público.

Kaísa: Eu tava pensando nisso, e, até por essa questão, eu fiquei pensando em talvez ampliar o tempo de exposição, porque talvez um mês seja pouco, não sei... Talvez, abre dia 21 de maio e fica junho todo, por exemplo, ou posso propor 2 meses, e aí fica até dia 21 de julho. Eu acho que é flexível essa questão do tempo. Mas eu acho massa que tu já tens algumas fotos impressas já e eu acho importante disso, de ter visitas com o público, a gente pode ver como acontece essas visitas, se são agendadas.

Guilherme: Mas, vamos hoje aproveitar Mari e pensar a montagem, o espaço... uma pessoa com uma agenda tão ocupada.

Mariana: Eu não consegui acompanhar os outros encontros, e aí eu queria se vocês puderem, desculpa se acabar sendo redundante inclusive, pra vocês que tão desde o início nesse processo, mas queria que vocês me falassem o que a gente tem de material que pode ser exposto, que vocês pensam de ser exposto.

Guilherme: Podia mostrar, né, compartilhar a tela.

Mitsy: É, abrir aí o drive. E dar uma revisada do...

Kaísa: Do que a gente já tem, né?

Mitsy: É, e o que pode também ser reorganizado.

Kaísa: Eu vou de onde a gente começou. Tá aparecendo? Então, a gente começou assim. Dessa provocação de Mitsy. A gente fez assim: cada artista uma semana era responsável por trazer imagens de arquivo, e

os outros dois iriam criar a partir dessa imagem, que é uma imagem-gatilho pra criação. São essas que tu tem impressas, né?

Mitsy: Eu tenho essas e tenho uma outra série, mas que não estão aí nesse arquivo, que está no meu Insta. É uma continuidade desse intuito de pensar a respiração e tal.

Kaísa: Aí, depois, teve as respostas da gente. Aí, eu fiz esse aqui. E essa foi a resposta de Sumaya pro exercício um.

Mariana: Isso é o registro do objeto? Aí, isso foi o que Gui falou, que seria interessante entrar como de Mitsy que vai aparecer depois.

Guilherme: Isso, mas aí começa a ter mais, isso começa a se intensificar, isso é só o início.

Kaísa: Daí, depois, veio a proposta de Sumaya.

Mitsy: Realmente seria muito interessante as imagens, a fotografia e os objetos.

Guilherme: Exatamente. Eu penso no caso de Sumaya mais essas fotos do que as outras, mas essa achei muito legal porque parece uma colagem, sabe, Mari? Parece outra coisa.

Mariana: É, assim, eu não vi o objeto, mas de fato, é meio ambíguo, né? É vidro ou é espelho?

Sumaya: É espelho.

Kaísa: E aí, agora foram as respostas da gente, não é isso? Foi o pé, né?

Sumaya: Foi o pé e a mão.

Guilherme: E não foi nada combinado. Curioso. O pé e a mão a partir do coração de Sumaya.

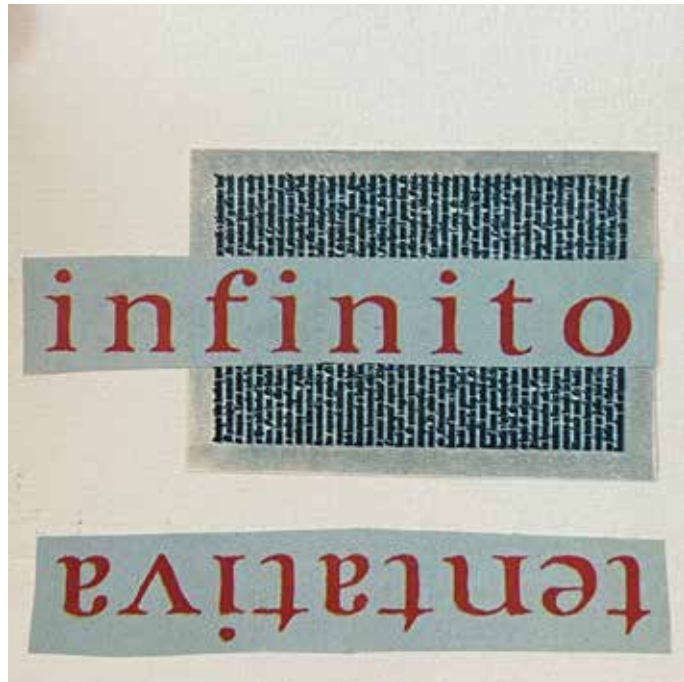
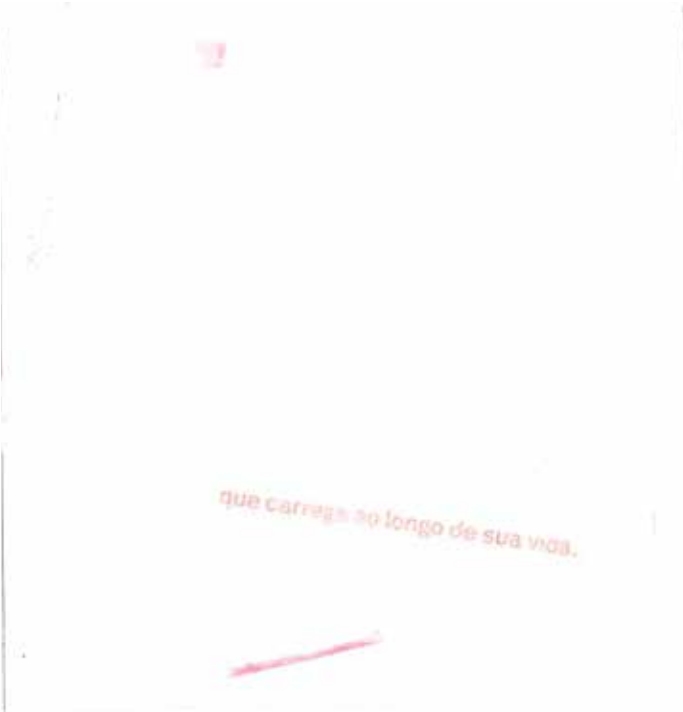
Kaísa: Agora, fui eu quem propus a última, que foi em formato de colagem. O tamanho disso é 10x10cm, é bem pequeno, eu fiz misturando palavras com papel manteiga em cima. E aí são várias colagens.

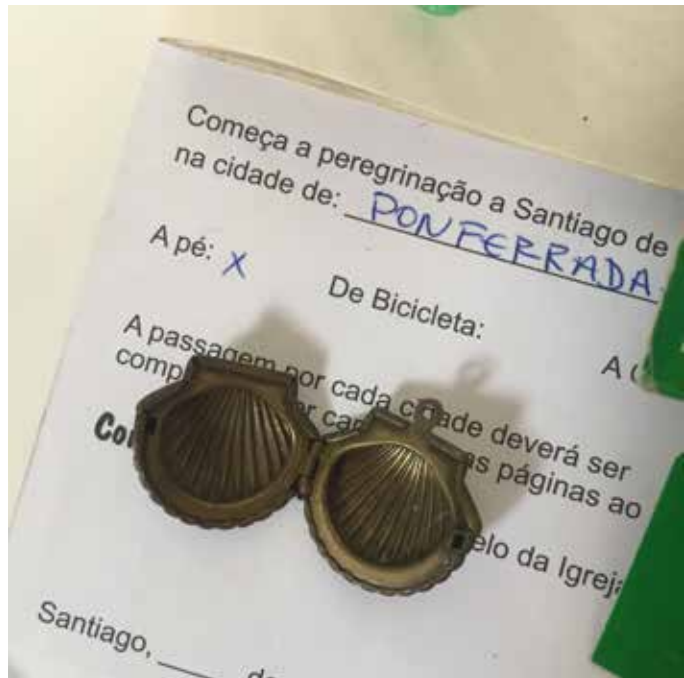
Sumaya: Tu tens ideia de quantos tem?



Exercício 3:

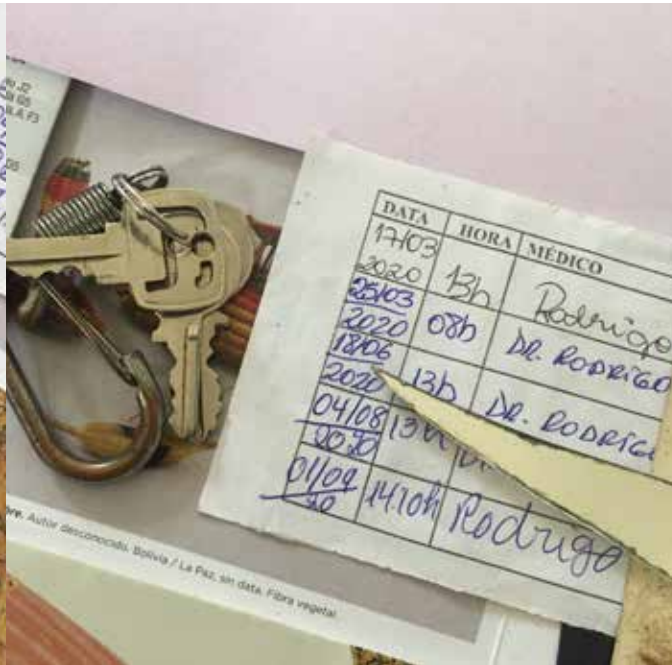






“ A u t o disparador” é um conjunto de oito fotografias que teve a pretensão de ser uma colagem sem cola ou tesoura. Por sobreposição de papéis e objetos pessoais, a colagem reúne artigos que dialogam sobre a construção criativa de si como uma segunda possibilidade de gestação problematizada por um corpo em dissidência de gênero.

Mitsy Queiroz





Sumaya: Essas fotos são do mapa do *google*, da cidade onde eu nasci, do Conde. Eu sou adotada. Eu nunca fui no Conde, só quando eu nasci. Foi um projeto que tava arquivado, que eu andei virtualmente e fui tirando uns *prints*. E eu recorrentemente via portas abertas. Daí eu trouxe esses *prints* da tela de portas abertas.



Kaísa: Tem seis. E eu penso fazer um livrinho, eu até trouxe uma dobra que eu aprendi. Aí, deixa eu mostrar o que Sumaya fez.

Sumaya: Nesse livrinho que Kaísa vai fazer as minhas impressões vão ser em papel vegetal, daí quando folheasse esse livrinho ia ficar transparente, com as letras e palavras.

Mariana: Seria um livro só e você conseguiria sobrepor imagens à medida que você ia folheando, né isso?

Kaísa: Deixa eu mostrar pra vocês uma dobra que eu aprendi que eu pensei que poderia funcionar pra essa proposta dessa colagem. Aí, eu pensei assim, aí não sei se daria pra colocar um por cima do outro, porque você vai abrindo e vai mostrando a imagem. É uma opção de dobra que eu pensei. Daí, a resposta de Mitsy foi uma colagem em vídeo.

Mariana: Me fala um pouco de como vocês tinham pensado, porque inicialmente esse primeiro momento ia ser só um exercício que acabou se transformando num trabalho massa, e que consegue ser inserido na exposição [Áudio trava].

Guilherme: [Áudio um pouco picotado] Mas acho que Mari tá querendo saber sobre os processos.

Kaísa: É porque a exposição é principalmente sobre os processos, e aí, a gente acabou incorporando isso, deixando isso visível. E aí, vocês acham que a gente deveria produzir mais coisas ou isso tá suficiente? Na minha cabeça sempre acho que to fazendo pouca coisa.

Sumaya: Eu tava pensando, na semana passada, como eu tava falando na reunião com Gui, Kaísa e Gabi, que eu tou sentindo uma necessidade de não é nem de produzir... A gente teve que se voltar para o arquivos sabe... então, eu fiquei pensando no que fazer com as coisas que eu tinha guardado, aí, eu pensei em algumas coisas e comecei a desenhar. Acho que no meu caso, não sei vocês, mas queria fazer algumas peças em instalação mesmo, e aí eu precisaria de um suporte mesmo, e aí pensei de

ter uma reunião com os curadores e com Mari e pensei que isso poderia acontecer com todos os artistas. Eu gosto muito da ideia de Gui de colocar o processo e a obra e ter essa brincadeira do público não saber direito qual é a linguagem principal do artista, acho que até o artista fica confuso com isso, acho bem interessante. E aí, tava pensando em pegar esses materiais de arquivos e fazer uma instalação.

Kaísa: Qual tua ideia?

Sumaya: Eu tive uma ideia. Gabi te deu o caderno, Ká? ela deixou e eu vou pegar essa semana. E aí eu acho que é a vez de Gui ou é a tua?

Kaísa: Eu não peguei ainda.

Guilherme: Eu acho melhor ir pra Kaísa.

Sumaya: A minha ideia foi usar aquelas janelas da reserva técnica, porque eu queria usar as portas, mas ele falou que não podia usar. Eu tenho a ideia de usar os corações de barro que eu tenho do meu TCC e usar um monóculo... como é o nome... aquele de ver fotografia antiga. Eu fiz até uns protótipos dele, colocaria ele e ficaria como um olho mágico no meio do coração, só que ele precisa de luz, então não dá pra ser diretamente na parede. Eu não consigo explicar, gente, eu prefiro desenhar e mandar pra vocês. Eu pensei em fazer uma caixa e com uma luz vermelha dentro e daria pra ver as imagens, mas daí eu pensei nas janelas... Eu preciso de alguém pra falar "olha, tá bom já de ideia, pronto, suficiente".

Guilherme: Eu acho que em alguma medida a gente vai precisar começar a ir amarrando certas obras na exposição pra entender até onde ir, mas eu acho bem importante... Mitsy mesmo falou que ele imprimiu outras fotos, e não vejo problema de fotos por fora sejam aproveitadas nessa exposição também, caso façam sentido. Eu acho que em termos de produção tá massa. Mas eu acho que dá pra colocar uma coisa ou outra. Penso principalmente que para o trabalho de Mari começar a desenhar é bom a gente começar a ir setorizando. Eu acho muito chique ter uma parte

do processo e uma parte individual de cada pessoa. Mas eu acho que, em termos de quantidade, a gente pode pensar nos acréscimos finais, porque tá ótimo.

Sumaya: Sério? Porque eu tô com Kaísa, eu sempre acho que tá faltando alguma coisa, tipo, não é nada isso, sabe...

Mitsy: Pra mim eu vou, de fato, mesmo aproveitar as imagens, não só aquelas, mas as outras também porque elas dialogam, então, já são 9 no total, todas elas 30x45cm. Gostaria de botar o pé pra jogo também, a peça. Eu só fico um pouco assim em relação a esse vídeo, porque foi uma coisa bem experimental. Também é o único vídeo que tem. Tu estava, Gui, nessa reunião? Kaísa propôs essa coisa do formato de colagem e aí eu fiquei pensando na questão de impressos que eu tinha e o quanto eu não trabalho com papel. Tenho muito interesse, mas não tenho essa prática de trabalhar diretamente com papel. E aí, eu fiz uma colagem sem cortar e sem colar. E achei que o vídeo poderia dar a dimensão de outras leituras do que era aquilo que eu montei no chão, de colagem, de sobrepor coisas, objetos e tal, e aí fiz o vídeo. Esse vídeo, gostaria realmente ainda de pensar sobre ele. Eu fiz fotos também, de repente, até nessa dimensão talvez de 10x10cm, algo assim, em vez de ser o vídeo. Pra mim, eu acho que tá amarrado. Pelo menos eu consigo ver. Inclusive, agora, ver tudo junto e ver muito sentido, todo sentido do mundo. Eu vi diálogos, muitos, com tudo que a gente conversou. Tava vendo o vídeo e meu deus! O quanto que, sabe? Foi uma coisa que saí pegando e fazendo o processo de curadoria dos papéis, das coisas que eu tinha e o quanto dialoga com o trabalho de Sumaya, porque é também um nascimento, é também uma forma de se parir, de se gestar, o vídeo que eu fiz. E as coisas vão conversando nesse Entre que Kaísa abre. E a gente vai construindo em cima. Mas é isso, eu fico contente também que as coisas estão caminhando já pra gente pensar, é isso que eu ia falar agora: pra a gente criar esses arquivos. Su vai

fazer o desenho de como imagina, mas também colocar pra Mari ter uma noção, a gente colocar dimensões, fazer mesmo quando a gente imagina isso exposto como é que isso vem em mente de resolução de espaço, tamanho, entre uma imagem e outra, pra ver como isso fica junto. Isso pra na próxima reunião a gente já chegar com esses arquivos que são muito mais pragmáticos pra Mari visualizar isso no espaço e dizer o que funciona e o que não funciona de acordo com o espaço que tem lá, né?

Mariana: Isso seria ótimo, gente.

Kaísa: Gui sugeri... Eu mostrei o teu vídeo na reunião que a gente teve no Museu do Trem, aí ele deu a ideia de ser uma projeção em cima do livrinho, mas já que tu falou seria massa imprimir também, até pelo modelo de dobra, já que tu tens as fotos, poderíamos incorporar no livrinho.

Mitsy: Supertopo, porque aí seria me jogar em algo que foi muito dessas provocações, da sua, de pensar a colagem, a dobra, e de Suamaya, de pensar o tridimensional e de também sair desse lugar que pra mim é muito mais confortável, de “ah, tenho as imagens e elas já estão impressas e é só botar”, mas também abrir para o quanto dessa conversa, o que chegou de produção ou de mesmo rever o arquivo como a gente tem feito, de olhar novamente para o arquivo.

Kaísa: Eu tenho dúvida de como imprimir aquelas que eu fiz de xérox, de scanner. Não sei como isso se apresentaria e aceito sugestões, de tamanho...

Sumaya: Tu tem vontade de fazer como?

Kaísa: A única coisa que eu pensei é que fosse, por exemplo, que parecessem xérox mesmo, que eu fizesse várias reproduções dessas imagens, não sei se de todas, até porque não gosto de todas, foi teste, mas aí também não sei como apresentaria no espaço.

Guilherme: Na exposição da Propágulo 3, eu e Mari tivemos uma ideia que não foi pra frente, do trabalho de Priscila, que ela produzia

video1778671059

video1778671059



muitas fotos do cotidiano e a gente tinha pensado em fazer bloquinhos em gráfica para as pessoas irem pegando, eu acho que isso é muito caro. Mas talvez, pregar vários bloquinhos, ou da mesma folha uma repetição. Mas eu também gosto de um acabamento pra esse trabalho meio brilhoso até, sabia? Pensando na radiografia que me remetem a essa textura. Mas, pensando aqui na logística, que acho que agora o curador deixa de ser legal e passa a ser mais chato dos prazos. Eu coloquei aqui um link do modelo de memorial descritivo que eu e Mari trabalhamos. E aí, assim, o atravessamento conceitual, eu acho que é mais rápido isso, acho que não precisa, mas é basicamente colocar a especificação técnica e de montagem, instalação e transporte de obra, porque a gente consegue ver e eu não sei se a gente tem planta da sala. Porque uma coisa é pensar as dimensões dos trabalhos idealmente, outra coisa é pra Mari conseguir desenhar essa sala, porque talvez a gente tenha limitações no espaço e a gente tenha mais obra ou menos obra do que a gente consegue imaginar. Aí, acho que talvez seja legal a gente apresentar pra Mari essas informações técnicas junto com o espaço pra Mari dizer o que pode e o que é que não pode em termos de arranjo.

Mitsy: Kaísa, eu acho chique isso que Gui falou, de pensar a transparência, a forma como você produziu essas imagens, de usar a impressora, acho que isso é uma boa condução do que você pode pensar de como ampliar isso e de que tipo de papel. Por exemplo, a xérox, a digitalização. A primeira coisa que eu pensei foi papel filme, lambe, porque para que o papel a forma de impressão continue dialogando com a maneira de se fotografar, como você mesma falou, né? São fotos. Eu acho interessante pensar nisso do que numa impressão de alta qualidade, mas que essa impressão continue dialogando com o suporte, que ela seja uma continuidade desse suporte.

Kaísa: É, eu vejo que ela não faz sentido em papel fotográfico, nem

fine art. Acho que não faz sentido mesmo, acho que seria reproduções que todo mundo pode pegar ou em lambe mesmo.

Mariana: Eu gosto do que Mitsy falou e gosto da ideia de reprodução, eu acho que uma coisa não impede a outra. É possível a gente fazer várias reproduções em papel jornal, por exemplo, aquele papel mais fino. As pessoas podem usar aquilo da forma que quiser, posso sei lá, se eu quiser, botar numa moldura. Mas eu gosto dessa ideia que tem a ver com a cópia, de que se repete e que eu posso reproduzir milhares de vezes. Se eu posso reproduzir milhares de vezes, porque não disponibilizar essas reproduções, sabe? E que as pessoas possam fazer o que quiser com elas. Eu acho que é importante pensar. Eu acho que a gente pode começar a pensar nesse memorial descritivo que Gui falou, mas que não necessariamente vai estar definido dessa forma. Eu acho que a partir daí a gente consegue definir melhor, mas com o memorial descritivo a gente consegue ter uma base pra onde a gente vai ou pra onde a gente não vai.

Guilherme: E até o trabalho estando em processo, né? O memorial já permite entender algumas coisas da ideia pra ir conversar algo mais concreto sobre ela, porque eu acho que fica legal ter uma área de trabalho que já fica finalizado e uma área que ainda tá em processo. Vai trabalhando primeiro o que já tá fechado e vai deixando as coisas que precisam de um tempo maior e amarrando com o tempo mesmo.

28/04/2022

Gabriella: Isto é um roçar de mãos?<sup>2</sup> Pensei isso como título que é um verso de um poema que estava no texto que eu tive como inspiração,

---

<sup>2</sup> Vide página 135

como referência de ideia de quando fui escrever o texto curatorial. Esse texto, eu até já tinha comentado nos encontros, ele fala sobre os afetos e, pra mim, desde o princípio era muito sobre os afetos, né? O projeto. O próprio verbo entretecer é um verbo que tende ao coletivo, que leva a gente ao coletivo, porque é carregado de um prefixo que leva a gente ao coletivo. Tecer é o verbo e o Entre expande esse verbo ao coletivo. E aí foi nesse sentido que eu escrevi o texto.

Thaís: Manda bala! Quer dizer, manda bala é horrível, né? Vai nessa!

Gabriella: (Risos) São as armas da palavra, aí tudo bem, né? Vou ler o texto.

Thaís: Eu adorei porque ficou também bem informativo.

Guilherme: Eu gostei muito, eu queria também ler mesmo pra ajudar a revisar, enfim. Eu gostei muito porque eu fiquei tentando visualizar como tu escreveria e acho que de alguma maneira casou com o que eu tô propondo também. O meu texto não está finalizado, provavelmente, eu tô escrevendo um texto que vou ter que esquartejar pra caber no tamanho do texto curatorial porque ele está com três páginas agora e é um tamanho muito grande, não é um tamanho que eu costumo trabalhar e ele não finalizou. Mas é... acho que é porque eu tou no mestrado e ele está tendendo a um artigo meu texto curatorial e talvez acabe virando um artigo mesmo, mas eu vou tentar comprimir ele pra virar um textinho curatorial menor ou então a gente pensa em outra solução, porque eu nunca escrevi um texto desse tamanho pensando em uma exposição. Eu acho que ele vai terminar grande mesmo, infelizmente. Eu não vou mostrar porque ele ainda tá num processo, então acho que eu lendo pra vocês eu localizo o que minha escrita quer falar... não, mentira, a gente apresenta o processo, Kaísa já compartilhou foto feia, eu vou apresentar. E aí depois a gente pode compartilhar os dois textos juntos.

Gabriella: Enquanto Gui abre, queria comentar também, não sei se

serve, Thaís, tu falou que várias coisas podem servir para divulgação, né? Eu tenho meio que uma cartografia com anotação de todos os encontros, de palavras que me levou a esse texto aí eu posso compartilhar contigo.

Guilherme: Eu tô partindo do princípio que nessa exposição - nem to falando abertamente sobre isso - mas, que nessa exposição, acho que o foco da experimentação aconteceu e a gente tá apresentando um diálogo, uma mostra desse processo que foi tão intenso. Por mais que eu ainda me preocupe com a questão educativa que vai acontecer lá, acho que esse experimento específico teve o momento de destaque dele nesse processo que a gente já vivenciou, pelo menos essa é a minha leitura e a gente vai dividir com outras pessoas e tudo mais. E aí, eu tentei, até falei pra Kaísa, pensar num texto que fosse útil para que esse experimento também seja útil para Kaísa falar academicamente ou falar em outros contextos, e aí, por isso que eu criei esse texto mais acadêmico e um pouco mais deslocado da posição de curador. As vírgulas, as pontuações, nada disso tá revisado, ele foi a escrita de um dia, então vocês tão vendo realmente o processo.

Thaís: É muito interessante, porque fala muito de mãos, fala passar de mão em mão, e aí Gabi vai falar também das mãos, "Isto é um roçar de mãos?" e aí eu já fiquei lombrando na imagem da mão, desse roçar mesmo ou poderia ser algo mais subjetivo, mas já dá pra ter uma imagem bem forte.

Kaísa: Eu queria saber, fiquei curiosa pra saber como foi a reunião de vocês e quem foi que surgiu esse título, como surgiu esse título. Gabi falou que veio de um poema, né? Mas eu queria saber um pouquinho mais desse processo de escrita de vocês.

Gabriella: Como eu disse, toda reunião eu anoto. Então, eu vou me guiar aqui pelo que anotei pra ver se eu pego algumas coisas. Inclusive, tem um ponto que eu falei com Gui que eu dei uma sugestão e ele disse "não sei se eles vão topa", porque foi o seguinte - eu vou falar primeiro



A série Nuvem parte das provocações de como encontrar as estrias de uma paisagem efêmera Nos ímpares de uma superfície quase impossível de se atingir, mas que se realiza no imaginário das texturas sem toque Seja na densidade que hospeda a noite ou nas partículas que reunidas anunciam a chuva, a entrega desse corpo é inevitável para quem dança com as correntes que sopram ao leste.

Composta por cinco imagens, essa série foi capturada em película colorida vencida com um dispositivo fotográfico de fotometria danificada e foco sem medição precisa, deixando a escanteio uma imagem lisa de nitidez absoluta para o encontro de maiores granulações que valorizassem o volume dessas percepções.

Mitsy Queiroz



no caso esse ponto depois eu entro aqui no que a gente falou na reunião e falo um pouco sobre o texto e a ideia do título: foi sobre tentar levar esse encontro de vocês a um ponto que contamine a autoria. Eu dei a ideia da gente de repente questionar essa autoria, deixar em aberto mesmo. Aí Gui falou: não, a gente pode setorizar. Ter uma parte que tenha as autorias e outra parte que está mais aberto. Então, é uma provocação que vai mexer com a própria coisa do expositivo, né.

Sumaya: Como assim? Não entendi.

Guilherme: Gabi pensou: e se a gente não informasse as autorias das respectivas obras? Acho que na exposição toda talvez seja muito, mas a gente pode justamente em alguma parte que a gente quer evidenciar isso mencionar o exercício, e aí, não dizer o que é de cada um, e aí, ter tanto o lugar onde isso é posto e setorizado de cada artista quanto um lugar que isso é mais turvo.

Gabriella: Porque... é isso. E isso tem a ver com o texto também, é engraçado tu falar, Gui, do texto que tu tava falando nos encontros aparecer no curatorial, porque o meu também foi a mesma coisa, desde o primeiro encontro eu tava falando do texto e depois foi ele mesmo, não por falta de pesquisa, leitura etc., mas por perceber que aquilo tava tendo uma coerência de permanecer. Eu fiquei pensando nisso porque nesse texto, de Luciana di Leone, acho que a tese dela, ela está falando mais de literatura, mas ela tá falando desse fazer coletivo, que tem surgido de maneira mais forte nas últimas décadas e ela fala muito da figura do editor como esse provocador desse convite ao coletivo. Eu tava falando pra Gui que eu faço uma analogia com o curador, como no nosso caso agora de tensionar esse coletivo e na verdade, percebendo a potência da proposição de vocês como artistas que também estão curando. Várias fronteiras estão sendo ultrapassadas. E esse contato e esse contágio e essa contaminação acontecendo. E aí, o título vem desse texto de Luciana Di Leone, eu lendo o texto, relendo, e aí ela

cita esse momento, ela faz uma breve análise desse poema, é o primeiro verso: Isto é um roçar de mãos? e é um poema retirado de uma coletânea de vários autores que não tem autoria, por isso que também pensei nessa coisa. Eu tava falando com Gui que eu fiquei pensando que o título talvez a gente pudesse mudar algum elemento, mas parece que a pergunta "Isto é um roçar de mãos?" É muito completa porque a própria mão é uma metáfora do contato, do fazer e aí esse roçar... me pareceu um título muito interessante. Não sei se vocês repararam, mas o texto curatorial abre com uma aspas que não se fecha nunca. E esse começo: Como é? Abre? Foi Mitsy que falou e aí teve essa coisa de trazer a fala de vocês, tipo, não é só minha voz que tá aqui. Inclusive, eu queria manter essas aspas abertas quando a gente for revisar também porque ela tem um sentido pra estar ali.

Sumaya: Eu gosto desse título, mas não é tão óbvio pra mim. A primeira coisa que eu imaginei visualmente quando eu escutei essa frase foi esse roçar de mãos, essa coisa de quando você está no ônibus e você passa a mão nos desconhecidos e aí queria entender mais sobre o texto inteiro. Isso não é ruim também, eu acho isso bom, porque pra isso ser o título de uma exposição são estranhos entrando no íntimo da gente, porque essa criação foi tão íntima, de uma forma bem junta. A minha primeira visão foi esse ato.

Guilherme: Quando eu ouvi, eu gostei bastante. Quando eu li no grupo, eu não sabia que seria uma proposta de título. Mas eu gostei. Gabi ficou pensando nessa ideia de mudar algum detalhe. O fato de ser uma pergunta deixa ainda mais generoso. Eu to até trabalhando com uma exposição que é uma afirmação "A beleza da lagoa é sempre alguém". Ponto final. E nesse não: Isto é um roçar de mãos? A pergunta também abre para uma possibilidade de participação do outro, né? A gente tá colocando enquanto pergunta. Na ideia de roçar ou talvez conhecendo Gabi eu vejo um roçar mais sensual, um roçar mais de contaminação, de afeto, de

calor, do que uma coisa mais corriqueira, no sentido de uma contaminação de uma coisa que realmente fica um atravessamento efetivo. Ainda que também possa existir roçares de mãos diferentes ao longo do projeto e ao longo da exposição, com o educativo, e talvez a passagem corriqueira do ônibus também aconteça em vários momentos, até às vezes acontece com a gente que não pode estar em todas as reuniões. Em relação à escrita do texto, eu costumo pensar, acho que uma coisa que nem digo, mas, costumo pensar que o texto eu começo a escrever desde o primeiro dia, porque normalmente pra mim é muito tranquilo a escrita, tirando encaixar no tempo, mas parece que o texto já estava sendo escrito no processo, sabe? E é muito difícil, pra mim, não ter esse medo de tá sendo falacioso com uma afirmação tão forte, porque falar de participação é uma coisa muito difícil e falar de uma participação que funciona normalmente parece que a gente tá fazendo propaganda enganosa. Mas, nesse caso, localizando a participação entre os encontros de vocês eu acho que faz muito sentido, eu acho que realmente é um exemplo passível de artigo mesmo e por isso que acabou virando, porque é um bom exemplo de como isso acontece. É um bom exemplo como dentro do que eu coloquei, que é importante contextualizar a LAB, em termos historiográficos mesmo dizer que teve Aldir Blanc ou o nome correto do edital. Dizer que são profissionais sobrecarregados porque isso faz parte da nossa realidade, estamos aqui num encaixe de horários, todo mundo querendo ter um momento de encontro efetivo, mas sem conseguir e entrando em mini colapsos diários e acho que isso também faz parte da cadeia produtiva que a gente faz parte aqui em Recife. Pra mim, foi importante situar isso, mas também situar esse outro lugar que eu ocupo enquanto pessoa que faz curadoria, mas, nesse caso, eu vi o processo acontecer e eu acho que eu pude contribuir em termos de embasamento para isso ser defendido também como um lugar de artistas-curadores que assumiram esse processo, que assumiram para si muitas escolhas, muitas

provocações. Eu acho que isso realmente é o foco. Ou pelo menos pra mim, no meu texto, que eu estou querendo colocar.

Gabriella: Complementando o que Gui acabou de falar, eu acho que a gente se organizou nesse sentido na última reunião porque a gente combinou de Gui fazer esse texto justamente nessa questão de artista/curador/artista e eu fiquei de falar dessa coisa do afeto e coletividade, entendeu? Tem uma diferença entre os dois textos, mas de alguma maneira eles estão dialogando, tem um roçar neles também. E aí esse roçar pode ser vários roçares e é realmente o contato, que é o afeto e eu achei que traduziria bem, seria uma boa imagem pra trazer pra exposição.

## Notas

Nestas breves notas, atendo-me a contextualizar sobre questões de autoria, sobre os papéis entrelaçados do artista-curador e do curador-artista, sobre o caderno de processos compartilhado e sobre a importância dos corpos dissidentes.

Atuar como produtora cultural fez com que naturalmente eu fosse assumindo um papel de curadora, apesar de não ser a ideia inicial, pois, sempre tive receio de permear esse lugar da curadoria. Como proponente do projeto, tive a iniciativa de convidar os artistas e curadores, de definir que iríamos produzir trabalhos híbridos e, durante a primeira reunião com os artistas, definimos em conjunto a dinâmica das produções. Só consegui aceitar e enxergar de fato que eu já estava curando quando Guilherme aponta para como esse processo estava acontecendo e como os conceitos de artista e curador estavam se contaminando.

É importante ressaltar a participação da artista, arte educadora, curadora e produtora cultural Letícia Barbosa, que colaborou com reformulação da escrita do projeto submetido ao edital Recife Virado, por estar inicialmente muito acadêmico. Essa adaptação da linguagem foi essencial para aprovação do projeto. Segue texto aprovado:

“O Projeto Entretecer é um desdobramento da pesquisa de Mestrado intitulada “O entretecer estético-político para criação poética de imagens híbridas: um estudo teórico e prático de criar em rede tecendo junto a corpos dissidentes”, de autoria da artista visual e pesquisadora Kaísa Andrade, então proponente, vinculada ao Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV UFPE/UFPB), sob orientação da Prof. Dr<sup>a</sup>. Flora Assumpção. Com ênfase na produção de obras colaborativas, o presente projeto contemplará a realização de 01 (uma) exposição coletiva, em espaço cultural na cidade do Recife, com data de abertura prevista

para o mês de Março de 2022, respeitando os protocolos sanitários vigentes em função da pandemia da Covid-19. Para compor as obras da exposição, o projeto contará com 02 (dois) artistas convidados, Mitsy Queiroz e Sumaya Nascimento, que criarão 02 (duas) obras híbridas em co-autoria com Káisa Andrade, em adequação aos prazos estabelecidos. No âmbito deste projeto, entenderemos hibridação enquanto mistura de linguagens, materiais, técnicas, suportes, conceitos dos quais emergem novos significados. O projeto será executado em duas etapas: a primeira, será uma imersão dos artistas no processo de criação, com planejamento estratégico para divulgação nas mídias digitais e assessoria de imprensa por Thaís Schio, além de acompanhamento da curadoria e assessoria no mês de janeiro e primeira quinzena de fevereiro. Com as obras resultantes da primeira etapa, será realizada a exposição em um espaço expositivo. Para isso, a expografia será produzida por Mariana Melo na segunda quinzena de fevereiro. A montagem será desenvolvida nos dias 3, 4 e 5 de março, com abertura no dia 6 de março. O encerramento será no dia 27 de março, com desmontagem nos dias 28 e 29 de março. Para o encerramento da exposição física, teremos uma live com os artistas, os curadores e com o intérprete de libras, de forma que seja acessível. Além das obras, a exposição disporá ao público visitante um diário de bordo, com os registros dos processos de criação artísticos e contará com um texto curatorial produzido em coautoria pela escritora Ana Gabriella Aires e pelo curador Guilherme Moraes. Dessa forma, o projeto irá viabilizar o início do desenvolvimento prático da mencionada pesquisa de Mestrado, que estimula a partilha de uma produção criativa em rede de artistas dissidentes. O objetivo geral do projeto é realizar a exposição coletiva intitulada Entretecer, de forma física, em espaço expositivo e com visitação gratuita. Os objetivos específicos do projeto são: a) investigar e socializar o processo criativo em rede, a partir da criação de obras híbridas por três artistas criadores; b) realizar divulgação

da exposição nas mídias tradicionais (jornais e revistas locais) com apoio da assessoria de imprensa e através do Instagram “entre\_tecer”, estando todas as publicações veiculadas nesta mídia com legendas - para fotos e vídeos - acompanhadas da hashtag #pratodosverem; c) realizar evento de abertura da exposição física, respeitando os limites de público do espaço expositivo d) realizar Live de encerramento da exposição, via Instagram “entre\_tecer”, com a presença dos participantes do projeto e da dupla de Intérpretes de Libras; e) realizar visitas guiadas, desde que agendadas previamente e respeitando os limites de público do espaço; f) disponibilizar todos os registros de vídeo e fotos da exposição no Instagram “entre\_tecer” a fim de democratizar ainda mais o acesso para o público interessado e impossibilitado de visitarem-na presencialmente. A relevância deste projeto se dá ao ampliar e questionar o conhecimento acadêmico que permanece restrito a este meio, trazendo um debate sobre arte contemporânea para o público em geral, aproximando a academia ao cotidiano. Além disso, o projeto coloca em evidência o processo criativo em arte que, muitas vezes, é um processo solitário, isolado e restrito apenas a quem o pratica - vide ateliês ou dentro de casa -, não sendo tão visível ao público geral leigo, que desconhece o trabalho de pesquisa e execução tão necessários à construção de uma obra de arte, tendo o primeiro contato a partir de obras já finalizadas. A execução deste projeto também justifica-se pois irá auxiliar os profissionais da cultura afetados pela pandemia, além de ser um incentivo para uma produção acadêmica que é realizada sem bolsa de pesquisa em universidade pública. E por fim, o projeto preza pela diversidade e representatividade, sendo toda a equipe técnica formada por artistas LGBTI+.”

Pensei que o projeto não seria aprovado, afinal, não especificamos muitos detalhes, sequer as obras estavam prontas, e também não tínhamos local para exposição definido. O espaço expositivo foi trocado de última

hora do Museu do Trem para o MAMAM, com a justificativa de que o primeiro entraria em uma reforma de longo prazo. Comecei a correr contra o tempo e contatar diversos espaços culturais que pudessem acolher o projeto. A Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Flora Assumpção, orientadora desta dissertação, tornou viável a comunicação com a diretora do museu. Apesar de termos realizado diversas visitas técnicas ao Museu do Trem e desde o princípio visualizado a exposição para uma sala de grande amplitude, tivemos a sorte de coincidir com o período do projeto em que iríamos começar a expografia de fato. Se antes ficávamos angustiados por ter uma sala tão grande e com tantas interferências visuais, a mudança fez com que tivéssemos que repensar os trabalhos para um espaço pequeno como Aquário do MAMAM.

A princípio, teríamos uma obra nova localizada no centro da sala em cima de uma base a ser incluída durante o período de feitura da expografia, mas que foi descartada por Sumaya. Essa escolha aconteceu pela obra estar inacabada e também para melhor circulação de pessoas no espaço.

No dia 18/07 tive uma conversa com o educativo do MAMAM para falar sobre a exposição e a coordenadora do educativo Nathália Vieira solicitou que eu ensinasse a eles o passo a passo da dobra que fiz no livro de artista que estava na exposição. Tivemos uma tarde de trocas, em que eles fizeram diversas perguntas sobre a exposição.

Nos trabalhos desenvolvidos, encarnamos nossos corpos dissidentes ainda que estes não tenham sido o tema central da exposição a princípio. Partimos de imagens de arquivo ou trabalhos que pensamos e nunca fizemos ou iniciamos e nunca terminamos e eles nos levaram à criação de mãos, pés, corações, cordão umbilical e cabelo. O corpo aparece literalmente e também de forma implícita quando trazemos traços autobiográficos para os trabalhos enquanto discurso debatido durante as reuniões nas quais falamos sobre o desenvolvimento de cada um deles.

Hoje tenho a perspectiva de que o tema da exposição foi uma

dança afetuosa entre corpos dissidentes dos artistas-curadores e dos curadores-artistas. Meu trabalho trata dessa questão, na maioria das vezes, em forma de autorretrato de um corpo que não é nítido, mas borrado, sugerido. Entendo, a partir de Goellner (2003) o corpo mais do que um dado natural, mas histórico, como algo produzido na e pela cultura: “o corpo é provisório, mutável e mutante, suscetível a inúmeras intervenções consoante o desenvolvimento científico e tecnológico de cada cultura, bem como suas leis, seus códigos morais, as representações que cria sobre os corpos, os discursos que sobre ele produz e reproduz” (GOELLNER, 2003, p.1)

No capítulo Marcas do corpo, marcas de poder, do livro Um corpo estranho - Ensaio sobre sexualidade e teoria queer (2004), Louro afirma: “é no corpo e através do corpo que os processos de afirmação ou transgressão das normas regulatórias se realizam e se expressam. Assim, os corpos são marcados social, simbólica e materialmente pelo próprio sujeito e pelos outros.” (LOURO, 2004, p. 83). Interessa-me pensar nessas marcas quando falo sobre corpos dissidentes, que aqui estão colocados como corpos que divergem da norma, do padrão socialmente estabelecido que operam poder sobre outros, pensando nos recortes de raça, classe, sexualidade e gênero.

Neste projeto, foi importante borrar os limites de papéis entre artistas-curadores e curadores-artistas, além das próprias linguagens artísticas. Como trata-se de um projeto coletivo e horizontal, não faria sentido atribuir a centralidade de tomada de decisões a apenas um curador. Os curadores convidados são também artistas que têm suas próprias produções e os artistas tiveram uma atuação no processo curatorial. “Hoje em dia, um autor é alguém que seleciona, que autoriza. Desde Duchamp, o autor tornou-se curador. O artista é, antes de tudo, curador de si mesmo, porque seleciona sua própria arte. E também seleciona Outros: outros objetos, outros artistas”



(GROYS, 2015, p. 120).

A proposta dos exercícios de resgate de material surgiu a partir da primeira reunião entre os três artistas e levada ao grupo para debate na primeira reunião geral, aberta a interferências. Assim que foi dado início ao jogo, interpretações dos trabalhos eram compartilhadas entre todos. “O processo colaborativo aposta na força das proposições de todos os membros do grupo e a necessidade de voltar a essas múltiplas interações para fazer escolhas no percurso de criação de projetos artísticos, instaurados na coletividade” (SALLES, 2021, p. 145).

As linguagens artísticas se borram no sentido de não estar explícito qual técnica utilizada resulta na obra final: é o objeto ou a fotografia? Ou são os dois? O que é registro e o que é obra? E quando o registro vira obra? Tudo está posto da maneira que visualizamos durante o processo. Como a maioria das reuniões eram online, precisávamos apresentar as criações em forma de imagem, então, a fotografia era o principal meio de compartilhamento dos trabalhos.

O jogo que entrelaçou os trabalhos de nós três, artistas, na primeira etapa do projeto - a da imersão para criação de obras - continuou a ser complementado com a presença do público na exposição, incluindo aqueles que deixaram seus registros no caderno de processos ou levaram o trabalho “Paisagens internas” consigo ou interagiram com os corações da instalação.

A obra de arte contemporânea não se coloca como término do ‘processo criativo’ (um ‘produto acabado’ pronto para ser contemplado) mas como um local de manobras, um portal, gerador de atividades. Bricolam-se os produtos, navega-se em redes de signos, inserem-se suas formas em linhas existentes (BOURRIAUD, p. 16, 2009).

Guilherme pontua nas reuniões o pensamento que se traduz em: “[A exposição] Não é mais um ponto final: é um momento na cadeia infinita das contribuições.” (BOURRIAUD, p. 17, 2009).

O caderno, como dispositivo colaborativo para criação - e registro do processo - age também como potencializador do fazer criativo: as incertezas, as conexões que realiza, trazendo gestos que acrescentam significado ao trabalho dito como finalizado. Sobre as investigações nos arquivos da criação, Salles afirma que “o pensamento em criação se dá em um contínuo movimento tradutório de linguagens, como, por exemplo, palavras e imagens que se transformam em ação no corpo de um ator.” (SALLES, 2017, p. 57).

Para Salles,

o importante é destacar que esses documentos, que, por vezes, são privados ao âmbito dos grupos, oferecem uma grande diversidade de informações sobre o percurso de criação, lançando luzes sobre momentos diferentes do processo. Mesmo diante dessa grande diversidade de documentação de processo, fica claro para a crítica de processo que nunca teremos acesso a todo o processo. Os desejos, interesses e paixões, ou seja, aqueles que parecem ser princípios direcionadores que mobilizam os artistas em direção à construção de suas obras, podem pertencer a “arquivos internos” sem nenhum tipo de registro, que vêm à tona, por exemplo, em algumas tomadas de decisão. (SALLES, 2017, p. 59-60)

Produzir e pensar a exposição de forma presencial, pós pandemia do Coronavírus, adquire um significado a mais, pois a presença das pessoas aparece de forma catártica. Segundo Obrist:

Apesar do atual aumento das informações sobre arte pela internet e outras mídias, o conhecimento ainda depende muito do encontro entre as pessoas. Eu vejo as exposições como um resultado de diálogos, onde o curador funciona idealmente como um catalisador. (OBRIST, p.128, 2010).

Dentro de um trabalho colaborativo, em rede, as autorias se misturam, pois “os artistas da pós-produção não estabelecem uma diferença de natureza entre seus trabalhos e o trabalho dos outros, nem entre seus gestos e os gestos dos observadores” (BOURRIAUD, p. 51, 2009). Questões referentes à autoria em rede são exploradas por Salles, que foge da dicotomia de processos exclusivamente individuais ou coletivos, mas de um processo em relação de subjetividades individuais em interação com o coletivo:

(...) vejo os agentes em criação em meio à multiplicidade de int rações e diálogos - sujeitos constituídos e situados - que encontram modos de manifestação em brechas que seus filtros mediadores conquistam. O próprio sujeito tem a forma de uma comunidade; a multiplicidade de interações não envolve absoluto apagamento do sujeito e o locus da criatividade não é a imaginação de um indivíduo. Proponho, assim, um conceito de autoria, exatamente nessa interação entre o sujeito e os outros. É uma autoria distinguível, porém não separável dos diálogos com o outro; não se trata de uma autoria fechada em um sujeito, mas não deixa de haver espaço de distinção. Sob esse ponto de vista, a autoria se estabelece nas relações, ou seja, nas interações que sustentam a rede, que vai se constituindo ao longo do processo de criação. Trata-se de um conceito de autoria em rede. (SALLES, 2017, p. 39 e 40)

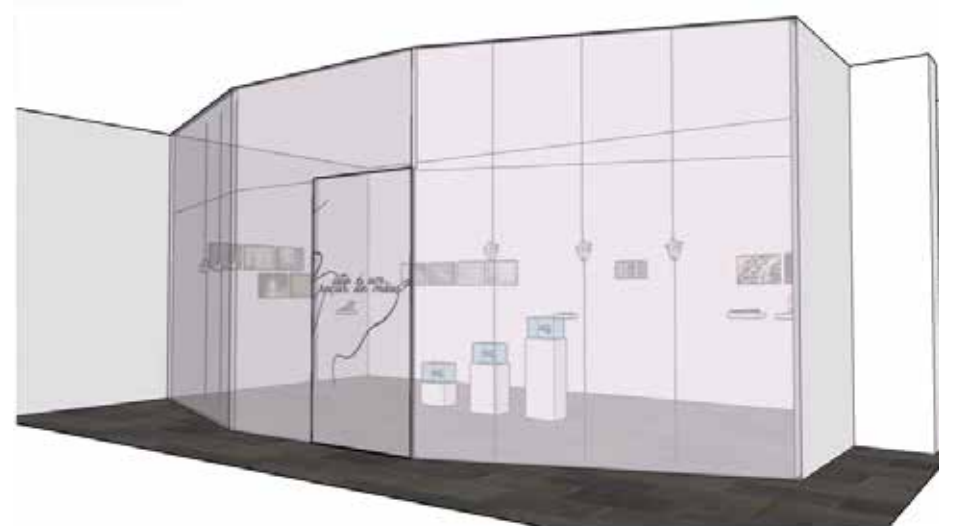
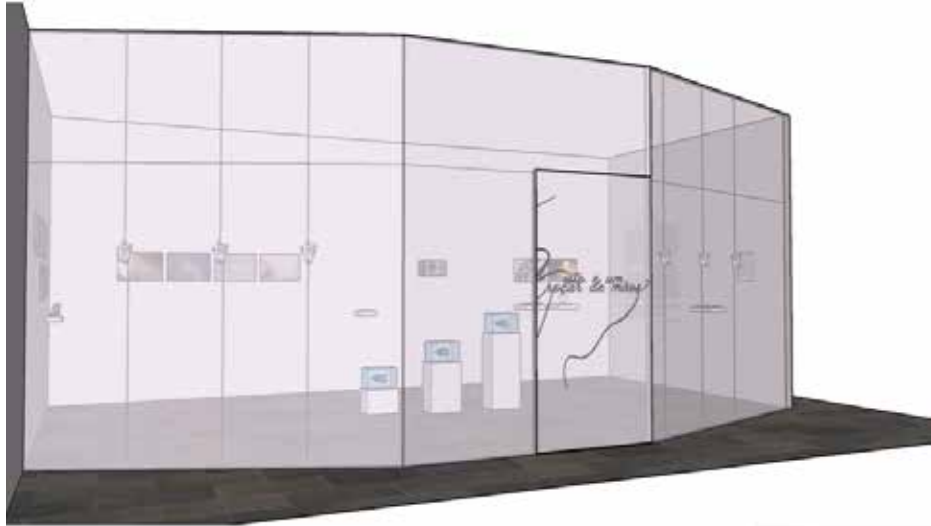
## Referências

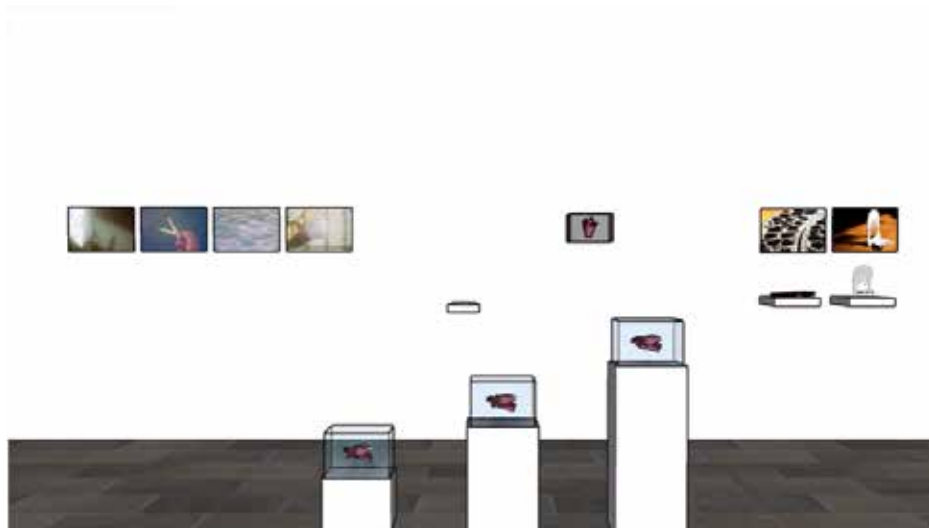
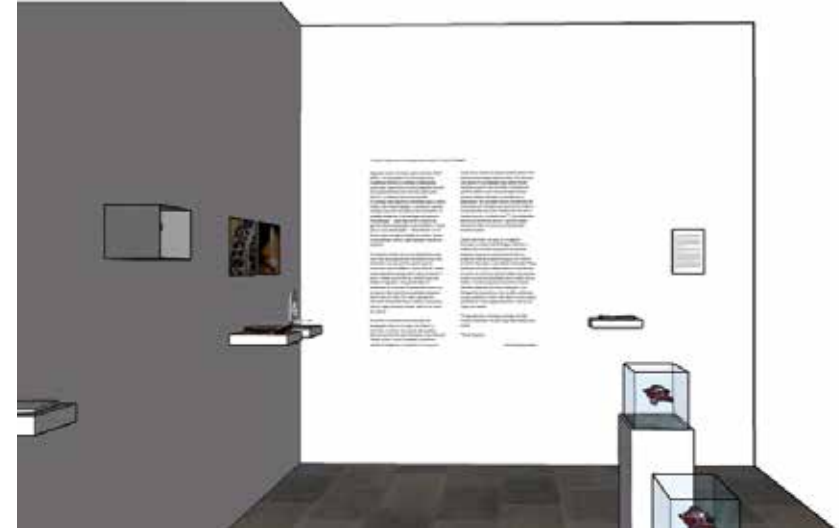
- BISHOP, Claire. Antagonismo e estética relacional. Revista Tatuí, v. 12, Recife: 2011.
- BOURRIAUD, Nicolas. Pós produção - como a arte reprograma o mundo contemporâneo. São Paulo: Martins, 2009.
- BOURRIAUD, Nicolas. Estética Relacional. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Martins Fontes, 2009
- GROYS, Boris. Arte poder. Belo Horizonte: UFMG, 2015.
- GOELLNER, S. V. A produção cultural do corpo. In: LOURO, G.L. et al. Corpo, Gênero e sexualidade: um debate contemporâneo. Petrópolis: Vozes, 2003.
- KINCHELOE, J. L. and BERRY, K. S. Rigour and Complexity in Educational Research - conceptualizing the bricolage. England: Open University Press, 2004.
- LARROSA, Jorge. O ensaio e a escrita acadêmica. Educ. Real., Porto Alegre, v 28, n2. p. 101-115, jul/dez 2003.
- LIPPI, Bruno Gonçalves; NEIRA, Marcos Garcia. Tecendo a Colcha de Retalhos: a bricolagem como alternativa para a pesquisa educacional. Educ. Real., Porto Alegre, v. 37, n. 2, p. 607-625, maio/ago. 2012.
- LOURO, G. L. Um corpo estranho - Ensaio sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004
- Moraes, Guilherme; Silva, Maria Betânia. Entre curadoria e mediação cultural a partir da exposição Propágulo: fotografia e identidade. Recife: Ed. dos autores, 2021.
- OBRIST, Hans Ulrich. Uma breve história da curadoria. São Paulo: BEI, 2010.
- O'DOHERTY, Brian. No interior do cubo branco: a ideologia do espaço da arte. Tradução Carlos S. Mendes Rosa. São Paulo: Martins Fontes, 2002

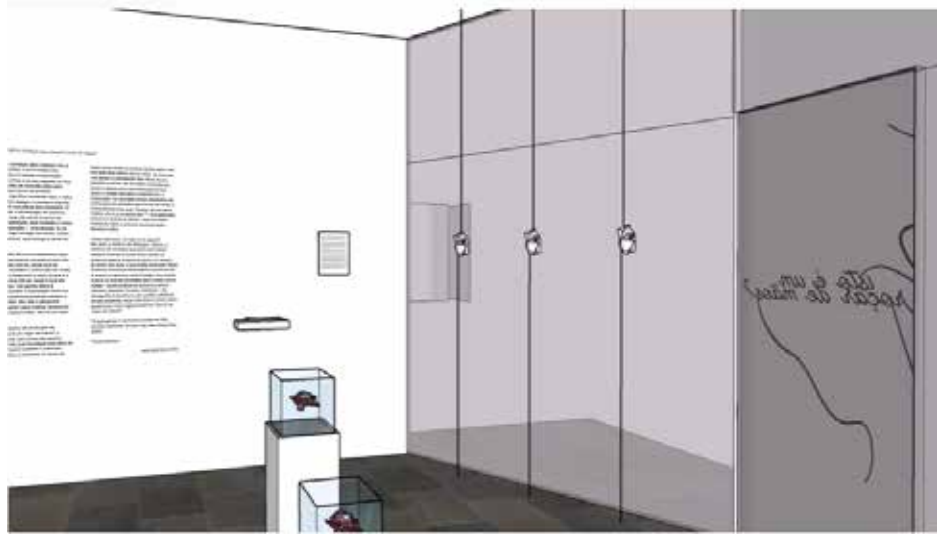
OSTROWER, Fayga. Criatividade e processos de criação. 30• ed -  
Petrópolis: Ed Vozes, 2014.

SALLES, Cecília Almeida. Processos de criação em grupo: diálogos. São  
Paulo: Estação das Letras e Cores, 2017.

SALLES, Cecilia Almeida. Redes da Criação Construção da obra de arte. 2ª  
edição. São Paulo: Editora Horizonte, 2006.











Curioso o lugar que acabei ocupando ao participar desta exposição. Convidados a sermos os curadores da mostra pela artista Kaísa Lorena, eu e Ana Gabriella Aires defrontamo-nos com um posto outro ao presenciarmos uma massa de diálogos na qual, para além Kaísa, somavam-se os artistas Mitsy Queiroz e Sumaya Nascimento. Mais comentaristas do que de fato figuras que exerciam uma centralidade neste processo, cuja narrativa criava-se a cada encontro, contribuímos com observações que reverberavam esses momentos a partir dos nossos próprios repertórios.

Para During (2011), a *conversa* constitui um dos paradigmas mais interessantes da curadoria. Oferecendo a ideia do curador como um *conversador*, esse paradigma está “articulado em torno da figura do conversador e do motivo do encontro.” (DURING, 2011, p.29, tradução minha<sup>1</sup>). O que quero aqui apontar é para a impressão que tenho de que, por mais aberto que se construa um processo curatorial coletivo e participativo, é necessário que alguém assim o proponha. E é justamente essa autorização, ou a sustentação desse contexto de diálogo, que não partiu das minhas mãos ou das de Ana Gabriella, mas sim de Kaísa Lorena que, como propõe a autora em questão, foi quem conduziu, sustentou e prolongou uma conversa entre nós, que a *priori* não forjaríamos tal campo de diálogo.



Correlacionando então a figura do curador à do *cenógrafo*, do *dramaturgo* ou, minha favorita, à do *Dono do Circo*, During oferece então o paradigma teatral ou *performativo*. Metaforicamente, o curador nesse caso seria aquele responsável por, uma vez armada a lona, anunciar o número de cada um dos seus colegas, os quais iluminados por holofotes participam da apresentação. O paradigma performativo da curadoria é entendido justamente quando se explora espacial e temporalmente o ato de se expor.

O terceiro paradigma, de *jogo*, diz respeito a um modelo lúdico que resulta da intersecção da conversa com a performance. Nesse sentido, a autora cita a ideia de exposições enquanto jogos meta-literários, onde o curador se projetaria como um *mestre do jogo*. Enquanto participávamos de cada encontro, ou, valendo-me agora deste paradigma, de cada partida (e aqui o termo comentarista citado no primeiro parágrafo ganha mais sentido), pudemos ver o posto de mestre do jogo começar a passar de mão em mão de cada envolvido. De acordo com Sternfeld (2012), é através da educação transformativa que a palavra participação de fato faz sentido. Como posto pela pesquisadora, um entendimento democrático de partici-

pação envolve compor o processo de tomada de decisão que determina as próprias participações em si, ideia que se resume a partir da posição de que “não é simplesmente sobre entrar no jogo, mas também sobre ter a possibilidade de questionar as regras do jogo” (STERNFELD, 2012, p.4, tradução minha<sup>2</sup>).

Pudemos ver Mitsy Queiroz, artista e arte-educador, desafiar suas colegas a partir de produções suas, solicitando, para o encontro seguinte, a realização de imagens fotográficas arranjadas em frase. Em um encontro seguinte, após a socialização e conversa sobre o exercício posto por Mitsy, a artista Sumaya Nascimento foi propositora de uma nova partida que se sucederia: cada um dos outros dois artistas deveria, em uma semana, apresentar-lhe uma produção tridimensional. Desses entrecruzamentos foi-se criando um processo de socialização de inquietações e vontades relativas a cada investigação individual em curso, como também sendo propostos, paulatinamente, pontos de contato e contaminação entre poéticas dispostas a se parearem no espaço-tempo desta ação.

Atento para este episódio enquanto exemplo de situação em que o curatorial desponta em procedimentos de artistas comprometidos, sobretudo, com uma rigorosa forma de conhecimento especulativo. Esta exposição é resultado de um processo de aprendiza-

do em que Kaísa Lorena, Mitsy Queiroz e Sumaya Nascimento estiveram empregados, exercitando o vislumbre da coerência do outro e, por isso, afetando-se através disso. Esse atravessamento esteve situado no tempo e reverbera agora enquanto pista para pensarmos outras formas de habitarmos as lonas que erguemos, outras maneiras de falarmos dentro das conversas às quais somos chamados, e outras formas de criarmos jogos de participação.

**Guilherme Moraes**

---

1 “articulé autour de la figure du conversant et du motif de la *rencontre*.”

2 “is not simply about joining the game, it is also about having the possibility to question the rules of the game.”

#### REFERÊNCIAS

DURING, Elle et al. **Quest-ce que le curating?**. Paris: Manuella Éditions, 2011.

STERNFELD, Nora. **Playing by the rules of the game:** Participation in the post-representative museum. In: CuMMA Papers #1. Helsinque: CuMMA (Curating, Managing and Mediating Art) - Programa de mestrado da Universidade de Aalto, 2013. p 1–7.

## “Como lidar com o começo das coisas? Como é? Abre?”

Algumas vezes começar pelo começo não é óbvio: – ao perceber a articulação dos trabalhos feitos e trazidos à exposição junto aos rascunhos e juntos jogados ao mar das possibilidades de reconstrução pelo outro – o começo torna-se preciso. O começo não significa novidade aqui, a esta ficção não temos apego, o começo é aquele vestígio que dá-nos pistas dos caminhos. O começo pode ser a etimologia da palavra ‘Entretecer’ – que não só foi o título do germe desta exposição, mas também o mote para a sua realização –. ‘Entretecer’ é um verbo que carrega consigo um verbo, ‘tecer’, e um prefixo, ‘entre’, que alarga o verbo ao coletivo.

O coletivo, enfim, foi e é fundamental aqui uma vez que assumimos considerarmos não somente uns aos outros, pares que se reuniram, mas também u outro (lê-se: você) como elemento essencial à obra, já que é a partir desse outro (lê-se: você) é que ela existe e significa. Um ganho disto é podermos aí considerar a exposição como um processo: são caminhos possíveis sempre a serem percorridos. Por isso a pergunta retirada do poema\* para indicar, enquanto título, esse contato nosso: ‘Isto é um roçar de mãos?’

Durante o trabalho de produção da exposição ‘Isto é um roçar de mãos?’ o contato, o entre, nos tomou de assalto. Isso porque ainda que

houvesse uma ideia de “fazer junto” havia também o caminho: antes do objetivo, o caminho. E nunca se sabe como serão os passos dados pelas vias até que elas sejam percorridas. As vias que nos levam à concepção das obras foram tecidas a partir de reuniões iniciadas em janeiro deste ano e se prolongaram por quatro meses até esta culminância: a exposição. As reuniões foram momentos de andanças em direção aos outres de modo a compreendermos que “hablar de vos seria hablar de mi y no está mal”\*\*. Entretecidos entre si e entre as obras – que em dado momento têm a autoria contaminada – ficamos todos. Como não ficar, no aqui e no agora?

Eis, pois, a mostra de diálogos, afetos, a mostra do contato que para acontecer sempre tiveram e continuam tendo os próprios afetos enquanto guia, um roteiro errante. Eis, pois, o que Kaísa Andrade, Mitsy Queiroz e Sumaya Nascimento puxaram de si e para si, entre si, entre todes, dus outres e para us outres (também para você), entre todes – ainda enquanto encontro entre tempos, espaços, formas, matérias – da fotografia à escultura, do cordão umbilical ao pé, podemos notar tão bem e ainda assim questionar interrogativamente: ‘Isto é um roçar de mãos?’”

**Ana Gabriella**

---

\*O que pensa o contacto (vozes do 23), Carlito Azevedo. Em Jet-lag, Selo Moby Dick, 2002.

\*\*Andi Nachon

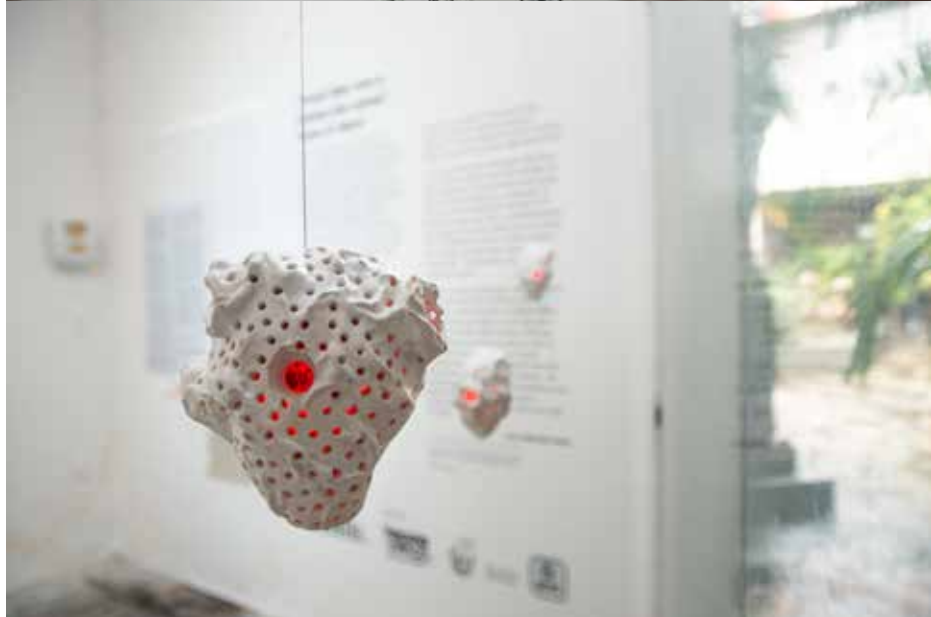
**"Como lidar com o  
começo das coisas?  
Como é? Abre?"**

Algumas vezes começar pelo começo não é óbvio: - ao perceber a articulação dos trabalhos feitos e trazidos à exposição junto aos rascunhos e juntos jogados ao mar das possibilidades de reconstrução pelo outre - o começo torna-se preciso. O começo não significa novidade aqui, a esta ficção não temos apego, o começo é aquele vestígio que dá-nos pistas dos caminhos. O começo pode ser a etimologia da palavra

houvesse uma ideia de  
também o caminho: a  
caminho. E nunca se  
dados pelas vias at

As vias que nos le  
foram tecidas a p  
janeiro deste ano  
meses até esta  
reuniões foram









Informational text or labels, possibly artist names or descriptions, located on the right side of the wall.

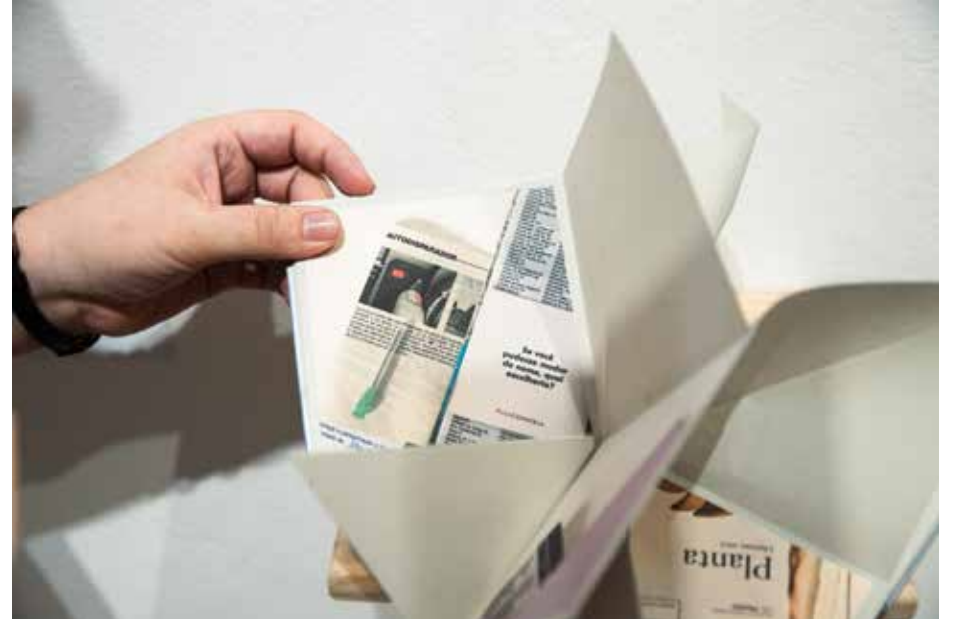




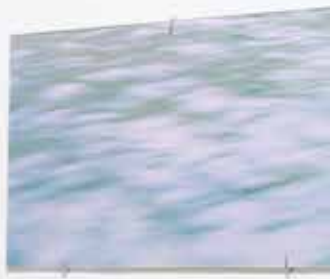














As fotografias de exposição suscitam questões que envolvem o Espectador enquanto Olho e enquanto corpo no espaço expositivo. O'Doherty traz a definição da galeria como cubo branco a partir do Modernismo que produz efeitos na experiência do público com a obra. Segundo o autor, as fotos da exposição sem a presença humana reforçam a ideia que nossos corpos não fazem parte daquele ambiente:

para acessá-la é preciso estar morto. Com efeito, a presença daquele estranho móvel, nosso corpo, parece supérflua, é uma intrusão. O espaço faz pensar que enquanto o olho e a mente são bem aceitos, os corpos não são, ou são tolerados apenas como manequins sinestésicos a serem submetidos a uma análise ulterior. Este paradoxo cartesiano é reforçado por um dos emblemas de nossa cultura visual: a foto da instalação sem ninguém, na qual o observador foi finalmente eliminado. (O'DOHERTY, 2002, p. 23)

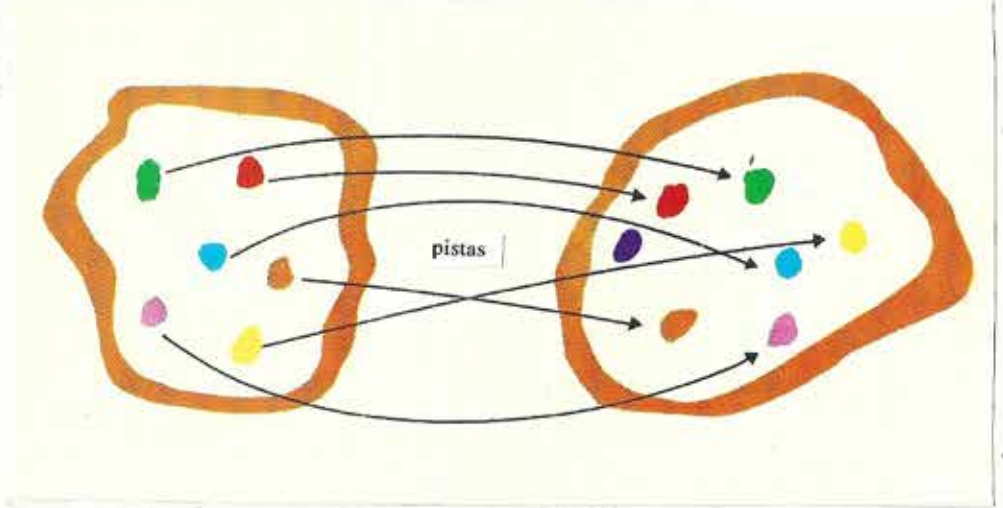
O'Doherty opõe dois modos de percepção dentro do cubo branco: o Olho e o Espectador. Dessa forma, ao inserir o visitante nas fotografias da exposição, sua presença é considerada enquanto parte constituinte e ativa dentro do espaço expositivo. Conforme o autor:

o Olho é o único habitante da asséptica foto da exposição. O Espectador não está presente. As fotos de exposição são geralmente de obras abstratas; os realistas não se interessam muito por elas. Nas fotos de exposição, a questão da escala é confirmada (deduz-se o tamanho da galeria pela foto) e obscurecida (a ausência de um Espectador pode indicar que a galeria tenha nove metros de altura). (O'DOHERTY, 2002, p. 41)



Johns & Brown & Co

अणुसंश्लेषण प्रतिक्रिया





muho mā. 10310



Uobi aint o palarras



QUANDO A FOLHA DO MEU QUANTO

ASNE

UM

REDEMOINHO

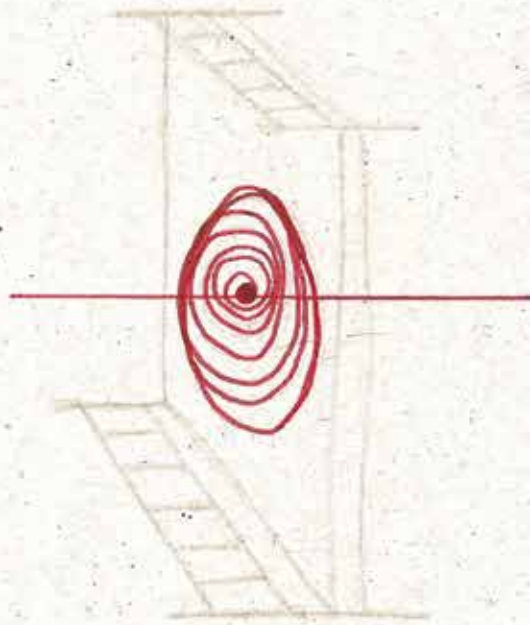
ACONTECE



NA

CAMA

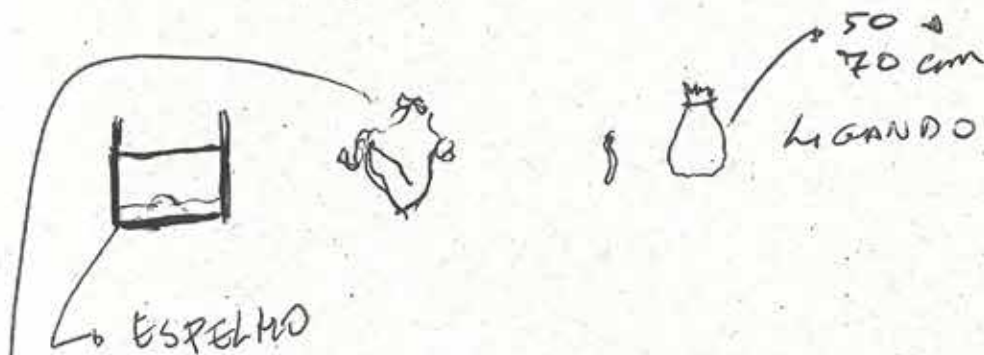
sugado,  
estou suspenso por me  
dar conta da  
fúria desse sopro



AINDA



AQUI



1. CAPAZ DE PRODUZIR REFLEXOS EM CERTAS CIRCUNSTÂNCIAS.

2. CORÇÃO DE CONCRETO

1. PARTE MAIS CENTRAL / MAIS PROFUNDA DE ALGUM AMAGO.

2. CONCRETO

↳ LIGADO À PERMEABILIDADE, DO QUE É PALPÁVEL, DO QUE PODE SER CAPTADO PELOS SENTIDOS.

SOMMO IMACILCO, LHO FWIPO.



O QUE  
ANDA SEM  
DISTINHO



# Entretecer

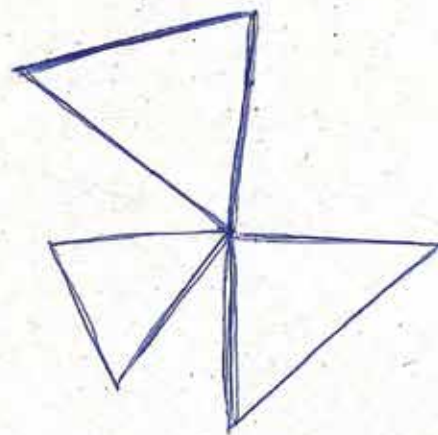
\* Afeto: contato, troca; afecção

↳ contaminação

↳ borrar de fronteiras/limites



ser sendo: errante: caminhar sem destino



"O vocábulo se desprende  
Em longas espirais de aço."

HH

Um poema não se cria

Assim

Antes

Um poema me criou.

E já são tantos

Que perder-se é mais em conta

Para pensar o poema

Quê sentir o mundo no peito.

O poema se criou

E não tem feito.

De pés bambos:

Ao poema,

NEM

TODA IDA É SEM VOLTA

! XTFOA X HE 3000!

**TODA IDA É SEM VOLTA**

TODA IDA É SEM VOLTA

TODA IDA É SEM VOLTA

TODA IDA É SEM VOLTA

TODA IDA É SEM VOLTA

TODA IDA É SEM VOLTA

IDA É SEM VOLTA

TODA É SEM VOLTA

TODA IDA É SEM VOLTA

TODA IDA É SEM VOLTA

TODA IDA É VOLTA

TODA IDA SEM VOLTA

TODA IDA SEM VOLTA

TODA IDA É SEM VOLTA

TODA IDA É SEM VOLTA

TODA IDA É SEM VOLTA.

Desenhar limites

Desenhar com o corpo todo

Desenhar sem olhar

Desenhar sem saber desenhar

Desenhar um risco só

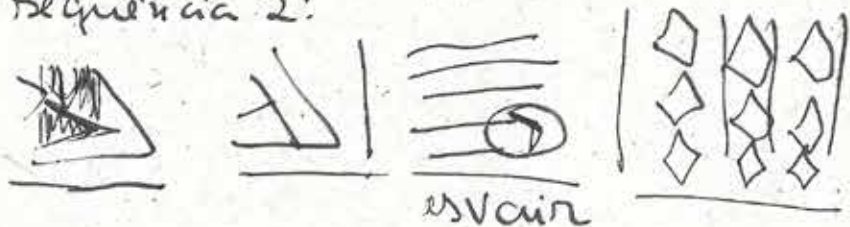
Desenhar o erro

Desenhar rastros

Desenhar ruínas

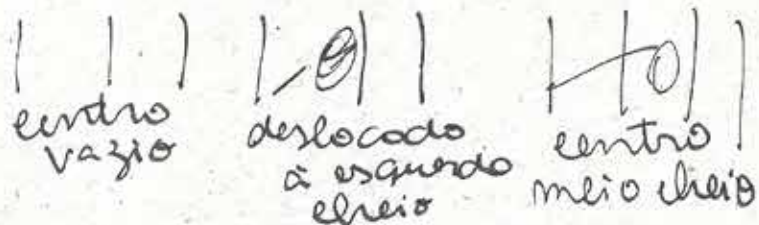


sequência 2:



- o mar cintilante esconde objeto pontiagudo.
- parte de um emerge do outro
- respiração presa
- espaço contido
- tensionando limites
- algo está escapando

sequência 1:



centro  
vazio

deslocado  
à esquerda  
cheio

centro  
meio cheio

pouco ar no de respiro  
existe um quebra  
um corte que desloca

O que eu vejo?  
olhar p/ dentro



conexão e relações / rupturas  
de sangue / família.  
Quem somos dentro  
desses relacionamentos  
e como isso afeta a nossa  
autoafirmação / autonomia  
como Ser-Único?

lembrei de uma obra  
que vi em 2019 no  
centro cultural Vale  
Moreninho, em São Luis  
em que vários espelhos  
quadros do chão,  
apontando pro céu  
se moviam sem  
parar e refletia as  
árvores, o céu e tudo  
que estava ao redor.

O silêncio me deixa  
ansioso. Levo um  
disco pro tocar.  
Fecho que consigo  
me esautar melhor  
com música.

Cominho pelo ateliê,  
escolho um livro (o es-  
minho do artista de Ju-  
lia Lomeron). Aprove-  
endo o momento este-  
folheio. Vou para o su-  
mário. Encontro o co-  
pítulo "Guia proo que  
po criativos".

"Imaginei-os como círc-  
ulos de colegas - "aglomera-  
ções de criativos" onde  
as pessoas serviriam de  
espelho umas para as  
outras (...)

apoio de artista para  
artista, de criação para  
criação. ~ (p.254, 2017)

Preferir relações horizontais

Tentativa de resgate do eu-ança-  
artista-ferido.

Foi difícil unir as duas partes.  
Suei fugindo.

Requer esforço de corpo inteiro.

- encontro - vazio - toque -  
sombra - preencher - contato -  
índice - presença - limites -  
violência - afeto - dentro -  
fora -





ECTAD CENTRE  
ECTAD CENTRE

usd/centr connertr emgocsmct

THE UNIVERSITY OF MICHIGAN LIBRARY

ANN ARBOR MI 48106

em tanto que me perco  
de mim  
mas algo  
me faz  
sentir e perceber  
que eu  
ainda sou eu  
que eu ainda  
tô aqui  
e que ~~esses~~ <sup>esses</sup>  
desencantos  
são  
novos  
cominços  
até  
minha nova eu.

lá longe.



matheus gabriel da silva alexandre

*[Handwritten signature]*



DEUS

@@ MAXZINO81

Deus  
♡

Letícia Bezerra Santana da  
Silva

♡ MINHA ESSENCIA :

-Taylor Swift

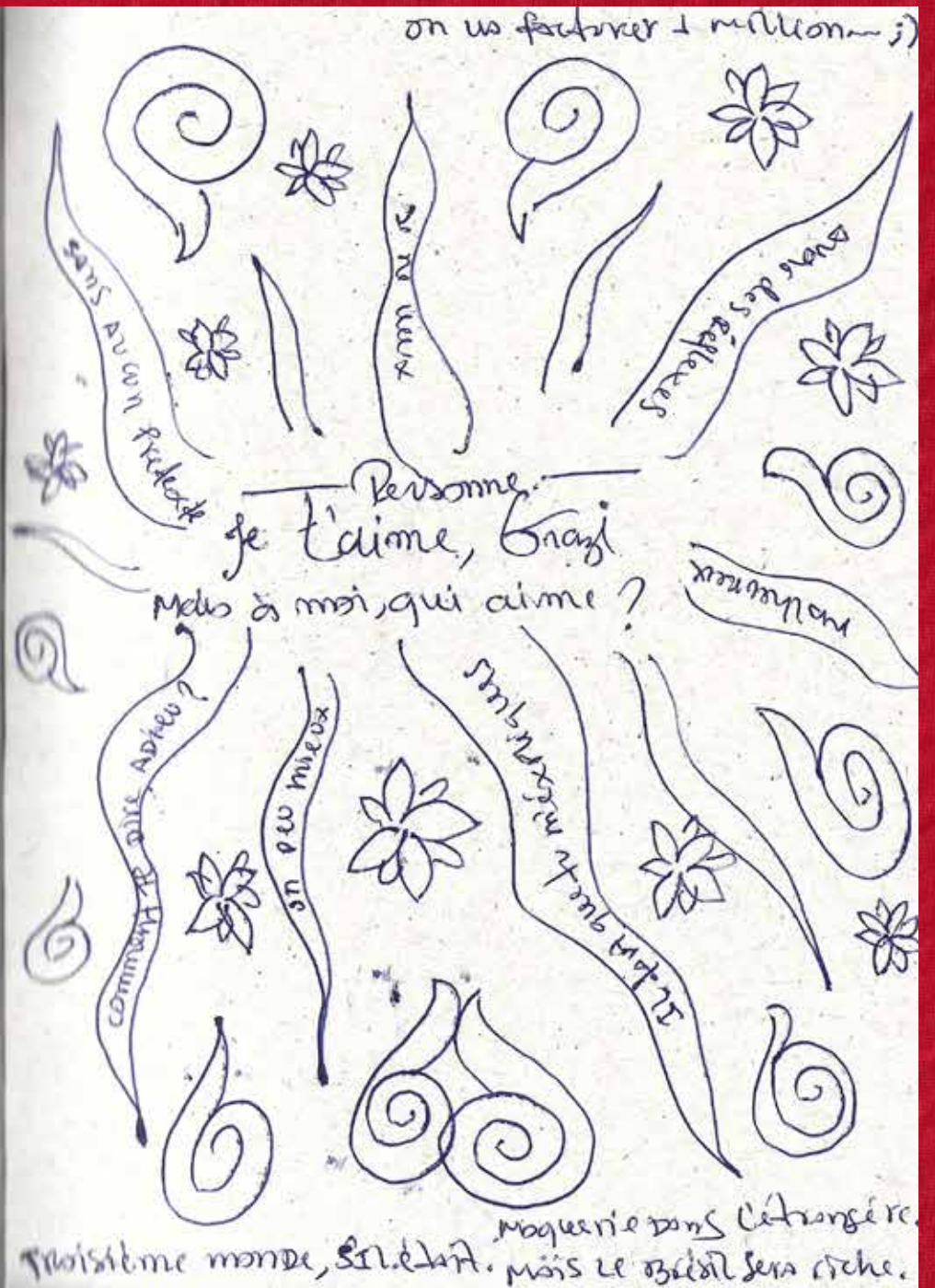
Livros

Música ♡

2018

Namós dixer que entrem,  
que emvadam o seu tar.  
Pedir que quebrem, que acabem  
com seu bem-estar. Namós  
pedir que quebrem o que eu  
constitui pra mim, que  
soquem tar, que detuam  
o meu fardem.

2022



Transcrição da roda de conversa que aconteceu ao vivo no Instagram oficial do projeto @entre\_tecer no dia 13/09/2022

Káisa: Então, foi um desafio desde o início, desde que submeti o projeto da minha pesquisa para o edital Recife Virado foi uma dificuldade, foi um processo de escrita que foi colaborativo, eu tive ajuda de outras pessoas para submeter e adaptar a linguagem para linguagem de edital, que é um espaço importante, que eu acho que os artistas precisam ocupar mesmo e garantir verba para conseguir construir seus trabalhos, porque é um trabalho. Então, o desafio começou aí: em submeter ao edital. E depois que passou eu atuei tanto como artista quanto produtora, então eu fiquei nesse lugar de produtora cultural, então meio que gerenciando os processos burocráticos também que às vezes conflitava com o fazer artístico e às vezes eu queria só criar e não ter que resolver problemas burocráticos que acontecem, imprevistos e, enfim, coisas que acontecem mesmo quando a gente... Foi a primeira vez que eu me inscrevi num edital e que passei e que consegui a verba pra o projeto, então foi tudo novidade, foi tudo primeiras vezes pra mim. Então, foi mais difícil por ter atuado tanto como produtora quanto artista nesse processo, mas foi de muito aprendizado e eu acabei gostando também de estar nessa parte, mesmo sendo mais burocrática, é um lugar que eu me encontrei também. O começo foi assim pra mim. E agora mesmo acabando eu sinto que as coisas ainda estão em processo porque eu ainda vou me debruçar muito sobre esse material dessa exposição, eu vou pensar mesmo sobre o que aconteceu e o que está acontecendo e que ainda reverbera aqui com a gente.

Gabriella: Káisa tava falando dessa dificuldade da produção, desse papel da produtora e artista ao mesmo tempo e tal e eu acho que dava pra fazer uma live só sobre esse assunto né, que acho que bate até com o que

Sumaya falou antes do curador artista também. Eu sou artista e curadora, Guilherme é artista e curador. Então, a gente tá todo mundo, no final das contas, nesse embolado dessas fronteiras, então falem um pouquinho vocês desse contato dessas provocações. Sumaya falou um pouco da fotografia, da provocação de Mitsy. É interessante como cada um de vocês tem certas ferramentas para desenvolver o trabalho e como isso foi também sendo um ponto de tensão no momento da construção - tensão no sentido positivo da coisa, um ponto fervilhante assim, digamos. Então, se vocês quiserem falar um pouquinho sobre isso, acho que é bacana.

Sumaya: Isso foi muito massa, porque a gente fazia propostas uns pros outros e a gente ia construindo ao longo do tempo. Isso foi um impulso, foi uma instiga maior pra gente trabalhar outros materiais que a gente não tinha tanta familiaridade. Por exemplo, eu com a fotografia, foi bom fazer o exercício de leitura da fotografia de Káisa e Mitsy, me acrescentou como apreciadora de arte mesmo, como consumidora de arte, essa nova leitura que eu tive, essa nova visão que eu tive de realmente ler a imagem. Foi muito interessante essa troca dessas habilidades. Káisa começou a modelar também, a gente fez o livrinho, que foi muito massa pensar... de dobras, assim. Quando eu fui pra exposição, aquele livro de processos que a gente ia dando a cada semana, a cada duas semanas, pra cada um, a gente ia trocando ele, né? Uma semana tava comigo, uma semana tava com Káisa, outra semana tava com Gui. Foi interessante ver na exposição que as pessoas utilizam ele, sabe? Inicialmente, isso não era a proposta, ia ser outro livro dentro desse livro, mas aí teve complicações com isso, tempo e tudo mais. Mas aí ficou interessante isso também, porque cada pessoa - eu imaginei, né? - que ia na exposição é como se ela tivesse pegando também o livro de processo. Foi muito legal ver esses riscados... às vezes era sei lá, a arroba do instagram. A pessoa folheou o caderno que passou por mãos da gente, que ficou com a gente o tempo inteiro, às vezes, intensamente

a gente escrevia, às vezes, ficava só de stand-by; e outra pessoa entra na exposição e segura ele também, folheia ele e escreve qualquer coisa, sabe, isso é um ato muito não sei eu achei bonito isso de pegar esse objeto livro e escrever, colocar alguma coisa dentro dele que tava dentro de você. É legal esses processos que vão se construindo que a gente nem pensa enquanto a gente tá construindo eles, e aí, no final, que não é um final, que a gente acha que é o final, tem uma ideia incrível com um resultado incrível que a gente nunca imaginou. Foi muito massa se desprender das amarras e só fazer, sabe? A parte boa.

Mitsy: Assim, a gente viveu tudo isso, então, foi um processo desde o convite. Eu tava me lembrando da primeira reunião que a gente teve, lá no ateliê que vocês, Sumaya e Kaísa, dividem, eu tava lembrando desse encontro e como a gente tava meio assim sem saber o que ia rolar, o que ia encontrar... Foi um também momento da gente compartilhar um pouco dos nossos processos, processos de criação de cada um, entender por onde é que passava, o que era interessante nisso, o que poderia ser interessante da gente compartilhar, porque apesar da gente estar se encontrando desde janeiro, desde o início do ano, né? Então, parece bastante tempo, mas também pra um processo que... pra um projeto que permitia também ser grande, né? Que além dos encontros, também tinha a questão da própria exposição que eu encaro também como sendo uma outra etapa desse processo, porque eu acho que o primeiro foram as nossas afetações, o quanto que nossos processos de criação puderam provocar, e isso, pra mim, foi muito significativo.

Gabriella: O limite dessas próprias etapas também, eles se dissolve nos final das contas, porque é isso, assim... Pensando no que Sumaya tava falando dessa intervenção do público, do pessoal que foi ver a exposição interferindo nesse caderno que a gente coletivamente criou e escreveu e colocou lá processos, enfim, então, esse momento todo, essa discussão toda

é muito, realmente, assim, provocadora porque é desestabilizadora, não dá pra gente saber exatamente nem quando essas etapas vão acontecendo, não por aleatoriedade, né? Porque a gente tem um compromisso, um rigor de encontro, de provocação, mas é algo que se dá a partir do afeto, que se dá a partir da provocação dos outros, foi algo que eu até tentei colocar lá no texto curatorial dessa interferência inclusive de quem tá participando da exposição enquanto supostamente espectador, só que não, né? Porque é ativo também. Eu queria ouvir um pouco vocês dessa experiência de ver a exposição. Tem uma obra lá mais especificamente agora não vou nem lembrar o nome da obra, é o livrinho dobrado, que tá sem a autoria porque tem aí a autoria contaminada, que foi um momento de provocação, que eu e Guilherme conversando decidimos propor pra vocês, como é pra vocês essa coisa da autoria contaminada, tipo assim, 'a minha assinatura na obra', como é que é essa experiência de abrir mão talvez dessa autoria em algum momento, de ter a autoria contaminada pela provocação do outro,

Sumaya: Acho que pra mim essa não-autoria, esse não saber do autor, eu acho isso incrível, pra mim os meus trabalhos nem teriam autoria, porque eu gosto, assim... Teve uma coisa também, que os meus corações, os pendentos, eles tinham uma luz né, eles têm uma luz dentro vermelha, e aí quando a expógrafa, Mari, perguntou como ligava como desligava, se era pra desligar e aí eu pensei: poxa, não desliga, a bateria vai acabar e é isso. Ele vai se resignificar, sabe? Ao longo da exposição. E isso não é um problema, isso acrescenta ao trabalho. O tempo. Eu acho que tudo nessa exposição é o tempo. Todos os corações ligam no mesmo momento e eles irem se apagando em tempos diferentes. E, tipo, eles não iam se apagando, porque a luz natural entrava na galeria, sabe? E isso foi muito massa quando eu pensei que eles poderiam simplesmente... ninguém precisava tocar e desligar e ligar, eles iam fazer isso por eles mesmos, a partir do toque das pessoas, tipo, a marca das mãos, sabe? Os desgastes

que esses corações têm, a tinta deles, sabe? Não das pessoas tocando nele e mexendo nele, isso é uma coisa que eu quero sempre levar no meu trabalho, essa interferência, acho que não chega nem a ser interferência, essa... é uma construção com o outro de estar participando... é o afeto mesmo. E, tipo, você não precisa... pelo menos eu acho, quer dizer, em algum momento precisa, mas... eu acho interessante, acho que é essa a palavra, esse mistério até, em alguns momentos nem é mistério, porque é tão óbvio, sabe? Se um trabalho de Mitsy não tiver o nome dele, eu vou saber que é dele, porque é ele, é um espelho, isso é muito bonito e tira essa posse, sabe? Esse ego meio do artista, até das pessoas que vêm a exposição, essa coisa meio igreja, sabe? Todo mundo pode participar, todo mundo é artista em algum nível. E essa construção é muito bonita, eu acho.

Gabriella: Isso que tu fala me faz pensar, Sumaya, na própria desmistificação do gênio. Porque é isso, pra gente fazer uma coisa acontecer, nesse contexto específico nosso, a gente tava se reunindo e vocês se provocando objetivamente pra fazer a exposição acontecer, mas mesmo quando não é nessa circunstância, a gente sabe que a gente tá também se afetando com outros artistas, outres, outras artistas, enfim, com outras pessoas. Inclusive, não-artistas que nos tocam, que a gente esbarra na esquina, que a gente encontra na rua, que vai lá ajudar na parte técnica de fazer a exposição acontecer. Então, assim, realmente, a gente não faz nada sozinho. Isso é algo que me deixa muito feliz, também, de estar fazendo parte disso, porque é um projeto que tem esse mote tão fundamental que é notar a importância do afeto em relação ao outro, né? Eu tenho uma pergunta que foi a primeira... Eu, enquanto pessoa que tava acompanhando todo esse processo etc., anotei o tempo todo o que a gente tava conversando, esporadicamente etc., e a primeira coisa de todas que eu anotei foi o que eu coloquei no início lá do texto curatorial uma pergunta que eu queria fazer de novo pra vocês agora, que é: "Como é lidar com o começo das coisas?"

Como é? Abre?", que foi inclusive uma pergunta de Mitsy que eu anotei aqui entre as aspas, e fiz questão de colocar no texto curatorial só com as aspas abertas, sem fechar, no sentido de também tentar trazer justamente o que a gente tava falando anteriormente de quão discursos, quão essas falas tanto da gente enquanto curador - eu e Guilherme - que tá lá na parede, essas falas estão misturadas com o discurso de vocês como artistas. Queria que vocês comentassem sobre isso então. Não sei se uma resposta, talvez uma resposta não seja a melhor coisa, mas comentar um pouco disso de como é que é lidar com o começo das coisas? Como é? Abre?

Sumaya: Eu acho que agora, pra mim, é incrível, animador, empolgante, Ferve, sabe? Adrenalina. Mas, antes, quando eu comecei o projeto, era assustador pra mim, porque, tipo, é como se quando eu pensasse no começo das coisas, principalmente num projeto grande. Pra mim, foi um projeto importante, eu ficava pensando no final, então, eu não pensava no meio do processo e foi bonito ver isso, porque no final das contas, a conclusão que a gente teve é que o meio é o importante, a gente tem que olhar para o processo. O começo é o que aconteceu e o final é alguma consequência, e às vezes nem tem o final, sabe? Então, é isso, agora, olhando pro começo eu queria abraçar essa menina medrosa. Acho que é isso.

Kaísa: O começo pra mim acho que é meio parecido, é uma coisa que dá medo. Sei lá, eu acho que não vou conseguir, mas é algo que eu mesma estou propondo, né? E aí fica essa insegurança, gera uma insegurança. É como aquela carta de tarot "O louco", que é o começo de tudo, que ele está desbravando novos caminhos e tem várias direções e nada foi construído ainda. É o começo de uma nova jornada. É sobre desbravar novos caminhos do zero. Não do zero, porque a gente tem uma bagagem, mas é um ponto de partida que vai levar a algum lugar. Eu acho que eu consegui aproveitar esse processo, que foi uma coisa importante



pra mim, de observar mesmo com cuidado o processo. E um processo compartilhado com outras pessoas, então, essas afetações, esses diálogos, essas conversas... é mais ou menos por aí, é uma pergunta difícil, mas é por aí.

Sumaya: E para você, Gabriella?

Gabriella: Eu acho que abre. Acho que tem que abrir mesmo. Abrir corpo, coração e afetar mesmo. Agradeço a vocês por terem compartilhado esses processos. Disse no começo, e repito: eu aprendi muito e foi muito feliz, pra mim, fazer parte, acompanhar e ver o resultado... ficou assim, belíssimo! Enfim, ver todas as obras né? Eu fui hoje lá no último dia. Consegui ir lá. Enfim, ver as obras juntas, ver o quão as obras se misturaram entre si, e como as autorias se misturaram, como Sumaya bem pontuou: mesmo tendo lá ou não tendo a autoria, a gente sabe no final das contas, vê os rastros e vê os outros que estão de alguma maneira contribuindo pra isso, então, só agradeço de novo e acho que, sim, pra lidar com essas coisas que a gente abre, eu acho que a gente tá precisando assim de abertura para o afeto. Acho que essa exposição fala muito por si só.

## Bios da equipe

Toda a primeira equipe é formada por artistas-pesquisadores da comunidade LGBT, visto que:

“uma das premissas fundamentais da pesquisa em bricolagem é transformar realidades, verdades, políticas etc. que privilegiam poucos e marginalizam e/ou oprimem muitos, o looping de feedback funciona propositalmente para evocar espaços imaginários, virtuais; isto é, espaços repletos de possibilidades infinitas para criar novas realidades que sejam inclusivas, diversas, socialmente justas, equitativas e respeitadoras da agência e da participação democrática e igualitária.” (KINCHELOE; BERRY, 2004, p. 130).

Ana Gabriella Aires (1997) é poeta e pesquisadore-educadore. Publica e recita poesias de maneira autônoma desde 2016. Graduiu-se em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco (2019), onde aprofundou-se nas questões estéticas e políticas do poema. Em 2021 iniciou pesquisa no Programa de Pós-Graduação em Literatura Comparada da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, quando vai caminhando às questões dos trânsitos, das errâncias, das translínguas, das transfronteiras, das transculturações. Coidealizou o Selo Além-Mar, que tem por principal desdobramento a Zine ALÉM-MAR, da qual é autora do editoriais e outros textos (poesias). Tem se descoberto curadora e produtora cultural a partir do exercício de tais funções (desde 2019), principalmente em espaços autônomos, que se articulam ao (ou partem do) trabalho feito junto às palavras.

Guilherme Moraes é curador, educador e editor da revista-espaço Propágulo, licenciado em artes visuais pela Universidade Federal de

de Pernambuco (UFPE). É pesquisador da curadoria enquanto práxis educativa e do curatorial enquanto metodologia de aprendizado. Foi curador das mostras Desculpas Pelas Quais, na Garrido Galeria, e Disfarce ou Dissimulação, na Galeria Esporo, em 2021. Em 2022, foi curador da mostra A Beleza da Lagoa É Sempre Alguém, na Galeria Janete Costa. É pesquisador pelo Programa de Pós-graduação em Artes Visuais UFPE/UFPB na linha de processos educativos.

Kaísa Andrade (1995) é artista visual e pesquisadora. Nascida em Aracaju, vive e trabalha em Recife. Sua pesquisa artística atualmente investiga processos de criação em rede, a partir de práticas colaborativas, utilizando o caderno de artista compartilhado como dispositivo para registro e socialização desses processos criativos coletivos. Mestranda (2021) em Artes Visuais pelo PPGAV UFPE/UFPB. Especialista (2019) em Fotografia e Audiovisual pela UNICAP. Graduada (2018) em Publicidade e Propaganda pela UFPE. Atuou como arte-educadora no Museu Paço do Frevo (2019-2020). Realizou a Exposição Individual Mulheres: Corpo Afora (Centro Cultural Correios Recife, Recife, 2018) e participou de diversas exposições coletivas, dentre elas: Isto é um roçar de mãos? (Aquário Oitocica Museu de arte Moderna Aloísio Magalhães - MAMAM, 2022), Confluências (Hotel Globo, João Pessoa e Museu Murillo La Greca, Recife, 2022); Tramações (Galpón Gráfico, Argentina, 2020); Quarentena Projetada (Instituto Moreira Salles e Mídia Ninja em 5 estados do Brasil, 2020); Propágulo 3 (Galeria Capibaribe e Museu Murillo La Greca, Recife, 2019).

Mariana Melo é graduada em Artes Visuais pela Universidade Federal de Pernambuco. Atua na área de expografia, montagem e produção de exposições desde 2014, ano em que iniciou na empresa Art.Monta Design, onde permaneceu por 6 anos. No período de 2018 a 2019 atuou na

Fundação Joaquim Nabuco desenvolvendo projetos expográficos para exposições temporárias de curta e longa duração da instituição. Em 2021 fez parte da equipe de Produção Cultural da Oficina Francisco Brennand e hoje soma seu trabalho como assistente de planejamentos e projetos da instituição às atividades que exerce de maneira independente nas áreas de expografia, produção e montagem de exposições.

Mitsy Queiroz, 1988, Recife, Pernambuco. É artista-pesquisador Mestre em Artes Visuais e pedagogo, interessado no corpo a corpo com a fotografia e a superfície sensível dos processamentos analógicos, uma base técnica favorável à observação de alguns fenômenos como a imagem latente. Refletiu em sua dissertação de mestrado sobre o atravessamento do tempo em programações fotográficas que encarnassem a experiência do corpo trans no mundo. Desde a condução metodológica do seu gesto fotográfico pensa as temporalidades curvas, a percepção de corporalidades em transformação e os encantamentos de uma ancestralidade afro-indígena. Coordena o programa “Laboratório de Investigação Artística: Corpas que quebram” que aproxima um grande público de pesquisas poéticas em tecnologias da imagem, explorando as potencialidades pedagógicas da produção de saberes da contemporaneidade, com recorte às epistemologias de corpos dissidentes que dentro da academia fogem à norma da construção do conhecimento colonial eurocêntrica. Suas participações como artista-pesquisador mais recentes são no projeto de residências artísticas SESC Confluências 2018-2019; nas feiras SP-Arte e SP-Foto 2020 com o coletivo Nacional Trovoa; o filme “Primeiras Contrações” na plataforma Práticas Desviantes; a direção de fotografia do filme Aracá, dirigido por Abiniel Nascimento; Texto e vídeo “Domingo de packer e calcinha” no projeto Salivas, explorando a sexualidade do corpo transmasculino atravessada pelo silicone; Artista convidado para Revista Propágulo edição 7 impressa

e a participação no programa “Ato Modernos” de comissionamento de obra pela Coleção Ivani e Jorge Yunes com a Pinacoteca de São Paulo desenvolvendo a pesquisa “As Ilhas do Pina”.

Sumaya Nascimento (1994), nasceu na cidade do Conde, no estado da Paraíba. Vive e trabalha em Recife. Graduada pelo Instituto Federal de Pernambuco (IFPE) no curso técnico de Artes Visuais. É artista transdisciplinar. Começou a produzir em 2014, sendo seus primeiros trabalhos pinturas e esculturas. Desde então, realiza trabalhos em diversas linguagens, como modelagem em argila, livro de artista, instalação, videoarte. Participa do coletivo GRAVOS e da idealização, organização e colaboração do projeto Além-Mar, espaço de criações, produções e reproduções artísticas e críticas. Pensa sua pesquisa a partir dos afetos, criando narrativas sobre tempo, memória e o espaço-agora.

Thaís Schio é jornalista de formação pela Universidade Católica de Pernambuco e pós-graduada em Design de Interação para Artefatos Digitais no CESAR School. Em 2021, recebeu o 28º Prêmio da Exposição de Pesquisa Experimental (EXPOCOM) na categoria nacional de design editorial. Tem experiências enquanto assessora de imprensa, repórter cultural em veículos de comunicação como a Revista Continente (Editora Cepe) e no desenvolvimento de estratégias de comunicação. Elabora imagens, vídeos, podcasts e diversos conteúdos multimídia.

